



DRAVOS

FILHOS DO ACORDO

THAIS LOPES



DRAVOS

FILHOS DO ACORDO

THAIS LOPES

1ª Edição
Belo Horizonte
2018

Copyright ©2018 Thais Lopes

Capa & Diagramação

Thais Lopes

Todos os direitos reservados. É proibido o armazenamento ou a reprodução de qualquer parte desta obra – física ou eletrônica -, sem a autorização prévia do autor.

Para Jess, que pediu para virar personagem, soltou um “você consegue” e ouviu mais “eu te odeio” que qualquer outra pessoa que eu conheço.

UM

A televisão enorme na parede do quarto está mostrando uma nave espacial gigantesca. Solto o ar com força. Queria estar vendo qualquer outra coisa, menos isso, mas não tenho opção. Nem tenho mais nada para fazer. Ou seja: vou continuar olhando para a TV e fingindo que isso é só mais um filme. Um daqueles que meus amigos me obrigavam a assistir com eles, porque eu prefiro as histórias com mais romance do que essas coisas espaciais estranhas.

A nave gigante é estranha. São duas “torres” de cada lado, ligadas por uma parte mais comprida e grossa. Prefiro as naves comuns dos filmes que já vi. Acho que as maiores parecem triângulos, algo assim. Não essa coisa sem forma definida. Além de estranha, ela é feia.

Consigo ver algumas naves menores em volta dela, mas são pontinhos cinzentos. Só sei que são naves porque estão indo de um lado para o outro. Não podem ser outra coisa, não é? Não aqui.

Tudo bem, pelo menos tenho um quarto só para mim. Isso já é um progresso. E posso fingir que estou assistindo um filme.

Uma sirene dispara em algum lugar. Não está muito alto aqui dentro do quarto, mas consigo ver luzes amarelas piscando por debaixo da porta. Amarelo quer dizer que não preciso me preocupar. Certo. Se fosse vermelho...

Respiro fundo. Se eu ficar pensando nisso vou entrar em pânico, e já tive tempo o suficiente para aprender que não vai adiantar nada. É melhor eu me concentrar no meu “filme”.

A nave esquisita está mais perto, agora. O que é... São explosões? As naves menores estão explodindo? E tem mais duas naves se aproximando, nenhuma delas nem perto do tamanho da esquisita, mas... Eu acho que estão atacando. Não estou vendo naves virando bolas de fogo nem nada do tipo,

mas tenho quase certeza que estão explodindo, sim.

Uma parte da nave estranha pega fogo. Não. Já apagaram. Não... Não apagaram. Não tem mais *ar* para queimar. E parece que pedaços da nave estão se soltando.

As outras naves, as menores e que estavam atacando, desaparecem. Acho que se afastaram demais para eu conseguir ver. E nós continuamos nos aproximando.

Pego um dos travesseiros e o abraço. Não quero ver mais nada. Se isso fosse um filme, eu ia dizer que sei exatamente o que vai acontecer, e olha que nem gosto muito de filmes de coisas de espaço. Mas não quero ver isso aqui. Só... Não consigo parar de assistir.

Abafo um grito no travesseiro quando vejo um raio azulado acertar a nave esquisita. Outra parte dela pega fogo – uma das torres estranhas. E mais outra. E... A nave começa a se partir.

A nave onde eu estou acabou de destruir a nave esquisita. Eles *explodiram* a outra nave. Mataram todo mundo que estava lá dentro. Nem me importa se são aliens, mas... O tamanho daquela nave. Quantas pessoas...

Ai meu Deus.

E eu achei que as coisas estavam melhorando... Meu Deus. Isso...

Continuo encarando o monitor, com o travesseiro tampando minha boca, enquanto a nave se desfaz pouco a pouco. Vejo mais raios azulados acertando os pedaços maiores, até que mal dá para imaginar que havia uma nave *enorme* ali antes.

Como alguém faz uma coisa dessas? É... É diferente quando estou vendo algum filme. Isso aqui é real. Tinha *pessoas* lá dentro. E eles estão destruindo todos os pedaços, tudo o que poderia ter sobreviventes...

Escuto um ruído sibilante, como ar escapando, e me encolho contra a cabeceira da cama antes de me virar para a porta do quarto. Um dos aliens está parado ali, olhando para mim. Não consigo deixar de correr os olhos por ele: não muito alto, com o corpo definido o bastante para isso ser visível mesmo quando ele está usando as roupas escuras que parecem ser quase um uniforme de todos nessa nave, cabelo escuro e tão curto que parece quase raspado, olhos escuros em um rosto de tirar o fôlego... E pele azul clara. *Azul*. Dravos. O único desses aqui que eu sei o nome certo, porque foi ele quem me

comprou.

Olho de volta para o monitor. Não quero ficar analisando o corpo dele, mas já aprendi que não tenho escolha. É mais uma das coisas que os aliens fizeram comigo. Não é a primeira vez que sinto essa curiosidade misturada com uma atração absurda por um dos ETs, por mais estranhos que eles sejam. Mas é só uma reação automática. Não é uma escolha minha, nunca que seria. Então vou ignorar, como sempre fiz até agora.

— Está tudo bem?

Assinto sem olhar para ele. Tudo bem, exceto o fato de que acabei de ver quando *ele* destruiu uma nave gigantesca e matou sabe-se lá quantas pessoas. Porque uma das poucas coisas que sei sobre essa nave é que é *dele*. Então, aqueles tiros? Foram ordens de Draco. *Dravos*. Droga. Não vou estragar o nome do meu personagem favorito de Harry Potter assim. Vou enfiar o nome certo desse alien na minha cabeça.

— Ouviram um grito...

E eu queria acreditar que ele realmente está preocupado comigo. Que ele realmente está hesitando na porta do quarto e que esse tom de voz suave é para não me assustar. Mas não posso. Ele é um dos aliens. Ele me comprou, como se eu fosse gado.

Eu nunca vou acreditar em um deles. Muito menos confiar, especialmente em um que me deixa desse jeito. Não posso.

— Você não deveria ter visto isso — ele fala.

Olho de relance para onde ele está. Dravos deu alguns passos para dentro do quarto e está olhando para o monitor. Desvio o olhar depressa quando ele olha para mim. Não deveria ter visto que ele é um assassino?

Aperto o travesseiro com mais força, abaixando a cabeça. Só quero que ele saia daqui.

— Se você decidir que quer saber, é só perguntar.

Saber o quê? Quantas pessoas ele matou? Quanto está recebendo por isso? Porque me lembro de alguma coisa sobre ele ser um mercenário. Mercenários fazem esse tipo de trabalho por dinheiro, não é? O trabalho sujo, que ninguém mais quer?

Continuo com a cabeça baixa até ouvir o ruído de ar escapando de novo. Quando levanto a cabeça, Dravos saiu e a porta está fechada. E o monitor na

minha frente continua mostrando os destroços da nave. Pelo menos isso. Pelo menos ele não está tentando fingir que nada aconteceu.

Abraço o travesseiro e me deito de lado na cama. Não sei nem quanto tempo faz desde que vim parar aqui. E falar isso é melhor que dizer “fui abduzida”. Só sei que acordei em uma cela, numa nave alienígena, com mais três mulheres. Fizeram testes e experiências em todas nós e... Uma delas foi levada logo depois. Vendida para um alien que me dá pesadelos até hoje. Foi aí que percebi que não estava tendo um sonho bizarro. Eu estava *vivendo* um pesadelo. Ia ser vendida para um ET, que ia fazer sabe-se lá o quê comigo. Sem a menor chance de escapar. Sem poder fazer absolutamente *nada*.

Até que a nave onde estávamos foi atacada. Se tem uma coisa que não consigo me esquecer, é das luzes normais se apagando e da sirene do alarme, com as luzes vermelhas piscando, a nave tremendo e os barulhos de explosões. Eu tive certeza que ia morrer.

Nunca entendi o que aconteceu ali, nem sei se quero. Só sei que uma das mulheres conseguiu sair da cela e nos deixou com os novos aliens que chegaram ali, que pareciam uma mistura de humanos com crocodilos de cabelo azul. A essa altura, eu não conseguia nem gritar mais.

E foram esses aliens que acabaram me vendendo para outro ET, João Mário - Jumari ou algo assim, na verdade. Nunca consegui aprender a falar o nome dele certo. Pelo menos ele não era um dos aliens como o primeiro que eu vi, que levou a mulher. Ou como o outro que apareceu na nossa cela depois, para levar uma novata, que era vermelho e parecia um demônio. João Mário só tem a pele um pouco laranja. Pelo menos, foi a única diferença que eu notei. E ele se especializa em ensinar terráqueas a viver aqui, no espaço.

Talvez fosse melhor se eu tivesse ouvido o que ele falou, sobre fazer alguma coisa da minha vida. Mas... Não. Não e não. Eu não queria ver os aliens, não queria ficar perto deles, não queria nem aprender qualquer coisa que quisessem me ensinar. Alguém vai me julgar? Eles são ETs e me compraram. Se queriam me ensinar alguma coisa, era para aproveitarem depois. Para quê, não sei. Mas não ia ser à toa. E admito: estava com medo. Muito medo. Esses aliens podem fazer qualquer coisa com a gente. Eles têm uma tecnologia diferente de tudo que já vi, são muito mais fortes, nos abduziram sem a menor dificuldade... A melhor coisa que eu podia fazer era ficar o *mais longe possível* deles. E fazer eles ficarem longe de mim.

Acabou que aprendi algumas coisas, mas só por causa de Paloma. Ela estava na cela comigo, quando acordei, e foi vendida junto comigo. Mas quando João Mário entrou no quartinho onde nos deixaram pela primeira vez, ela resolveu que ia aprender tudo o que podia. De noite, quando a levavam de volta, ela me explicava o que conseguia.

Não faço a menor ideia de quanto tempo foi assim. Às vezes João Mário voltava para tentar falar comigo, mas... Como é que vou aceitar aprender qualquer coisa que um alien quer me ensinar? E as histórias de Paloma não me faziam querer sair dali, não mesmo. Elas só confirmavam o que eu já sabia: quanto mais longe dos aliens, melhor.

Até o dia em que Dravos apareceu na porta do nosso quartinho. Me lembro de ver Paloma se encolhendo assim que ouviu o nome dele, mas não tive nem tempo de reagir. João Mário entrou no quarto e me puxou para fora. Dravos me encarou de cima a baixo, falou alguma coisa que não entendi, e João Mário me empurrou na direção dele. Simples assim. Como se eu fosse nada. Um pacote de gente trocando de mãos.

E agora estou aqui. Na nave de um mercenário assassino. Tem como ficar pior?

DOIS

Tem.

Quase sou jogada para fora da cama quando a nave balança com força. Consigo me segurar e me sento, olhando para o monitor. Mas não tem nada nele, só os pedaços da nave que destruíram...

O alarme principal começa a tocar e tampo os ouvidos. *Esse faz barulho até dentro do meu quarto.* As luzes vermelhas no corredor passam pela fresta debaixo da porta. É meu pesadelo. De novo. Eu vou morrer aqui.

A nave balança de novo e rolo para fora da cama. Agarro um travesseiro e me arrasto até a quina da parede. Acho que aqui tem menos chances de eu ser jogada de um lado para o outro. E... Estou mais longe da porta.

A imagem no monitor apaga de uma vez. Abafo um grito no travesseiro quando as luzes do quarto se apagam, também. Está acontecendo de novo. *Não, não, não, não.* Não quero morrer aqui. Quero voltar para casa. Quero esquecer que isso aqui aconteceu.

— Atenção! Todo o pessoal para as áreas de segurança — uma voz mecânica fala, vinda não sei de onde. — Atenção! Todo o pessoal...

Não sei o que isso quer dizer. Podem até ter implantado um tradutor em mim, para eu entender as sei lá quantas línguas dos aliens, mas isso não quer dizer que sei o que isso significa. Só sei que... É ruim. As luzes vermelhas começam a piscar dentro do meu quarto, também. Não sei o que são essas áreas de segurança, mas acho que eu devia estar indo para lá.

Eu vou morrer aqui. E vou morrer porque não faço a menor ideia de para onde preciso ir.

Afundo a cabeça no travesseiro e tento não chorar. Isso não adianta nada, já aprendi. Só quero não precisar ver o que vai acontecer. Se vão nos explodir, se vamos cair, se estamos sendo atacados... Não quero ver. Só espero que seja rápido, por favor.

Escuto a porta se abrindo e abraço o travesseiro com mais força.

— Se levante.

É Dravos, pelo menos, e não algum outro alien esquisito que esteja atacando a nave, mas... Balanço a cabeça, ainda abraçada ao travesseiro. Ele fala alguma coisa, baixo demais para eu ouvir, ao mesmo tempo em que a nave balança com força de novo.

— Não temos tempo para isso.

Levanto a cabeça quando escuto passos pesados. Dravos está vindo na minha direção, com uma expressão tão... Tão fria que só consigo me lembrar que ele é um assassino. Que ele deu a ordem para destruir aquela nave gigante, mesmo se não tiver feito isso ele mesmo.

Dravos para na minha frente, me encarando, e vejo quando ele dobra os joelhos para se equilibrar quando a nave balança de novo. Estico um braço para me segurar, mas bato de lado na parede. É impressão minha ou está ficando pior?

Eu não quero morrer aqui!

Dravos segura o braço que estiquei e me puxa. Me levanto, soltando o travesseiro por reflexo, e ele continua me puxando na direção da porta. Quase caio, sem saber se tento ficar no quarto ou se vou com ele. Dravos para e se vira para mim.

— Se quer viver, venha comigo.

Respiro fundo e tento responder, mas não consigo falar nada. Só vou com ele.

O corredor está deserto e as luzes vermelhas continuam piscando e falhando às vezes. Dravos resmunga alguma coisa em voz baixa e me empurra na direção de uma das paredes.

— Se segure na barra o tempo todo.

Só então vejo que tem uma barra pregada na parede, pouco abaixo da altura do meu ombro. Acho que me lembro de Paloma me falando alguma coisa sobre medidas de segurança, algo sobre gravidade artificial... Agarro a barra com minha mão livre, enquanto Dravos continua segurando meu outro braço. Não é fácil acompanhar o passo dele sem soltar a barra, estou quase tendo que correr, mas... Não quero pensar no motivo dessas luzes. Não quero. Só quero que isso acabe logo.

Como se querer alguma coisa fizesse alguma diferença.

Um alien sai de um dos corredores laterais e para quando nos vê. E é um dos que se tem algum parentesco com a humanidade, é um parentesco beeeem distante.

— Dravos, posso cuidar dela.

O alien estica uma mão com três dedos que têm aquelas coisas de polvos na parte de baixo na minha direção. Não, não, não. Solto a barra e me aproximo mais de Dravos, quase me escondendo atrás dele.

— Cuide dos sistemas secundários — Dravos fala e eu solto um suspiro aliviado. — Eu levo ela.

O alien assente e entra em outro corredor. Dravos se vira para mim e vejo que ele tem pontos coloridos subindo pelo pescoço. São três linhas, bem perto uma das outras, uma azul, uma amarela e uma rosa. Elas estão brilhando ou é impressão minha? Levanto a mão. Quero saber como vai ser passar os dedos nelas e...

Dravos dá um passo para o lado e aperta meu braço.

— Se controle.

Respiro fundo e dou um passo atrás, esticando a mão para segurar a barra quando as luzes vermelhas piscam de novo. Não tenho nada que ficar querendo colocar a mão *nele* nem sentir a sua pele nem *nada*. Nada! Isso é culpa do que fizeram comigo quando me abduziram, a coisa da compatibilidade que Paloma mencionou.

Mas será que ele também está *sentindo* essa mesma coisa? Isso é uma coisa que eu nunca descobri, se essa compatibilidade funciona para as duas pessoas, sempre, ou se...

Não tenho que ficar pensando nisso. Não. Tenho.

— Atenção! Pouso de emergência em andamento! Atenção! Pouso de emergência em andamento! Todas as medidas de segurança se aplicam! Atenção!...

Engulo em seco quando percebo que a fala junto com o alarme mudou. Isso não parece bom. Não mesmo.

Dravos começa a andar/quase correr pelo corredor e desta vez eu tenho que correr mesmo para conseguir acompanhar. No meio do corredor, ele vira em uma passagem lateral e abre uma porta marcada com alguns desenhos

estranhos, me puxando para dentro.

Aliens. Vários aliens, todos usando aquele mesmo uniforme escuro e sentados em cadeiras estranhas presas em paredes baixas espalhadas pela sala. Os que estão mais perto da porta começam a se levantar. Dou dois passos para trás, ficando quase atrás de Dravos e meio fora da sala, mas ele me puxa para a frente.

Tento não olhar para os aliens quando Dravos me leva para uma das cadeiras. Acho que ele faz algum sinal para os outros, porque parece que ninguém está nem olhando para mim. É melhor que a forma como os aliens na nave de João Mário me encaravam.

Obedeço quando Dravos fala para eu me sentar e ele puxa uma rede de cintos de segurança e os prende ao meu redor. Mal consigo me mexer, mas quando a nave balança de novo e para de forma brusca, acho isso é bom. Não sei como Dravos conseguiu continuar de pé.

— Volto para te buscar — ele fala.

Se a gente não morrer antes.

Assinto e agarro os cintos com força.

Dravos fala alguma coisa para um dos aliens que está aqui e sai da sala. A porta se fecha atrás dele e vejo uma coleção de fechaduras, proteções e sei lá mais o quê. Uma das salas seguras? É isso que queria dizer?

Não vou pensar no motivo para todas essas fechaduras e essa rede de cintos de segurança. Não vou. Nem pensar que estou cercada de aliens que podem fazer o que quiserem comigo a qualquer momento. E que estamos fazendo um pouso forçado, o que obviamente não é boa coisa. E que as luzes vermelhas ainda estão piscando e o alarme fazendo aquele barulho irritante, mas a voz parou de falar aquele aviso...

As luzes se apagam de uma vez, mas o alarme continua apitando. Fecho os olhos e aperto os cintos com mais força. Eu vou morrer aqui. Não quero morrer aqui, não quero morrer aqui.

Um dos aliens fala alguma coisa sobre entrar na atmosfera logo antes da nave começar a tremer. Começo a rezar baixinho. Isso é pior que qualquer tipo de turbulência num avião. Muito pior. E parece que não tem fim. A nave está tremendo tanto que não sei como não está se partindo. E se estiver? E se estiver quebrando e soltando pedaços pouco a pouco... Acho que lembro de

ter visto alguma notícia sobre isso uns anos atrás, sobre um satélite soltando pedaços quando entrou na órbita da Terra de novo... Ou é só coisa da minha cabeça?

Eu não quero morrer aqui.

A nave para de tremer. As luzes se acendem de novo, as luzes normais dessa vez, não as do alarme. E aquela sirene infernal também parou. Respiro fundo. Vai dar certo. Nós vamos pousar. Eu não vou morrer aqui.

Eu quero minha casa.

As luzes se apagam de novo. Grito quando a nave *cai* de uma vez e o alarme começa a apitar de novo. Dessa vez a impressão que eu tenho é que estamos batendo, quase quicando em alguma coisa. Abaixo a cabeça, me segurando com força nos cintos que estão me prendendo no lugar. Não quero morrer aqui, não quero morrer aqui, não quero morrer aqui.

O alarme para de tocar e parece que a nave parou, também. Continuo agarrada nos cintos. Não vou comemorar cedo de novo. Não. E se tivermos parado na beirada de um penhasco e a nave estiver balançando, quase caindo e...

Não vou ficar pensando nisso.

As luzes acendem de novo, devagar dessa vez. Os aliens começam a conversar em voz baixa, mas não consigo entender o que estão falando. Não sei se estão falando baixo demais para o tradutor que implantaram em mim ou se é uma língua que não está programada, mas... Não quero saber o que estão falando.

— Atenção! — Desta vez é a voz de Dravos vindo de algum autofalante escondido. — Pousamos em Serkanri Cinco. Aguardem instruções.

TRÊS

Um pouso forçado num planeta selvagem. Pelo menos, foi isso que eu entendi da conversa dos aliens. Não demorou muito depois que pousamos para Dravos mandar todos de volta para suas funções, e logo depois ele aparecia na sala para me levar de volta para o meu quarto. E se eu fiquei feliz porque ele voltou, foi só por causa daquela coisa da compatibilidade. Só por isso. E porque ele é menos assustador que os outros aliens.

Quando me trouxe para cá, Dravos falou alguma coisa sobre terem estragado a nave. Propulsor atingido – pelo menos eu acho que foi isso que ouvi – e mais algumas coisas que não fizeram o menor sentido para mim. O que entendi foi: atiraram de volta na nave no meio daquela confusão, fizeram um estrago tão grande que ele foi obrigado a pousar no primeiro planeta que achou e que vamos ficar parados aqui um bom tempo enquanto fazem os consertos.

Se eu não estivesse nessa nave também, ia dizer um ‘bem feito’, porque foi merecido depois de destruírem a nave esquisita e matarem todo mundo. Na verdade, isso é bem menos do que eles merecem.

Agora, a coisa sobre esse ser um planeta selvagem... Não gostei disso. Não mesmo. E é literalmente uma selva lá fora. O monitor da parede do meu quarto agora está mostrando árvores e mais árvores enormes, com folhas vermelhas. Não ia nem ser uma paisagem estranha, se de vez em quando eu não visse um alien passando perto das árvores. Elas são gigantescas. Muito, muito grandes. E é uma selva mesmo: são árvores de vários tipos e tamanhos para todo lado, com trepadeiras caindo dos galhos e cipós e...

Daqui a pouco vai sair um dinossauro gigante do meio disso tudo e abocanhar a nave de uma vez só.

Balanço a cabeça e abraço meu travesseiro de novo, me sentando na cama. Não vou ficar pensando nisso. Não vai ter nada demais nessa selva, só

uns passarinhos fofos. Mais nada.

O quarto está todo bagunçado. Tive que arrastar o colchão de volta para cima da cama e pegar os travesseiros do outro lado do quarto. Acho que agora entendi por que não tem nenhum tipo de enfeite e coisinhas de decoração por aqui. Se o monitor não fosse embutido na parede, tenho certeza que ia estar torto também. E descobri umas presilhas estranhas nas pontas do colchão. Nem parei para pensar no que podiam ser e as preendi na cama. Minha dúvida é se estavam presas antes ou não.

E o que será que aconteceria se alguém estivesse dormindo quando a nave estava balançando daquele jeito? Ai meu Deus, acho que nunca mais vou conseguir dormir. Não quero acordar sendo jogada para o outro lado do quarto.

Queria ter o sangue frio daquelas duas doidas que estavam presas comigo. Suelen e a novata, a que o cara demoníaco comprou. Ia ser muito mais fácil, mesmo que eu ainda ache que elas são doidas mesmo. Como alguém consegue ficar calma depois de acordar em uma cela numa nave alienígena? Não, não mesmo.

Olho ao redor, vendo o quarto vazio. Não que ele *seja* realmente vazio. Tem um guarda-roupas estranho embutido na parede, que se abre quando aperto uma das marcas mais escuras na parede. Mas a impressão que eu tenho é que estou num quarto que não tem nada além de uma cama de solteiro e paredes cinza. Não sei por que estou reparando nisso agora, mas... Faz quanto tempo que estou aqui? Pelo menos quando estava no quartinho da nave de João Mário eu tinha Paloma para me distrair e contar o que estava acontecendo lá fora.

Acho que a culpa foi dessa confusão toda e do pouso forçado. Não consigo dormir nem ficar olhando para o monitor fingindo que tudo é só um filme depois daquela cena da nave sendo atacada. Saco. E agora?

Olho para o monitor de novo. Os aliens estão andando pela selva ao redor na nave, alguns arrastando galhos e outras coisas que não consigo ver o que são. Eu odeio mato. De verdade. Mato é cheio de insetos, coisinhas com muitas patas e... Não. Mas não faço ideia de quanto tempo faz que estou trancada dentro de uma ou outra nave. E depois que sairmos daqui, não faço a menor ideia de quanto tempo vou continuar trancada dentro de uma, então...

Isso é uma péssima ideia. Não, não é péssima, é horrível mesmo. Mas se

eu ficar aqui dentro olhando para as paredes vou ficar louca.

Só espero que não tenha nenhum monstro lá fora, só esperando para devorar a nave e todos nós.

Coloco a mão no painel ao lado da porta, que se abre com aquele barulho de ar escapando. Ainda não entendi porque Dravos não me trancou no quarto. Na verdade, logo que me comprou, ele falou alguma coisa sobre eu poder andar pela nave à vontade. Como se eu fosse querer ficar mais perto ainda dos aliens. O que vi da tripulação da nave me dá medo e não nego. A maioria deles é menos parecida com humanos que os homens crocodilos que vi logo que fui abduzida.

Mas... Acho que não faz mal nenhum chegar na porta da nave, não é? Só na porta. Não vou sair para o meio dessa selva de jeito nenhum. Prefiro morrer de tédio.

O corredor do meu quarto está vazio. Ótimo. Será que todo mundo está lá fora? Espero que sim. Espero *mesmo* que sim. Agora só preciso me lembrar de como sair daqui. Sei que tenho que descer um andar... Nunca pensei que naves espaciais fossem ter *andares*. Mas me lembro muito bem de ter entrado em um elevador estranho. Será que foi só um andar mesmo?

Consigo dar uma volta inteira pelo corredor principal e voltar para a porta do meu quarto sem achar o elevador. Acho que eu posso acrescentar “senso de direção” na lista das coisas que eu queria ter. Pelo menos já sei que não tem nenhum alien aqui. Quer dizer, é o que parece, porque não vi ninguém.

Respiro fundo e fecho os olhos, tentando me lembrar de quando cheguei na nave. Não faz tanto tempo, eu deveria conseguir me lembrar de para que lado o elevador fica. Acho que virei em pelo menos dois corredores... Para quê colocar o elevador num canto escondido? Não podia ser no corredor principal?

Sigo o corredor de novo e viro em uma das passagens laterais. Se isso não der certo, eu vou aproveitar que não tem ninguém aqui e começar a andar de um lado para o outro dentro da nave só para não ficar sentada olhando para as paredes. Se bem que é bem provável que eu acabe fazendo isso mesmo, porque as chances de eu não conseguir achar o caminho de volta são grandes.

Mas... É o elevador? Paro na entrada de outro corredor, estreitando os

olhos. É o elevador lá no final. Agora só preciso descobrir como descer. Quer dizer, quando eu cheguei, eu subi até aqui, não foi?

A porta se abre assim que eu me aproximo. Seja o que Deus quiser... Entro no elevador e olho para o painel. Tem uma luz piscando, mas eu não faço a menor ideia do que ela significa. E o painel é parecido com o que fica do lado da porta do meu quarto: ou seja, não tem nenhum botão para eu tentar adivinhar para onde preciso ir. E agora?

O elevador se fecha antes de eu conseguir pensar em sair. Me encolho contra a parede dele. Estou descendo? Acho que estou. Mas para onde? E por quê? Alguém deve ter chamado o elevador, e aqui dentro “alguém” quer dizer um alien.

Eu devia ter ficado no quarto.

O elevador para. Me encolho ainda mais quando a porta se abre. O mesmo alien de mais cedo, o dos dedos-tentáculos, está parado do outro lado. Eu não devia ter saído do quarto. Encarar as paredes é melhor que vir parar no meio dos ETs.

O alien dá um passo para o lado, saindo de frente da porta. Para eu poder sair? Mas e se ele só estiver fazendo isso justamente para eu sair e ele poder me pegar e... Eu não sei como fazer essa coisa funcionar para subir de novo.

O alien solta um suspiro que só consigo pensar que é exasperado. Por algum motivo, tenho vontade de rir disso. Acho que é porque é um som tão *humano* vindo de um alien que definitivamente é qualquer coisa *menos* humano.

Saio do elevador quase correndo, mas vejo quando o alien aponta para um corredor lateral. Não olho para trás, mas escuto a porta se fechando de novo. Por que eu fui pensar que sair andando pela nave era uma boa ideia?

Viro no corredor que o alien apontou. Minha outra opção é ficar dando voltas até achar a saída, então...

Paro na entrada do corredor. A luz aqui está diferente. Mais amarelada, sem ser as luzes brancas e fortes da nave. Será que isso quer dizer que achei a saída?

Continuo andando pelo corredor até chegar em uma porta larga. Pensando bem... Olho para trás. O corredor *termina* aqui e estou em um salão enorme. Será que posso falar que isso é o portão de carga? Ou alguma coisa

assim?

Olho para o outro lado e paro. É... É lindo. Paro encostada na parede ao lado do portão, olhando para fora. As árvores são maiores que eu pensei. *Muito* maiores. A impressão que eu tenho é que a nave é só um pedregulho, perto delas. E as cores... Pelo monitor não consegui ver as cores assim. Os troncos das árvores são em tons de marrom e verde, nada de diferente, mas o vermelho das folhas é diferente... Quase puxando um pouco para o rosa. E as flores que consigo ver, mais baixo na vegetação, são azuis, roxas, turquesa... Lindo. Até tenho vontade de pegar uma das flores, mas acho que elas são grandes demais para eu trazer para dentro. Se é que *posso* trazer alguma coisa assim para dentro. Isso se não forem plantas carnívoras gigantes, esperando um desavisado passar perto delas...

Por que é que eu continuo pensando nessas coisas? Mas é um planeta selvagem. Ou seja, isso é bem possível. Então essa selva pode até ser linda, mas não vou colocar o pé para fora dessa nave. Mesmo que essa seja a minha chance de fugir, porque os poucos aliens que vi nem estão tão perto da nave. Devem estar consertando o que quer que seja em outro lugar. Mas se eu fugir, para onde vou? Perdida e sozinha nisso aqui? Não. Prefiro minhas paredes cinzentas.

Escuto passos pesados no corredor e me viro de uma vez, me apertando contra a parede. Quase dou um suspiro aliviado quando vejo que é só Dravos. Quando foi que passei a ficar aliviada por ver ele? Se bem que, comparado com o resto da tripulação... Isso não é surpresa nenhuma.

— Não achei que fosse te ver aqui fora — ele fala.

Não achei que fosse sair, também, mas não tenho mais nada para fazer. Dou de ombros e me viro quando ele passa por mim e para bem no meio do portão. Dravos encara a paisagem lá fora e quando dou por mim estou encarando os pontinhos coloridos no seu pescoço de novo. Será que eles descem pelo seu corpo? Não faço a menor ideia, porque sempre que vejo Dravos ele está com esse uniforme escuro de mangas compridas. Aliás, qual a necessidade que esses aliens têm de manter a nave gelada? Eu mesma estou com duas das blusas que me deram, as duas de mangas compridas, e continuo com frio.

Sabe o que ia acabar com esse frio? Calor humano. Ou calor alien. *Desse* alien. Minha cama pode ser de solteiro, mas tenho certeza que cabe nós dois.

É só ajustar tudo direitinho. E aí eu posso ver se tem mais pontinhos coloridos pelo resto do corpo dele e...

Balanço a cabeça com força. Tenho que parar de pensar nessas coisas. Eu odeio isso. Ele é um alien. Ponto. Isso aqui é culpa da tal da compatibilidade. Só isso.

Mas acho que ele merece uma resposta, não é? Só não sei o que dizer.

Me encolho quando um alarme dispara e tampo os ouvidos. Dessa vez é só a sirene, sem luzes, mas mesmo assim...

— Volte para o seu quarto! — Dravos fala.

Não espero para ver o que ele vai fazer. Já estou correndo de volta para o elevador.

— Atenção! Intruso na nave! Atenção...

Tento ignorar a voz nos autofalantes. Estamos em um planeta selvagem e agora um alarme de intruso dispara? Isso não é bom. Isso não é nada bom.

QUATRO

Eu não aguento mais ouvir alarme. Não dá. Chega. Viro mais um corredor e paro. Onde é que eu estou? Sei que o elevador me deixou no andar certo – eu reconheci onde saí. O problema é achar o corredor certo. Especialmente com esse alarme apitando o tempo todo e o aviso de intruso na nave. Eu só quero o meu quarto!

Por que é que depois de tanto tempo sem nenhum problema, de repente é uma coisa atrás da outra? Passei quanto tempo sem ouvir um alarme desses? Nem sei mais. Mas agora toda hora é um diferente.

Não devia ter saído do meu quarto. Devia ter ficado trancada lá dentro, que aí pelo menos eu não ia ficar pensando no tamanho do portão de carga da nave e como não tinha ninguém vigiando ele. Qualquer coisa pode ter entrado na nave. Não esqueci que estamos num planeta selvagem.

Solto um suspiro aliviado quando viro em outro corredor e reconheço onde estou. Corro para o meu quarto e... A porta está aberta? Mas essas coisas não fecham sozinhas? Paro na porta e olho para dentro. Nada. O quarto está vazio e do jeito que deixei. E eu estou ficando paranoica. Se bem que acho que isso é uma boa coisa, aqui.

Entro e coloco a mão no painel para fechar a porta. Nada. Como assim, não quer fechar? Será que eu estraguei a porta? Oxe, mas eu só coloquei a mão aqui para abrir... Tiro a mão e coloco de novo. A porta faz um barulho estranho mas não sai do lugar. Eu quebrei isso. É a única explicação.

Dou um passo atrás e a porta se fecha. Coisa estranha. Mas pelo menos agora o barulho do alarme está abafado e eu não preciso ficar escutando aquela voz falando que tem um intruso na nave...

Eu ouvi um miado?

Paro no meio do quarto. De novo. É um miado, tenho certeza. E é o mesmo som estranho que eu achei que a porta tinha feito. Como é que tem

um *gato* aqui dentro?

Me abaixo e olho debaixo da cama. É o único lugar onde um gato pode ter se escondido. E sim, tem uma sombra mais escura encostada na parede.

Eu sempre quis ter um gato.

— Chaninho, chaninho... — chamo.

O gato continua no mesmo lugar. É assim que se chama um gato, não é? Por que é que ele não veio? Chamo de novo e ele se mexe, mas só se encolhe mais na quina da parede. E agora?

Me sento no chão, ao lado da cama, e estico uma mão. Não tenho nada para fazer mesmo. E ficar esperando o gatinho sair é melhor que ficar preocupada com o tal alarme de intruso, não é? Já estou trancada no quarto mesmo, não tem nem perigo de alguém entrar aqui.

Apoio a cabeça na cama e olho para o monitor. Alguns aliens continuam lá fora, mas são bem menos que antes. Acho que estão vasculhando a nave atrás do tal intruso. Ou vigiando o portão, o que seria uma ótima ideia. Espero que consigam consertar o propulsor – acho que isso que faz a nave voar, mas não tenho certeza. Estou começando a pensar que eu devia ter assistido mais filmes espaciais. Por que não fazem filmes de coisas no espaço com mais romance, hein? Aí eu acho que ia pelo menos saber do que os aliens estavam falando.

Continuo encostada, olhando para o monitor, e começo a bater os dedos no chão. Que preguiça. Ou melhor, que tédio. E o alarme continua apitando. Já deveriam ter resolvido isso, não? Espero que isso não continue apitando por muito tempo, porque uma hora eu vou querer dormir.

Alguma coisa bate na minha mão. Paro de tamborilar com os dedos e abaixo a cabeça. O gatinho está deitado no chão, com uma pata esticada para a frente. E ele parece ser verde. Certo. É um gatinho alien, devia ter esperado alguma coisa assim. Volto a bater os dedos no chão e ele estica a pata ainda mais, batendo de leve na minha mão. Ahh, que fofinho. Quero ele para mim. Será que ele é de alguém da tripulação e escapou nessa confusão toda?

Levanto a mão e ele para, acompanhando meu movimento. Agora, tirar ele de debaixo da cama...

Começo a bater os dedos na minha perna, do mesmo jeito que estava fazendo no chão. O gatinho encara minha mão, parecendo desconfiado, e se

arrasta para a frente. Ain, eu não sei de quem ele é mas não vou devolver. É meu.

Ele coloca a cabeça para fora e estica uma patinha para bater na minha mão. Turquesa. Ele não é verde, é turquesa. Coisinha mais fofa do mundo!

Paro de bater os dedos e estico a mão na direção dele. O gato olha para mim e depois para minha mão, quase como se estivesse me avaliando. Fico parada, esperando para ver o que ele vai fazer. O gatinho se levanta e cheira minha mão, antes de enfiar a cabeça debaixo dela e se esfregar. Owwn, coisa mais linda. O pelo dele é super macio. Passo a mão pela sua cabeça e paro para coçar atrás da orelha. Ele faz mais um barulho estranho – eu diria que está ronronando, mas é diferente. Não sei explicar. Mas ele sai de debaixo da cama e se esfrega em mim. É meu!

O gatinho está um pouco gordo. Pelo menos, eu acho. Não quero nem pensar no que ele anda comendo. Vou ter que descobrir, não é? Mas é meu gatinho.

Continuo brincando com o gato, que está se esfregando na minha perna. De tempos em tempos ele bate a cabeça na minha mão para eu coçar atrás das suas orelhas. Coisinha fofa. Se ele não fosse turquesa, ia ser idêntico a um gato da Terra. Um daqueles peludos, que dá vontade de apertar.

A porta do quarto se abre e escuto os passos pesados de Dravos.

— Está tudo bem aqui? Os sensores...

O gato se levanta de uma vez e corre de volta para debaixo da cama.

Meu gatinho...

Me viro para a porta.

— Você não assusta meu gato!

Não espero para ver o que Dravos vai fazer e olho debaixo da cama. O gatinho está encolhido na quina da parede.

— Fofinho, vem cá. Vem... Chaninho...

O gato nem se mexe. Olho para Dravos de novo. Ele ainda está parado na porta, me encarando com uma expressão estranha.

— Está vendo o que você fez? Agora ele está com medo!

— Isso é um felino de espécie desconhecida vindo de um planeta inexplorado — ele fala. — Não é um acompanhante.

Acompanhante? De onde ele tirou isso?

— Eu não quero saber a espécie dele. É só um gatinho. Um gatinho turquesa... Mas é só um gatinho! Não precisa assustar ele assim, coitadinho!

Dravos revira os olhos. Não tenho outra forma de descrever isso.

— Assustar? Esse animal é um predador. Vou precisar te mostrar as garras dele para você entender isso?

— Gatos têm garras. — Cruzo os braços, sem nem pensar em me levantar.

Ele não fala nada por um instante, me encarando. Continuo onde estou, na frente de onde o gatinho se escondeu. Dravos balança a cabeça e levanta a mão. Ele está apertando os pontinhos coloridos? Ah, não, é alguma coisa na sua orelha.

— O intruso foi localizado. Desativem o alarme. Vou cuidar disso.

O intruso? Olho para baixo da cama. Meu gatinho é o intruso?

O gato mia baixinho e vem na minha direção. Passo a mão na sua cabeça e puxo ele para o meu colo. O gatinho vem e se deita, virado para Dravos. Ele pode até estar parecendo tranquilo, mas acho que está pronto para fugir de novo.

— Não precisa ter medo, não vou deixar o homem mau te levar embora.

O gatinho mia e esfrega a cabeça em mim. Fofo.

Dravos solta o ar com força e sai do quarto. Tenho a impressão de que ouvi uma risada abafada vinda do lado de fora, antes da porta terminar de se fechar, mas não tenho certeza.

Me levanto, carregando o gato, e me sento na cama. Ele é tão fofo. E é dócil. Não entendo o motivo dessa falação toda sobre ele ser um predador. Isso é óbvio, não é? O que não impede que ele seja fofo. Ou que seja um amorzinho que está se esfregando em mim.

E eu preciso arrumar algum brinquedo para ele. Gatos gostam de bolas, não é? Me levanto e abro o guarda-roupas. Tem alguns pares de meias aqui, porque pelo que entendi botas são coisa obrigatória dentro uma nave. Pelo menos, eram na nave de João Mário e também são aqui.

Faço uma bola com um par de meias e a levanto. O gato ficou deitado na cama, mas levanta a cabeça. Jogo a bola de meia no chão. Ele pula da cama e vai atrás dela. Rio quando ele bate com a pata na bola e a joga para um lado do quarto, corre, bate de novo, para o outro lado... Futebol de gato.

Vê lá se uma coisinha fofa dessas vai ser perigosa!

Escuto o barulho de ar escapando e o gato corre para debaixo da cama de novo. Me viro para a porta, cruzando os braços. Dravos me encara com uma expressão resignada. Quer dizer, se ele fosse humano, eu diria isso. Mas não faço ideia do que é, de verdade. E ele está segurando uma caixa pequena... Não, isso não é uma caixa. Será que é alguma coisa para pegar meu gatinho? Não, é pequeno demais para ser isso...

— Você não vai me deixar levar esse felino, não é?

Balanço a cabeça depressa.

— Não.

Dravos suspira e separa a coisa estranha que está segurando. São dois potes baixos de um formato meio esquisito, não exatamente redondos, brancos mas um pouco transparentes. Ele os coloca no chão e me encara de novo.

— Você é uma complicação que eu não queria ter.

Sinto meus olhos encherem de água. Uma complicação? Complicação é eu estar aqui, quando devia estar em casa e...

Não vou chorar. Isso não vai adiantar. Não vou.

Dravos continua me encarando e então balança a cabeça.

— Se ficar com... Gato? Foi esse o nome que usou? Se ficar com ele vai te deixar mais à vontade dentro da nave, que seja. Mas ele é responsabilidade sua. Estou usando os dados dos sensores da nave para sintetizar algo que seja comestível para ele, mas isso é tudo que vou fazer. Você cuida dele.

Assinto depressa. É claro que vou cuidar dele. É *meu* gatinho.

Eu tenho um gatinho. Estou sorrindo feito uma idiota, mas nem me incomodo.

Dravos balança a cabeça, ainda me encarando, e sai do quarto.

CINCO

Tenho quase certeza de que estraguei alguma coisa na porta, porque depois que voltei para cá meu quarto está barulhento. Toda vez que alguém passa aqui na porta, eu consigo ouvir os passos, como se estivessem aqui dentro. E consigo ouvir o que estão falando também. Entender, nem sempre. Mas consigo ouvir. O que foi que eu fiz?

Já fui conferir a porta, mas parece que ela está fechada, sem nenhuma fresta. Então por que é que de repente não está mais isolando o som igual antes? Só posso ter quebrado alguma coisa. Bosta. Pelo menos o gatinho está me distraindo dos barulhos lá de fora. Ele correu pelo quarto todo brincando com a bola de meia, até que cansou e parou perto de mim, miando sem parar. Acho que ele estava com sede depois da correria toda, porque quando enchi um dos potes que Dravos deixou no quarto com água da torneira do banheiro, ele bebeu quase tudo.

E preciso de um nome para o gatinho. Fofinho é uma boa ideia e é assim que estou chamando ele, mas quero um nome de verdade. Só estou completamente sem ideias. Acho que estou é cansada, depois dessa confusão toda, mas também não quero dormir. E se acontecer mais alguma coisa? Não quero acordar sendo jogada para fora da cama nem nada do tipo!

Me deito ao lado do gatinho, que vira para se enrolar mais perto de mim. Ele é muito fofo. Não importa o que Dravos fale, é só um gatinho. Não tem nada demais nisso. E, obviamente, ele não quer ir embora. Pelo jeito que ele se acomodou na minha cama, acho que se Dravos tivesse tentado levar ele embora, ia dar confusão.

E tem alguém andando no corredor de novo. Que saco. Queria saber o que fiz com essa porta, de verdade. Era tão melhor quando eu não ouvia nada que estava acontecendo lá fora...

E agora alguém está correndo. Por favor, que não seja mais problemas...

Abraço o gatinho e me seguro na cama, por via das dúvidas.

Quem estava correndo para, acho que bem perto da minha porta.

— Você está louco? Deixou a terráquea com o bicho? Sabe o que vai acontecer? Ele vai matar ela. É um predador!

Não sei quem está falando. Um dos aliens da nave, com certeza. Então obviamente a pessoa que estava andando é Dravos. E se ouvi o que ele falou sem a menor dificuldade, devem estar parados bem na porta.

Pelo menos não é nenhum problema novo.

Pego o gato e o coloco do outro lado da cama, perto da parede. Se resolverem levar ele embora, assim vai ser mais difícil. O gatinho mia e tenta voltar para onde estava. Seguro ele no lugar, pego a bola de meia e coloco na frente dele. Ele se acomoda e começa a brincar. Como é que alguém pode pensar que uma coisinha fofa dessas vai *me matar*? Aliens!

— O que você sabe sobre terráqueos? — Dravos pergunta.

Acho que essa resposta quer dizer que ele não está vindo levar meu fofinho embora. Me sento na cama, encarando a porta. Agora quero ouvir essa conversa.

— Baixa tecnologia, contato mínimo e restrito com o Acordo. Um tipo de humano extremamente adaptável.

Tipo de humano? Acordo? Acho que me lembro de Paloma falando alguma coisa assim, mas não sei se ela me explicou. Se explicou, esqueci completamente.

— Imaginei. De acordo com minha irmã, é quase uma norma social os terráqueos terem acompanhantes de outras espécies.

Acompanhantes? De novo com essa palavra... Quem quer que seja a irmã dele, acho que ela não entendeu o que é um bichinho de estimação. Não é difícil. A menos que os aliens não façam isso... É, acho que isso explicaria algumas coisas.

— Mas... Predadores? — O outro alien insiste.

Sim. Algum problema nisso? Cachorros também são predadores. E já ouvi falar de uns doidos que têm cobras e aranhas de estimação. Mas também tem gente que tem passarinhos, hamsters...

— Predadores — Dravos responde.

— Mas... E se ele matar a humana?

Olho para o gato. Uma coisinha fofa dessas nunca vai me machucar. Aliens exagerados. Isso é porque não são amados pelos bichinhos.

— Aí nós o matamos. Mas se ela quer ficar com o animal, não vou interferir. Foi a primeira vez que ela disse alguma coisa. É um progresso. E não sabemos o suficiente sobre essa espécie nem mesmo para dizer se realmente é perigosa.

Não vão matar meu gatinho.

E... É, acho que ele está certo. Foi a primeira vez que falei com ele, de verdade. As outras vezes só estava assentindo ou balançando a cabeça.

— Ela falou?

Reviro os olhos. O que tem demais nisso?

Dravos ri.

— Ah, falou.

Acho que eu não devia ter chamado ele de “homem mau”.

O outro alien fala alguma coisa baixo demais para eu ouvir e escuto passos se afastando. Será que posso ter esperanças de que os dois estão indo embora? Acho que não. Olho para o gato, que se esticou na cama e está me encarando com uma expressão preguiçosa. Acho que a essa hora ele já deve estar com fome. Se Dravos está aqui, espero que seja para trazer comida para o fofinho.

Não me surpreendo quando a porta se abre. Dravos olha para mim e cruza os braços. Ele suspira e mostra um pacote na sua mão. Parece um saco de plástico transparente comum, mas tenho certeza que é de um daqueles materiais que parece exatamente idêntico a alguma coisa da Terra mas é completamente diferente. E o saco está cheio de uma coisa meio rosa. Isso não parece nem um pouco com ração de gato.

— De acordo com os sensores da nave, isso aqui vai alimentar seu gato. Vai ter que nos avisar se tiver qualquer problema e quando estiver acabando.

Assinto e ele entra no quarto para colocar o pacote ao lado de onde os pots estão, encostados na parede perto do banheiro.

Banheiro.

— Preciso de uma caixa de areia.

Dravos se vira e me encara como se eu estivesse louca.

— Para ele. — Aponto para o gato estirado na cama atrás de mim.

Ele suspira.

— Você vai ter que me explicar isso.

Paro. Como é que vou explicar uma caixa de areia para ele? Eu nunca tive um gato antes!

— Gatos fazem suas necessidades e depois enterram — começo. Pelo menos, eu acho que é isso. — Aí depois é só jogar fora.

Dravos olha para o gato e balança a cabeça.

— Acho que consigo entender a lógica disso. Areia, você disse?

Assinto.

— Algum tipo de silicato — ele murmura. — Alguma coisa que absorva odores, para poupar o sistema de ventilação da nave...

Não faço a menor ideia do que ele está falando, mas deve ser isso mesmo. Mas não vou reclamar se ele continuar parado no meio do quarto, de braços cruzados. E que braços. Acho que ele conseguiria me carregar sem a menor dificuldade. Hmm... Isso me dá ideias. Talvez não seja tão má ideia assim não ter nada além da cama no quarto. Isso deixa as paredes livres para alguns usos mais interessantes.

Desço o olhar pelo corpo de Dravos. Tenho certeza que ele é puro músculos debaixo desse uniforme. E ainda quero saber se os pontinhos coloridos estão em mais algum lugar do corpo dele. Além disso, tem um volume bem convidativo no meio das suas pernas. E está crescendo enquanto olho. Passo a língua pelos lábios. Gosto disso.

Ai meu Deus, o que eu estou fazendo? Abaixo a cabeça e encaro o chão. Não tenho nada que ficar encarando Dravos ou ficar pensando essas coisas. Não mesmo.

Ele fala alguma coisa que não entendo, mas tenho certeza que foi um palavrão. Levanto a cabeça e me arrependo na mesma hora. Se eu estava olhando para ele do mesmo jeito que ele está olhando para mim...

Acho que já tenho minha resposta sobre se essa coisa da compatibilidade funciona para as duas pessoas.

— Qual é seu nome?

O quê...? Ah. Meu nome. Droga.

Respiro fundo. Ele é um alien, me comprou, é um assassino... Não posso ficar pensando nele assim.

E nem tinha percebido que nunca falei meu nome.

— Jéssica.

Dravos assente.

— Você sabe o que é isso, Jéssica?

Isso? Essa... *Coisa*?

— Sei que chama compatibilidade. E sei que é por causa de alguma coisa que fizeram comigo quando fui abduzida.

Ele assente de novo, sem sair do lugar. Faço um esforço para ficar olhando para o seu rosto.

— Compatibilidade. Um nome bonitinho para um experimento grotesco — ele fala. — Isso que você está sentindo é uma invenção antiga dos cientistas do Acordo. É a forma que eles encontraram de forçar o “melhoramento das espécies”. Ela cria essa atração entre pessoas que seriam geneticamente compatíveis para garantir que, mesmo que as espécies se misturem, o resultado sempre seja o melhor possível.

Me encolho na cama. Acho que eu preferia não saber o que isso é.

— Como se estivessem cruzando os melhores animais? — Murmuro.

Dravos assente.

Grotesco. Ele usou uma boa palavra. Eu poderia acrescentar mais algumas. E...

— Não tem como tirar isso de mim, não é?

— Não.

Abaixo a cabeça. Droga. Isso quer dizer que eu vou continuar olhando para Dravos e imaginando ele me jogando na cama? Ou na parede? Ou...

Balanço a cabeça com força. Chega.

— Não era tão ruim assim quando eu estava na nave do João Mário.

— João Mário?

Droga. Como é o nome do outro alien mesmo?

— Jumari? Não sei falar o nome dele.

Dravos ri em voz baixa. Aperto meus braços com força. Nunca achei uma risada sexy antes, mas a dele...

— J'Mharhi. Provavelmente porque você não ficava perto de quem era compatível com você. Parece que o efeito está aumentando quando passamos

mais tempo perto um do outro.

Faz sentido. Na verdade, é bom saber que ele também está sentindo a mesma coisa.

— Então... — começo e paro. Não faço a menor ideia do que vou falar.

— Vou arrumar sua caixa de areia. E depois disso... Sugiro que se acostume com meu pessoal, assim vai poder avisar algum deles se precisar de alguma coisa, sem falar comigo. Não quero fazer nada com você, mas isso é uma coisa que nem eu consigo prometer, se os efeitos da compatibilidade continuarem aumentando assim.

Dravos sai do quarto antes de eu conseguir pensar em uma resposta. Encaro a porta fechada, ainda de boca aberta. Pelo menos agora entendi o que é essa compatibilidade. O problema é... Depois de ouvir a conversa dele com o outro alien, e agora no meu quarto... Dravos parece normal demais para um alien assassino. E não tenho mais tanta certeza de que quero que ele não faça nada.

SEIS

Ainda estou pensando no que Dravos falou sobre a compatibilidade. Mentira, não é bem sobre o que ele *falou*. Não consigo evitar, mesmo que ele não esteja aqui. Como é possível que eu esteja sendo forçada a me sentir assim por causa de alguma coisa que injetaram em mim? Não é à toa que tenho medo dos aliens. Olha só o tipo de coisa que conseguem fazer...

Mas a questão não é o que eles fizeram comigo. É o que eu vou fazer. Porque tenho certeza que se continuar perto de Dravos, vou acabar pulando em cima dele. Isso definitivamente não é normal para mim, mas não duvido nada que aconteça. E ele não vai achar ruim. O problema é... Eu não quero fazer isso. Não de verdade. Posso até olhar para Dravos e ficar imaginando como ele é sem roupas, mas é só isso. É só olhar. Aquela coisa de aproveitar uma boa paisagem mesmo. Ele é gostoso? Se eu ignorar a pele azul clara, sim, até demais. Mas... Mas. Esse é o problema. Os “mas” na minha cabeça.

E ele é um alien, ele me comprou, ele deu a ordem para atirar na outra nave e matou sei lá quantas pessoas.

Não. Preciso parar de pensar nele.

Pelo menos o gatinho comeu. Acho que gostou da ração, na verdade, porque ele devorou quase tudo que coloquei no pote. E agora eu estou jogando a bola para ele, porque ele começou a andar pelo quarto todo miando alto. Espero muito que Dravos arrume uma caixinha de areia depressa, senão não faço ideia do que vou fazer.

E quase como se ele estivesse lendo minha mente, escuto alguém vindo no corredor. Aliens não podem ler pensamentos, não é? Espero *muito* que não.

Os passos param na minha porta. Olho para ela, esperando o barulho de ar escapando. Estranho. Por que é que Dravos não abriu a porta de uma vez, como sempre faz?

— Jéssica? O capitão mandou trazer isso...

É outro alien. Não é Dravos. Fico onde estou, sentada no chão e segurando a bola de meia. Ele falou que era melhor eu me acostumar com os outros, mas achei que fosse voltar...

Não quero responder um dos aliens. E se for o dos dedos-tentáculos?

O gato se senta, olhando para a porta, e mia alto.

— Jéssica? Terráquea?

Se eu não responder, o fofinho vai acabar mijando na cama. E não faço nem ideia de se Dravos vai voltar para trazer a caixa ou deixar eu me virar de qualquer jeito.

E eu não devia estar querendo ver ele de novo.

— Oi?

— Trouxe as coisas que o capitão mandou...

Respiro fundo. Então é só ele abrir a porta, não é? Dravos está fazendo isso desde que me trouxe para cá, por que é que o outro alien não faz a mesma coisa logo?

O alien fala alguma coisa em voz baixa e não consigo entender o que é. Se é que está falando em uma língua que meu tradutor entende... Eu preciso aprender a separar quando alguém falou baixo demais e quando é só alguma língua estranha.

— Você tem que abrir a porta — ele fala.

Encaro o painel ao lado da porta. Oxe, por quê? Dravos sempre abre a porta quando bem entende.

Eles não vão fazer nada comigo. O alien não está pedindo para eu abrir a porta para poder me agarrar e devorar meu cérebro ou...

O gato mia alto de novo e começa a andar na direção da porta. Fico onde estou. Ele para e olha para trás. Acho que estou começando a entender o que sempre ouvi falar sobre gatos acharem que eles são os donos dos seus humanos.

Me levanto e vou até a porta. Espero muito não quebrar mais nada... Coloco a mão no painel e dou um passo atrás depressa quando escuto o barulho de ar escapando. O gatinho corre para debaixo da cama de novo. Para quem estava praticamente me mandando abrir a porta, ele está mais medroso que eu.

O alien que está parado na porta não é o dos dedos-tentáculos. Nem tento disfarçar meu suspiro aliviado. Ele até parece ser humano, mas tem a pele clara e amarelada demais para isso. E tenho a impressão de que, na verdade, esse amarelado é de pelos. E ele tem penas escuras no meio do cabelo. Pelo menos, parecem ser penas.

Sem falar nada, o alien se abaixa e pega uma caixa comprida e baixa que parece ser do mesmo material que os potes que Dravos trouxe mais cedo. E ela também não é exatamente retangular... Tem um saco de plástico grande dentro dela, cheio de areia. Pelo menos a areia parece ser areia. Depois da ração rosa, já estava esperando areia azul.

Seguro os lados da caixa e quase deixo ela cair quando o alien começa a soltar. Isso aqui está *pesado*! Olho para o saco de areia. Por que a areia não podia ser leve? Nada aqui é normal mesmo...

O ET segura a caixa e começa a rir, mas para assim que olha para mim. Reviro os olhos.

Aponto para a parede ao lado da porta do banheiro.

— Tu pode colocar ali, por favor?

— Hmm... O capitão falou para não entrar...

Reviro os olhos de novo. Dravos podia se decidir. Ele quer que eu me acostume com os outros aliens, mas mandou o cara me entregar a caixa e não entrar no quarto?

— Eu não consigo carregar isso — aviso.

O alien me encara por um instante e dá de ombros. Fico olhando enquanto ele atravessa o quarto. É estranho como eles têm tantos gestos e reações quase humanos. Esse dar de ombro, os suspiros de Dravos... Se eles não fossem *tão* esquisitos, nem ia pensar que são aliens. Como se isso não fosse óbvio.

Ele coloca a caixa com o saco de areia onde apontei e volta depressa. Com medo de Dravos descobrir que ele entrou aqui? Mas é o *meu* quarto! O alien para na porta, olhando para mim.

A porta. Bem lembrado. Se é para eu me acostumar com os outros aliens... E, bom, eu tenho um gatinho alien. Se eu achei um gatinho fofo aqui, pode até ser que eu não precise ter medo de todos os aliens, não é?

— Você consegue olhar se tem algum problema com a porta? —

Pergunto depressa, antes de perder a coragem.

O alien olha para a porta e franze a testa. Acho que se ele tivesse sobrancelhas, elas estariam levantadas.

— Problema?

Assinto.

— Ela emperrou mais cedo e agora fico ouvindo tudo o que acontece no corredor.

Ele olha para mim e para a porta de novo, antes de voltar para dentro do quarto e parar na frente do painel.

— Não está com problema.

É a minha vez de levantar as sobrancelhas. Não?

— Jéssica... É isso mesmo? Seu nome? — O alien se vira para mim.

Assinto de novo. Ele fala meu nome de um jeito estranho, quase engolindo o “j” e o “s”, mas dá para entender.

— Você não aprendeu a usar os painéis de acesso?

Balanço a cabeça. João Mário tentou me ensinar e acho que Dravos também, logo que me trouxe para cá, mas eu não queria aprender nada que um dos aliens estivesse me mostrando.

O alien gesticula para eu me aproximar. Vou antes de pensar no que estou fazendo. De novo, foi um gesto tão humano que eu nem tive tempo de achar nada estranho. E pelo menos ele tem mãos e dedos normais, mesmo que tenha só quatro dedos na mão.

— Se você encostar aqui, vai travar a porta aberta — ele fala e aponta para uma área meio azulada no painel branco. — Foi o que você fez agora. Se tocar aqui, no vermelho, abre ou fecha o som externo. Fora dessas áreas, é a função padrão de abrir a porta e a fechar automaticamente.

Encaro o painel. Pensei que as partes com cores eram manchas mesmo. Alguma coisa que caiu no painel e que ninguém conseguiu limpar direito. Qual a dificuldade de usar botões? Não, tudo isso está no mesmo lugar. E as cores são muito claras. Mas... Não é complicado.

E complicado me lembra Dravos.

Me viro para o alien.

— Por que você não abriu a porta pelo lado de fora igual Dravos faz?

Ele olha para fora antes de se virar para mim.

— Só o capitão tem autorização para entrar nos quartos assim.

— Faz sentido — murmuro.

Pelo menos, eu acho que faz.

O alien assente e sai do quarto depressa. Paro na porta.

— Ei!

Ele se vira para mim.

— Qual é seu nome?

— G'krog.

G o quê? Eu nem vou *tentar* falar isso.

— Obrigada, Frog.

Ele inclina a cabeça para o lado e me encara antes de rir e assentir.

Volto para dentro do quarto e fecho a porta. Talvez eu tenha exagerado. Talvez... Se tem mais aliens como Frog e Dravos, com tantos gestos e reações humanas, talvez eles não sejam tão diferentes assim de mim... Dos terráqueos. E pensando bem, Dravos não fez eu me sentir uma prisioneira nem nada do tipo em nenhum momento. Fui eu que me tranquei no quarto e me recusei a chegar perto de qualquer um deles, porque são aliens. Só isso.

Olho para o quarto. O gatinho está cheirando a caixa e batendo no saco de areia. Coisa fofa. Se um gato alien pode ser tão fofo quanto um gato da Terra, por que eu achei que todos os aliens iam querer fazer alguma coisa comigo? Talvez... Nem todos.

Se bem que se Dravos quiser fazer alguma coisa comigo, não vou achar ruim.

Droga. Não vou ficar pensando nele.

O saco de areia é igual o saco de ração, daqueles que se fecham, praticamente idêntico aos que tem na Terra. Será que nós aprendemos com os aliens? Ou eles com a gente?

Consigo virar areia dentro da caixa sem fazer muita bagunça. Droga. Vou precisar de alguma coisa para limpar isso aqui depois. Uma pá, algo assim. Pelo menos eu sei onde jogar *resíduos orgânicos*.

O gatinho espera eu terminar e entra na caixa. É, chegou bem na hora. Vou no banheiro lavar as mãos enquanto ele faz as coisas dele. Não vou ficar olhando para ele. Mesmo que seja um gato, isso não deve ser legal.

Quando saio do banheiro, o gato está enterrando o que fez. Meu fofinho

é educado. Ótimo, porque eu não faço a menor ideia de como ensinar alguma coisa para um gato. Ele sai de dentro da caixa, olha para mim, balança o corpo e abre as asas.

Espera, *asas*?

Balanço a cabeça e dou um passo atrás. Meu gatinho *tem asas*. É por isso que ele parece tão gordinho. São as asas... Que também são cobertas de pelo. É estranho, mas é fofo. Me lembro de umas fotos de gatinhos fantasiados de morcego que vi uma vez. Fofo!

O gatinho mia e pula. Quando vejo, ele está voando.

SETE

Não sei como consegui dormir com um gato voador no quarto. Especialmente porque ele não queria dormir e a bola de meia não o distrai tanto assim. Vou precisar arrumar brinquedos ou pelo menos alguma coisa para ele ficar subindo. E um arranhador. Faço uma careta quando vejo o pé da cama. *Como* ele conseguiu arranhar isso aqui? A cama é feita de uma coisa que parece ser uma mistura de plástico super resistente. É a mesma coisa que eu vi na nave de João Mário, e sei que é quase impossível arranhar isso. Eu tentei. Queria contar os dias.

Olho para o gatinho, que está deitado no meio do quarto, de olhos fechados. Agora ele dorme, sem vergonha. Olho para o monitor na parede e paro, sentada na cama. Cadê a selva? A imagem é do espaço de novo, com um planeta se afastando. Pelo visto terminaram de consertar a nave enquanto eu estava dormindo.

Vou direto para o banheiro. Quero um banho bem quente. Não adianta, não consigo me acostumar com o frio aqui dentro, mesmo que eu sempre esteja vestindo pelo menos duas blusas. Os aliens devem ter algum tipo de controle da temperatura dentro da nave, não? Porque só consigo imaginar algo como um ar condicionado gigante para fazer o ar correr aqui dentro... Custava deixar um pouco menos congelante?

Deixo a água esquentar o máximo possível antes de entrar debaixo do chuveiro. Pelo menos *isso* é praticamente igual a qualquer coisa na Terra. E... Eu não sei o que vou fazer agora. Estou esse tempo todo dentro do quarto, mas sei que não vou aguentar ficar aqui. Já faz quanto tempo desde que eu fui abduzida? Não faço ideia, mas é bastante tempo. Acho que está passando da hora de me conformar.

Dou um pulo quando o gatinho mia. Ele está sentado do outro lado do campo de força que funciona como box, me encarando. Eu fechei a porta do banheiro? Não, não fechei porque tenho medo da porta travar e eu não

conseguir abrir mais. A fechadura é toda estranha, tenho direito de ficar preocupada. Então só deixo ela encostada. O gato mia de novo.

— Vai ficar me assistindo tomar banho? Sériio?

O gatinho abre as asas um pouco e se deita no chão. Ótimo. Vou ter que começar a fechar a porta. Continuo a tomar meu banho e olho para ele de novo. O gato nem se mexeu. Folgado.

Mas ele estar aqui só me faz pensar que é muita idiotice eu estar morrendo de medo dos ETs e não ter me preocupado nem um pouco com o gatinho – que *também* é alien. Eu nem assustei quando ele começou a voar pelo quarto, então por que estou com tanto medo assim dos aliens? Não que seja muito difícil entender isso, depois de ter acordado em uma cela com outras mulheres e ter entendido rapidinho que éramos *mercadoria*. Acho que dá para explicar porque quis tanto ficar o mais longe possível deles. Só que continuar assim não vai adiantar nada. Não adiantou muita coisa até agora, na verdade. Estou começando a me arrepender de não ter aproveitado o que João Mário queria me ensinar. Talvez não fosse nada demais. Pelo menos Paloma parecia não estar tendo problema nenhum, mas não sei se ela ia ter me contado se as coisas não fossem o que pareciam.

E os aliens que vi aqui não parecem ser tãããã diferentes assim. Não estou falando de aparência – ainda tenho arrepios só de lembrar do cara dos dedos-tentáculos – mas de como eles agem. *Ainda* estou pensando nisso. Dravos, Frog, os outros aliens que vi de passagem e na sala segura na hora do pouso de emergência... As conversas deles, as reações e tudo mais, tudo é *muito* humano. Não sei se isso é só aqui, na nave de Dravos e com os aliens que trabalham para ele, ou se eu que só comecei a notar isso agora.

Ou seja: hora de sair daqui. Do quarto, quero dizer. Ninguém me proibiu de ir em lugar nenhum. Aliás, quando Dravos me viu quase saindo da nave, ele só comentou que não esperava me ver fora do quarto. Só agora que estou parando para pensar nisso. Quer dizer que eu realmente posso fazer o que quiser aqui, então? E Frog me ensinou a mexer nos controles da porta sem nem parar para pensar.

Está decidido. Vou explorar a nave hoje. E quem sabe aproveito e descubro porque não aumentam a temperatura um pouco. Isso. E... Vou tentar não correr do primeiro alien que aparecer.

O gatinho mia. Ele está andando de um lado para o outro, sem chegar

muito perto do campo de força. Esperto. Não quer se molhar. Droga. Será que vou ter que dar banho no gatinho alien? Já ouvi histórias demais sobre como é difícil dar banho em gatos.

Banho ou não banho, ele vai passear pela nave comigo. Como foi que o outro alien falou com Dravos? Que ele é um predador e ia me matar? Me matar ele não vai, mas posso jogar ele em cima de qualquer alien que vier para o meu lado. É uma ideia. Desligo o chuveiro e passo pelo campo de força, sentindo a água desaparecer magicamente. *Isso é uma coisa que eu gosto. Agora, pensando melhor...* Não, eu não jogaria meu gatinho em um alien.

Hmm. Talvez em Dravos. O que será que ele faria?

Alguns minutos depois estou saindo do quarto com o gato no colo. E dessa vez eu confiro se a porta se fechou atrás de mim. Ainda não gosto das manchas coloridas no painel, mas pelo menos não esqueci que cor faz o quê.

O corredor do meu quarto está vazio, mas escuto passos não muito longe. Acho que estão vindo da direita, então vou para a esquerda. E para onde eu estou indo? Não faço a menor ideia. O gatinho se mexe e começa a miar. Coloco ele no chão. Ele se senta, lambe os pelos das costas e olha para mim. Folgado. Me abaixo para pegar ele de novo, mas o gato começa a andar. Bom, acho que ele conhece a nave melhor que eu. Não tenho nada melhor para fazer mesmo...

Acompanho o gatinho pelos corredores. Não faço a menor ideia de para onde estou indo, mas a ideia não era explorar a nave? Estou explorando.

Agora que não estou em pânico, até entendo as barras no corredor. Me fizeram assistir filmes espaciais o suficiente para eu ter visto os personagens caindo pela nave quando ela virava. Se bem que nunca entendi como alguém dentro de uma nave conseguia saber que ela estava virando. Quer dizer, existe em cima e em baixo no espaço? Mas esse tipo de coisa não é meu forte mesmo. Mesmo assim, faz sentido, como uma medida de segurança.

E eu percebi que estou me sentindo mais leve aqui. E isso não é uma expressão. Se não tomar cuidado, saio saltitando pelos corredores sem fazer o menor esforço. Estranho.

Depois de não sei quanto tempo andando de um lado para o outro e fingindo que não vi os quatro aliens que passaram por mim – e que fizeram a caridade de me ignorar também – tenho certeza de que este andar

praticamente só tem quartos. Vi uma cozinha pequena, vazia, e duas salas com uns sofás estranhos e mais monitores nas paredes, também vazias. Fora isso, todas as outras portas estavam fechadas. Na verdade, elas podem ser literalmente qualquer coisa. Estou chutando que são quartos porque todas são praticamente idênticas e só as marcas em cima do painel da porta mudam. Tentei entender uma delas, mas minha cabeça começou a doer quando fiquei muito tempo olhando o símbolo. Pelo menos me lembro da marca na porta do meu quarto. Eu acho.

O gatinho para na frente de uma porta, olha para mim, se vira para ela de novo e começa a arranhar a parede.

— Tá bom, tá bom!

Me abaixo e pego o gato depressa, antes que ele deixe a parede toda marcada. Se ele arranhou minha cama, não duvido nada que consiga arranhar essa parede também.

— O que é que tem aí?

Será que é o quarto do dono dele? Não, não mesmo. Ele é meu. Não foi isso que Dravos falou? Que ele era um animal selvagem do planeta? Então o que ele está querendo com essa porta?

O gatinho mia de novo e se mexe, querendo pular. Seguro ele com mais força.

— Não. Fica quietinho.

E esse painel não tem nenhuma marca diferente. Hmm. O que será?

Coloco a mão na parte branca e dou dois passos para trás, depressa. A porta se abre com aquele barulho de ar escapando e...

É uma escada. Na verdade, é um tubo com uma escada subindo e descendo.

— Foi assim que você chegou aqui em cima? — Pergunto para o gatinho.

Faz sentido, levando em conta que eu desci pelo elevador para chegar na porta que estava aberta. É mais fácil ele ter subido – voado – por esse tubo do que ter entrado no elevador junto com alguém, escondido.

Ele se mexe e deixa ele pular para o chão. O gato para na porta, olha para mim e mia. Minha barriga ronca quase ao mesmo tempo. Acho que era melhor eu ter esperado alguém levar comida para mim antes de sair

explorando a nave. Mas já que estou aqui, hora de descobrir onde a cozinha é, porque tenho certeza que tem pelo menos mais uma cozinha nessa nave. A que eu vi é pequena demais.

Estico o braço para a escada e olho para baixo. Okay. Está escuro. Não sei se isso é uma boa ideia...

O gatinho pula para dentro do tubo e abre as asas. Ele mal cabe ali dentro, mas fica pairando no ar sem a menor dificuldade. Bufo, tentando tirar a mecha de cabelo que voou na minha boca sem usar as mãos. O gatinho gira no ar e a ponta do seu rabo começa a brilhar. Pisco depressa. Oxe, rabo brilhante? Ain, Isso é tão bonitinho!

E o rabo do gatinho não está só brilhando de leve. A luz é forte o bastante para iluminar o espaço ao redor dele e alguns degraus abaixo de mim. Respiro fundo. Não tenho nada melhor para fazer mesmo. Começo a descer.

O gatinho me acompanha, dando piruetas no ar. Criança feliz. Não consigo deixar de rir, mesmo que acabe comendo cabelo e que minha risada ecoe pelo tubo inteiro. Não faço a menor ideia de como vou saber onde sair ou como vou abrir outra porta. Nem o que vou fazer se o gatinho resolver me deixar para trás. Ou se por acaso esse tubo aqui se abrir direto no espaço e...

Olho para cima e depois para baixo, mas não consigo ver nada. Droga. Eu realmente preciso parar de pensar essas coisas.

OITO

Deixo o gatinho escolher onde vamos sair. Por sorte, a porta se abre sozinha assim que paro na frente dela, ainda me segurando na escada. Ótimo, porque a essa altura não sei se ia conseguir me segurar com uma mão só. Definitivamente prefiro o elevador.

Solto um suspiro aliviado assim que saio em um corredor idêntico ao do andar dos quartos. Não, não é idêntico. Tem uma linha verde no chão. Eu vou mesmo precisar decorar o significado de cores diferentes? Droga.

O gatinho mia alto e olha para mim.

— Nem pense que vou te carregar agora. Você é bem pesadinho e meu braço está doendo dessa escada. Culpa sua.

Ele continua olhando para mim até que cruzo os braços. Ele faz um barulhinho estranho e começa a andar. Gato fofo folgado. E o rabo dele parou de brilhar assim que saímos do escuro. Bem prático isso.

Alguém fala alguma coisa – tenho quase certeza que é um palavrão – mas não entendo o que. Corro até onde o gatinho parou, onde esse corredor sai em outro. Ele parece maior ainda... Não, está com os pelos arrepiados. Posso nunca ter tido um gato, mas sei que isso não é bom.

— Calma, menino, calma...

Paro quando vejo o alien do outro lado do corredor. Acho que nunca vi esse antes, mas tenho certeza que ele tem parentesco com alguma ave. Quer dizer, ele tem um *bico*. E tenho certeza que aquilo ali não é cabelo. São penas.

O alien olha para o gato, para mim, e dá um passo atrás.

É... gatos e aves.

Me abaixo e pego o gato. Ele se mexe e tenta pular, mas o seguro com força. Não mesmo. Não quero meu gatinho alien começando confusão.

Quando levanto a cabeça, o alien está me encarando. Não tem a menor

chance de eu conseguir entender a expressão dele, mas posso imaginar que está mais aliviado, não é? Porque a impressão que eu tenho foi que ele tomou um susto quando viu meu gatinho.

Minha barriga ronca de novo.

Respiro fundo. Já estou aqui, não estou?

— Onde fica a cozinha?

O alien arregala os olhos e aponta para trás.

— Esse corredor vai dar em um laranja. Vire à esquerda nele.

Assinto e dou um passo atrás, ainda segurando o gatinho com força. Ele realmente quer pular no alien-pássaro. Acho que vai me dar um pouco de trabalho. Será que consigo fazer ele se acostumar com os outros aliens?

O alien-pássaro passa por mim depressa, sem nem olhar para trás. Oxe... Não precisa disso tudo. Olha o tamanho dele e o tamanho do meu gatinho! Isso é exagero.

Mas pelo menos eu já sei onde é a cozinha.

Sigo pelo corredor que o alien apontou. Acho que o que ele falou de cor é essa linha no meio do corredor, que ainda é verde. Então, continuar andando até encontrar uma linha laranja. Não parece muito complicado, mesmo levando em conta que eu não tenho senso de direção. Estou começando a achar que essa coisa das cores pode ser uma boa ideia, no fim das contas.

Coloco o gato no chão e torço para ele continuar me acompanhando. Meus braços *realmente* estão doendo por causa da escada. Também, o que eu esperava, depois de passar esse tempo todo desde que fui abduzida parada? Porque o máximo que eu fazia na nave de João Mário era andar de um lado para o outro. E isso já era raro.

Viro à esquerda no corredor com a linha laranja. O gatinho resmunga, mas me acompanha. O que será que tem indo para outro lado, para ele querer tanto ir lá?

Não demora muito para eu começar a escutar vozes. Faz sentido. As pessoas se reúnem onde tem comida. Estou vendo que isso vale para os aliens também. O gato para e mia alto, olhando para mim. Lá vamos nós de novo... Pelas vozes, parece que a porta da cozinha é a próxima. Melhor prevenir. Me abaixo e pego o gato de novo, o segurando com força.

Quando me levanto, não estou escutando mais nada. Estranho. O gatinho mia de novo. Ou não tão estranho assim. É bem possível que tenham ouvido isso.

— Você vai se comportar, não é, fofinho? Nada de querer pular em ninguém, escutou?

Tenho a impressão de que alguém riu, mas o som foi muito abafado para eu ter certeza. E a essa altura todos já sabem que estou aqui. Respiro fundo. Eu vou entrar numa cozinha cheia de aliens. Por vontade própria. Certo.

Paro na porta. A cozinha, na verdade, é quase um salão. É o maior cômodo que eu vi até agora, sem contar a área de carga. Se bem que acho que isso aqui está mais para um refeitório, com quatro mesas compridas e bancos. E acho que nunca vi tantos aliens juntos. Engulo em seco quando vejo que todos estão me encarando. Não vou prestar atenção neles, não vou. Já sei que tem mais um alien-pássaro aqui e outro com chifres enormes e... Não quero prestar atenção.

— Você ficou mesmo com ele!

Solto um suspiro aliviado quando reconheço o alien que está se levantando e vindo na minha direção. Frog. O gatinho se mexe, querendo pular para o chão, e começo a coçar atrás das suas orelhas para ver se ele continua calmo.

— Ele é um gatinho fofo, por que não ia ficar?

Alguém fala alguma coisa que não entendo e escuto outra risada abafada. Frog sorri e balança a cabeça.

— Você sabe que isso é um animal selvagem?

Reviro os olhos. Eles não cansam de repetir isso?

— Ele é um gatinho, só isso. E dos mais mansos.

Na verdade, dos folgados, porque ele já se acomodou no meu braço de novo. Quero só ver como vou fazer para comer...

— Onde tem comida? — Pergunto antes de alguém resolver insistir no assunto do “animal selvagem”.

Frog gesticula para eu o acompanhar. Olho para os lados. Os aliens ainda estão me encarando como se eu fosse a coisa estranha. É... Não vou falar nada. Viro e vou atrás de Frog depressa.

Na parede do outro lado do salão tem um painel enorme, com várias

imagens pequenas e bancadas debaixo delas. Minha cabeça começa a doer assim que tento prestar atenção nos símbolos debaixo das imagens. Droga, tenho que descobrir o que é isso.

Um dos aliens está na frente da bancada. Engulo em seco quando vejo que ele tem um rabo enorme, que está balançando de um lado para o outro. Isso é mais estranho que ele ser coberto de escamas roxas. Ele pega um prato e se vira. Consigo não me encolher quando ele para, olhando para mim e então para o gato.

— Jéssica? Aqui. — Frog chama.

Tento ignorar o alien roxo e vou para onde Frog está, na frente do painel.

— Nossa nave não é grande o bastante para ter uma equipe na cozinha, então todos os alimentos são gerados por esse processador aqui. As receitas já estão programadas. Se quiser alguma coisa específica, tem uma cozinha perto das cabines e pode cozinhar lá, se tivermos os ingredientes. — Ele bufa e sorri. — Não conte com isso se já estivermos no espaço há mais de uma semana.

Assinto. Não vai fazer diferença mesmo. Mal consigo fazer ovos cozidos.

— E isso aqui...?

Ele aponta para uma linha vermelha separando algumas imagens das outras. Parece que alguém pregou uma fita colorida no terminal, na verdade.

— Está vendo aquela linha ali? O que está para o lado de lá é tóxico para você. Todos os outros pratos, você pode pedir. A divisão normal é pratos de lanche na esquerda e os pratos pesados, que são uma refeição completa, na direita. Você só precisa apertar a imagem do que quer, e o prato vai sair no espaço logo abaixo dele.

Encaro o painel de novo. Gostei. É simples e prático. E a linha vermelha é óbvia o bastante para nem *eu* me esquecer dela.

O gatinho começa a se mexer. Droga, achei que ia conseguir deixar ele quieto por mais tempo.

— Você vai se comportar?

Frog me encara e levanta as sobrancelhas.

— Você conversa com ele?

— É óbvio.

— E ele responde?

Levanto a cabeça de uma vez. Ele está zoando? Não, parece que ele está falando sério. É um gato, ele acha mesmo que vai me responder? Aliens!

Antes de eu conseguir pensar em como responder isso sem ser mal-educada, percebo que os aliens estão ficando em silêncio de novo. Frog se vira para a porta. Se eu fizer um esforço consigo ouvir passos pesados e alguém falando depressa.

Não me surpreendo quando Dravos entra no refeitório e para perto da porta.

— Todas as equipes de reparos de emergência, se apresentem na área de manutenção em dez minutos. Temos vinte e duas horas para deixar a nave em condições de encarar um combate próximo.

Alguns dos aliens xingam e eu não preciso do tradutor para saber o que estão falando. Palavrões realmente são uma linguagem universal. Mas... Combate próximo? Equipes de emergência? Isso não é bom.

Ninguém se mexe, só continuam encarando Dravos. Faço o mesmo. E ele está com a mão na orelha. Acho que isso quer dizer que ainda está usando algum tipo de comunicador.

— Você ouviu, Pryin. Não consigo chegar lá antes de vinte e duas horas. Sua sombra vai ter que se virar.

Ele abaixa a mão e olha ao redor.

— Temos outra localização do mesmo grupo. Temos que verificar informações primeiro e só vamos atacar em último caso. Mas é um ambiente hostil. Não vai ser uma operação simples como a base. Quem não está nas equipes de emergência, quero que chequem o interior da nave. Sabem o que fazer.

O olhar de Dravos para em mim. Pela primeira vez na vida entendo aquela coisa que cansei de ler nos livros: quando nossos olhares se encontram, é como se não tivesse mais ninguém ao nosso redor. E eu não deveria estar reagindo assim, não quando ele está falando de atacar outro lugar e acabou de dizer que destruir aquela nave foi algo simples.

O gatinho se mexe e abaixa a cabeça, tentando acalmá-lo.

— Jéssica, preciso falar com você.

Assinto sem levantar a cabeça. Droga. Não quero conversar com Dravos.

Não foi ele quem falou que ia manter distância? Então mantenha, porque não quero ficar me sentindo assim por um alien que é um assassino.

— G'krog, o que está fazendo parado aqui?

Agora eu levanto a cabeça. Frog só estava me ajudando. Se Dravos vai brigar com ele por causa disso, eu...

Frog levanta as mãos, com as palmas viradas para dentro. Gesto estranho. Dravos está vindo na nossa direção e quase todos no refeitório estão nos encarando, de novo. Ótimo. Obrigada, Dravos.

— Estava explicando o terminal para a terráquea.

— Isso não é...

— Você falou que era para eu me acostumar com os outros e pedir se precisasse de alguma coisa, não foi? — Interrompo.

Dravos se vira para mim. Não preciso ser um gênio para perceber que ele não gostou da resposta. Mas não falei nenhuma mentira.

O gatinho começa a fazer muita força para se soltar. Estreito os olhos, encarando Dravos. Quer saber? Foda-se.

Solto o gato.

Ele abre as asas e vai direto na direção de Dravos.

NOVE

Dou uma mordida no meu sanduíche. O pão tem um gosto forte, parecendo aquele pão escuro... Acho que o nome é pão australiano. Mas é pão, isso que importa. E o recheio é gostoso. Não vou perguntar o que é isso para não perder a vontade de comer.

Dravos resmunga alguma coisa em voz baixa e sorrio. Ele está sentado na minha frente, do outro lado da mesa, e olhando para cima.

Acho que nunca ri tanto na minha vida quanto quando os aliens viram que o gatinho estava solto e que ele voa. Para minha tristeza, Dravos foi o mais calmo de todos: ele só se abaixou quando o gato foi na sua direção. Os outros aliens? Estavam parecendo eu quando entrou uma barata voadora na minha casa. Teve gritos, teve gente se escondendo debaixo das mesas, teve gente falando que ia buscar armas – e me encarando como se eu fosse a estranha quando gritei para deixarem meu gato em paz. No fim das contas, o gatinho parou no alto do refeitório, brincando com alguma coisa que está dependurada lá, e os aliens saíram muito antes dos dez minutos que Dravos deu acabarem.

— Isso não foi divertido — ele resmunga.

Levanto a cabeça. Quem ele está tentando enganar?

— Foi hilário. E eu vi que você estava segurando para não rir também.

Admito que isso me surpreendeu e muito. Achei que ele fosse ficar com raiva ou... Sei lá. Mas Dravos *estava* tentando não rir dos aliens fugindo do meu gatinho.

Dravos balança a cabeça e não fala nada.

Outro alien se senta ao lado dele. O dos dedos-tentáculos.

— Ela te pegou — ele fala, olhando para Dravos, antes de se virar para mim. — Vai fugir?

Querer eu quero, mas...

Balanço a cabeça. Ele continua me dando medo – *dedos-tentáculos*, oi! – mas se eu for pensar assim, nunca vou fazer nada. Vou ficar trancada dentro daquele quarto até ficar louca. Então não vou pegar meu sanduíche e sair correndo do refeitório.

Ainda bem que o gatinho ainda está lá no alto, porque se estivesse aqui perto de mim corria o risco de eu fazer exatamente isso.

— Ótimo — ele fala e Dravos assente.

Continuo comendo meu sanduíche, esperando Dravos falar o que quer que seja. É melhor me concentrar na comida, assim não vou ficar encarando Dravos e pensando no que não deveria, porque já me peguei fazendo exatamente isso enquanto os aliens ainda estavam correndo do meu gato. Estava pensando em como ele fica irresistível tentando não sorrir. Não que ele não seja irresistível normalmente, e...

Droga.

O alien dos dedos-tentáculos limpa a garganta. Dravos resmunga mais alguma coisa que eu não entendo e percebo quando coloca as mãos na mesa. Certo. Foco. Preciso parar de pensar nessas coisas.

— Jéssica, preciso da sua ajuda.

Só não deixo meu sanduíche cair porque estou com muita fome.

Levanto a cabeça, sem ter certeza de que escutei certo. Se ele não tivesse falado meu nome eu ia ter certeza de que não era comigo, mas... Minha ajuda?

— Como assim?

— Você ouviu o que falei, que estamos a caminho de uma base. Vou precisar de você para tirar uma agente da minha irmã que está lá.

Paro, de boca aberta. Ele acha mesmo que vou cair nessa? Não sei nem o que é, mas... Para quê ele ia precisar da minha ajuda? E mesmo que precisasse, eu não vou ajudar ele a matar mais ninguém! Também ouvi quando ele falou de entrar em combate.

Dou mais uma mordida no meu sanduíche e tento fingir que não ouvi.

Com o canto dos olhos, vejo um dos dedos-tentáculos do outro alien se enrolar em um copo que está em cima da mesa. Isso é tão esquisito. E ele segura o copo como se fosse a coisa mais normal do mundo...

Dravos *rosna* alguma coisa. Dou um pulo no lugar e o outro alien se

inclina para trás. O que foi esse rosnado? Olho para Dravos, pronta para sair correndo e voltar para o quarto.

Ele abaixa a cabeça e passa a mão no rosto.

— Isso não está funcionando.

Não faço ideia do que “isso” é, mas concordo plenamente. Olho para cima. Como é que vou fazer meu gato descer? Não quero mais ficar aqui.

O outro alien ri. Quer dizer, eu acho que esse barulho é uma risada.

— Achou que ela fosse seguir suas ordens assim? Vai ter que explicar tudo desde o começo.

Eu tenho a leve impressão de que não era sobre isso que Dravos estava falando quando soltou o “isso não está funcionando”, mas ele assente.

— Você se incomoda...

O alien se levanta, ainda com o copo na... Mão? Posso chamar isso de mão? Mas ele se levanta com o copo e dá um passo atrás.

— Vou verificar a ponte na engenharia.

Imagino uma ponte atravessando um espaço enorme cheio de máquinas. Acho que vi isso em algum filme. Tenho quase certeza de que não é disso que ele está falando, mas é a única coisa que vem na minha cabeça.

O alien sai do refeitório. Droga. Agora estou sozinha com Dravos. Olho para cima. Essa é uma ótima hora para meu gatinho resolver descer, mas ele está se divertindo demais com as coisas no teto. E eu *não quero* saber o que é que está dependurado lá.

— Isso vai ser complicado... — Dravos murmura.

Complicado? Não acho.

— Não vou te ajudar a matar mais ninguém. Nem vou colaborar para ser vendida de novo. Tenho cara de idiota?

Olho para cima de novo. Quero sair daqui e voltar para o quarto, mas o gatinho está se divertindo tanto... Sem mencionar que eu ainda estou com fome e acho que Dravos não vai mandar mais ninguém levar comida para mim.

Ele suspira e apoia os cotovelos na mesa.

— Mais complicado do que pensei...

Olho para ele, sem falar mais nada. Não vou ajudar. Não. Vou. Se ele vai sair explodindo naves e matando todo mundo lá dentro, não posso impedir.

Mas também não vou ajudar.

— Me escute, e não interrompa — Dravos fala, sério.

Abro a boca para perguntar se ele acha que vai conseguir me convencer, mas o olhar dele me faz mudar de ideia. Certo. Vou ouvir.

— O que você sabe sobre o Acordo?

Balanço a cabeça.

— Só que vocês continuam usando essa palavra como se ela tivesse algum significado importante.

Ele resmunga alguma coisa baixo demais para eu entender.

— O Acordo é um tipo de governo interplanetário. Um conjunto de leis e políticas que mantêm todas as espécies que fazem parte dele trabalhando juntas, ao invés de estarem se atacando o tempo todo. É uma autoridade acima dos governos locais, planetários, e tem força militar o suficiente para garantir que todas espécies com tecnologia para viagens espaciais obedeçam suas regras.

Espera, mas a gente já fez viagens espaciais, não? A Terra, no caso. Começo a perguntar isso e Dravos balança a cabeça.

— O seu planeta está começando a desenvolver essa tecnologia, mas ainda está longe do que consideram necessário no Acordo. E isso quer dizer que, como não são parte do Acordo, não são protegidos pelas leis do Acordo.

— As vendas...? — Começo e paro, engolindo em seco.

Dravos assente.

— O comércio de seres sencientes não é nada novo. Posso fazer uma lista de quantas espécies descobriram sobre o Acordo quando começaram a prestar atenção nas histórias sobre abduções.

— Mas esse governo...

Ele faz um gesto brusco com a mão, me cortando.

— O governo não se importa. Não faz muito tempo que prenderam um dos membros do Conselho que estava envolvido no comércio de terráqueas. Você tem sorte que a sua espécie é conhecida. A Terra está perto demais da área do Acordo e sempre foi... Visitada, por assim dizer. Existe um contato com o Acordo, mesmo que seja mínimo.

—Sorte?

Porque para mim, isso parece mais ser azar. Se não estivéssemos perto,

eu e as outras não íamos ter sido abduzidas.

— Sorte. — Ele assente. — Porque isso quer dizer que vocês são vistas e que existem pessoas interessadas que sabem o que está acontecendo. Já faz anos que algumas pessoas estão investigando o comércio de mulheres terráqueas, foi por isso que o membro do Conselho que mencionei foi preso. E cerca de dois anos atrás criaram uma força-tarefa independente para investigar o comércio, resgatar terráqueas e funcionar como uma ponte para mandá-las de volta para casa.

Me endireito. De volta para casa? Quer dizer que... Eu posso voltar?

Dravos assente antes de eu conseguir falar qualquer coisa.

— Meu plano era dar um jeito de mandar você para eles. — Ele ri de forma seca. — Você disse que não ia colaborar para ser vendida de novo, não é? Como se alguém fosse querer te comprar depois de ter passado dois anos com J'Mharhi e não ter aprendido nada. Se eu tivesse parecido menos interessado, ele ia ter *me* pago para te levar.

Engulo em seco de novo. Por que é que isso me fez gelar?

E agora o que ele falou sobre eu ser uma complicação está começando a fazer sentido.

— Então por que estou aqui?

Me encolho quando ele me encara. Não falei nada demais, não tem por que ele ter ficado com raiva dessa pergunta, mas...

— Porque eu não ia deixar uma terráquea em Nassi. Se eu não te pegasse, J'Mharhi ia te deixar com o primeiro mercador que te aceitasse, e aí você ia ver coisas que te dariam motivos para ter medo de verdade.

Cruzo os braços. Se Dravos está tentando me assustar... Respiro fundo. Não vou pensar nisso. Se ele fosse me deixar lá, teria deixado. Não precisa falar isso como uma ameaça.

— Só fiz o que espero que alguém faça, se ver um dos meus — ele continua depressa. — A base que você viu destruímos? Ela era um centro de testes. Tinham um grupo grande de terráqueas lá, para estudos e experimentos.

Engulo em seco. Ele não está querendo dizer o que eu estou entendendo. Por favor, ele não está falando isso.

Dravos sustenta meu olhar e assente, sério.

— A essa hora, as mulheres estão com a força-tarefa. O que você viu foi um resgate junto com roubo de informações. Eu só terminei o trabalho, para os outros envolvidos não saberem exatamente quem fez isso e a força-tarefa conseguir continuar a agir.

Assinto, sem nem saber com o que estou concordando. Quero acreditar, mas... Como é que posso saber se ele está falando a verdade, ou só inventando uma história para me convencer a ajudar em sabe-se lá o quê?

Dravos continua me encarando e então suspira.

— Não tenho como te colocar em contato com uma das terráqueas da força-tarefa por enquanto. Preciso de silêncio nas comunicações para terminar esse trabalho. Mas, se me ajudar, prometo que a primeira coisa que vou fazer depois que sairmos da base vai ser te entregar para a força-tarefa.

— E eu vou poder ir para casa?

Ele assente.

Respiro fundo. Voltar para casa. Fingir que nada disso aconteceu, que não fui abduzida e...

— O que eu preciso fazer?

DEZ

Acho que entendi porque Dravos parecia tão irritado quando deu aquelas ordens para a tripulação e disse que precisava conversar comigo. Mas ainda não acredito que vou fazer isso. Estamos indo para outra base do mesmo grupo que estava estudando as terráqueas na nave que ele destruiu – se é que ele disse a verdade – e eu vou ter que realmente entrar lá com ele. Pelo que entendi, a irmã dele vende informações e estava investigando esses lugares por algum motivo. Agora a pessoa que foi para a outra base não consegue sair sozinha e Dravos precisa que uma mulher entre lá com ele para ela sair.

— Você está falando de trocar de lugar com ela... — começo, sem ter certeza de que entendi tudo.

Ele balança a cabeça.

— Pryin mandou uma das sombras. São de outra espécie e consegue se camuflar usando outras pessoas, como se fossem realmente sombras.

Isso não está fazendo sentido.

— Mas então por que *eu* preciso ir? Ela pode te usar e pronto.

Ele balança a cabeça de novo.

— Uma mulher precisa de outra mulher para se esconder. Senão as energias não ressoam certo. E não me pergunte o que isso quer dizer, só estou repetindo o que uma das sombras me disse.

— Então outra mulher da tripulação...

E eu não devia estar fazendo o possível para convencer Dravos a *não* me levar, já que depois vou poder ir para casa. Mas ainda estou achando essa história estranha demais, como se fosse uma armadilha.

Dravos faz uma careta e olha para o alto.

— Não tenho mulheres na tripulação.

Levanto as sobrancelhas, até com medo de perguntar o motivo. Apesar de tudo, estou gostando de conversar com Dravos. Não quero descobrir que

ele é um desses caras idiotas que acham que mulheres não servem para qualquer trabalho mais “pesado”.

— Não precisa fazer essa cara. — Ele apoia um cotovelo na mesa e se inclina para a frente. — A culpa não é minha. Mas todas as mulheres que entram para minha tripulação e se dão bem aqui, Pryin rouba para trabalharem como agentes para ela. Se você fosse ficar aqui, aposto que ela ia te recrutar também.

Tá, agora faz mais sentido. Se é que *alguma* coisa aqui faz sentido.

Respiro fundo e assinto. Quero voltar para casa. Se o jeito mais fácil de conseguir isso é indo nessa tal base com Draco... Droga. Não. Não mesmo. Ele pode até não ser um alien assassino, mas me recuso a chamar ele por esse nome. Consegui não fazer isso até agora. Vou fazer o esforço de usar o nome certo.

Mas se o jeito mais fácil de conseguir voltar para casa é indo para a base com Dravos, então eu vou. E espero muito que ele esteja falando a verdade e não esteja planejando me deixar por lá no lugar dessa outra mulher.

— Eu vou.

Dravos assente, sério, mas tenho a impressão de que está aliviado. E com razão. O que ele ia fazer se eu não tivesse concordado?

O gatinho mia e olho para cima. Ele está descendo. Finalmente. Olho para a mesa. Quando foi que terminei de comer meu sanduíche? Acho que estava distraída demais com as explicações todas e o que Dravos quer que eu faça. Suspiro. Não acredito que concordei com isso. Pelo menos não vai ser difícil ficar grudada em Dravos o tempo todo que estivermos na base. O mais provável é eu entrar lá me escondendo atrás dele.

Passo a mão na cabeça do gato e ele se deita na mesa. Folgado. Muito folgado. E... Eu precisava de um nome para o gatinho, não é? Pronto. Draco. Assim não vou ficar querendo chamar Dravos desse jeito. E o nome combina com um gatinho voador.

— Eu só vou ter que ir com você? Não vou precisar fazer nada mesmo?

— Pelas informações que tenho, não. Eles veem as terráqueas como... — Dravos olha para o gato. — Quase como você vê esse gato. Mal vão esperar que consiga conversar com eles.

Encaro Dravos. Ele está brincando, não está? Eu entendi o que ele quis

dizer. Essas pessoas nos veem como animais. Não quero pensar nisso. Não quero nem *imaginar*... Não.

Ele assente, tão sério que tenho certeza que ele não gosta nem um pouco disso.

— Se já terminou, posso te ensinar a usar os elevadores.

Assinto depressa e me levanto. Não quero nem pensar em subir pela escada de novo. Especialmente porque não faço a menor ideia de em qual andar estamos e em qual fica meu quarto.

Dravos ri, indo na direção da porta. Pego o gato – Draco. Será que gatos aprendem a responder pelo nome? – e vou atrás dele.

O elevador é tão simples/complicado de usar quanto o painel da porta. É mais um caso de qual a dificuldade de colocar botões nas coisas? Mas não, tudo tem que ser por toque e cada mancha diferente quer dizer uma coisa. Pelo menos vou me lembrar que a mancha azul é o andar dos quartos. As outras cores? Vai demorar um pouco para eu decorar.

Respiro fundo e aperto Draco assim que a porta se fecha. Eu estou dentro de um elevador. Sozinha com Dravos. E se...

O gatinho mia e se mexe. Afrouxo os braços. Acho que apertei ele demais. E *que bom* que fiz isso, porque minha cabeça já estava indo para onde não devia. Olho de relance para Dravos. Não dá para negar que é uma ideia no mínimo interessante. Na pior das hipóteses, posso sonhar acordada, não posso?

E Dravos também não acha isso uma má ideia. Passo a língua pelos lábios. Não mesmo. Acho que tenho outro motivo para gostar desse uniforme dele. E esse volume todo...

Balanço a cabeça com força e encaro o painel do elevador. Preciso parar com isso. Não tem nenhum problema em olhar e tudo mais, agora, ficar imaginando essas coisas o tempo todo? Não. Não mesmo. E não tenho nem coragem de olhar para Dravos. Tenho certeza que ele notou minha reação.

Solto um suspiro aliviado quando o elevador para e a porta se abre. Saio depressa, sem nem olhar para trás. Dravos deve descer de novo, ou ir para qualquer outro lugar, ou...

Ele me alcança e me acompanha sem a menor dificuldade. Respiro fundo. Por que ele não foi embora? Eu sei voltar para o quarto sozinha! Pelo

menos, acho que sei...

Já estou quase na porta do quarto quando cai a ficha do que vou fazer. Eu vou entrar em uma base onde tratam mulheres terráqueas como animais. *Dravos* é minha única garantia de segurança. E se eu estou desse jeito...

— Isso não vai dar certo — murmuro.

— O que não vai dar certo? — *Dravos* pergunta.

Suspiro e não respondo. Já estamos no corredor do meu quarto, posso esperar até chegar lá.

Dravos não insiste, mas consigo sentir seu olhar em mim enquanto abro a porta e solto o gatinho. Ele mia uma vez e vai direto para o pote de comida. Por que isso nem me surpreende? Suspiro de novo e me viro para *Dravos*.

— Isso. Eu ir para essa base com você.

Ele cruza os braços. Respiro fundo e encaro a parede atrás dele. Não vou ficar secando seus braços, não vou.

— Já prometi que vou te manter em segurança e que não vou te deixar lá. Qual é o problema agora?

Balanço a cabeça, sem saber como falar o que estou pensando. Bom, só tem um jeito, não é?

— Isso. — Gesticulo na direção do volume na calça dele, ainda encarando a parede. Sinto meu rosto pegando fogo, mas não tenho como evitar. — Você falou que a proximidade faz diferença, não é? Se eu vou estar perto de você o tempo todo e a situação já está... assim... A menos que você seja completamente diferente dos homens terráqueos, duvido que não vai ficar distraído.

Dravos estreita os olhos, sem desviar o olhar do meu rosto.

Quando foi que eu parei de encarar a parede?

— Fale o que realmente quer dizer.

E ele não negou o que eu falei.

Respiro fundo de novo e balanço a cabeça, dando um passo para trás.

— Eu ouvi quando você falou que era um ambiente hostil. E... — Como é que eu vou falar isso sem soar extremamente ridículo? — Pelo que falou, vou depender completamente de você para não virar mais uma cobaia deles. Acha que isso vai dar certo se estiver distraído tentando me ignorar ou coisa assim?

— E o que você está sugerindo? — A voz dele está seca e até parece que ele está irritado com o que falei. Dou mais um passo atrás. — Que eu aproveite que já estamos no seu quarto e tem uma cama bem ali?

Engulo em seco, sem conseguir responder. O que eu pensei foi que era melhor ele achar outra pessoa, buscar alguém que ele conheça... Mas não consigo falar mais nada. Não consigo nem olhar para a cama, porque... Será que seria uma ideia tão ruim, isso que ele falou?

— É isso, Jéssica?

Balanço a cabeça e respiro fundo. Na verdade... Por que não?

Meu Deus, o que deu em mim para eu estar *realmente* pensando nisso?

— E se for? Se isso é por causa da proximidade... Depois eu vou embora, de qualquer forma. Então não vai fazer diferença.

Eu falei isso? De verdade?

Dravos continua me encarando. Respiro fundo e não falo nada. Estou com medo do que vai sair da minha boca. Desde quando eu falo essas coisas?

Ele entra no quarto e para na minha frente, o tempo todo sem desviar os olhos dos meus. O que eu fiz?

— Não me provoque — ele murmura. — Você não tem ideia do esforço que é para não fazer exatamente isto com você. Te prender na parede enquanto exploro seu corpo, descubro os sons que você faz e até onde vai me deixar ir...

Engulo em seco. Eu quero isso. Quero muito. E... O que tenho a perder?

— Deve ser o mesmo esforço que estou fazendo para não pular em você.

Ele respira fundo e solta o ar lentamente, antes de se virar e bater a mão no painel ao lado da porta.

ONZE

Dravos vem na minha direção, andando devagar. Dou um passo atrás e mais outro, sentindo um arrepio me atravessar quando nossos olhares se encontram. Não que seja um arrepio ruim. E a forma como Dravos se move... Passo a língua pelos lábios enquanto continuo recuando. Não sei como descrever. É como se ele estivesse me *caçando*, mas não é só isso.

Bato as costas na parede. Dravos sorri lentamente e preciso fazer um esforço para ficar onde estou. Não que eu esteja pensando em fugir, é só que a tentação de pular nele quando ele sorri *desse jeito* é demais. Mas não consigo parar de pensar no que ele falou... Que queria me prender na parede e explorar meu corpo. *Por favor*.

Dravos para na minha frente, tão perto que estou sentindo sua respiração, mas sem encostar em mim. Engulo em seco. O que eu fiz para ter esse homem parado na minha frente, me encarando desse jeito? Um gemido escapa quando seu olhar desce pelo meu corpo, calmo, sem pressa nenhuma, mas é quase como se ele estivesse me tocando.

E eu deveria estar com medo de estar aqui, desse jeito com um alien. Tenho certeza que deveria. Mas não faço ideia de para onde o medo foi, porque a única coisa que eu estou sentindo, nesse momento, é pressa. Que Dravos pare de olhar e *faça* alguma coisa, se era isso que ele queria.

Ele levanta a cabeça e minha respiração falha quando nossos olhares se encontram de novo. Seus olhos parecem ainda mais escuros e...

Dravos coloca as mãos na parede, uma de cada lado de mim, e abaixa a cabeça. Fecho os olhos quando sinto sua respiração quente na minha bochecha e então no meu pescoço. Prendo a respiração, esperando. Meu Deus, agora eu entendo o que ele quis dizer sobre eu não provocar. Não que esteja reclamando.

Quase gemo de novo quando sinto seus lábios na minha pele, firmes e

quentes. Ou talvez essa sensação de calor seja só culpa de como estou sensível. Não sei como isso é possível, só um toque, seus lábios passando pelo meu pescoço, mas estou sentindo todo o meu corpo queimando. E Dravos nem está encostando em mim, são só seus lábios fazendo um caminho descendo pelo meu pescoço, pelo meu peito, subindo pelo outro lado do meu pescoço e indo até minha orelha...

Dravos suga o lóbulo da minha orelha. Dessa vez nem tento segurar meu gemido enquanto ele desce de novo pelo meu pescoço, agora com um beijo molhado e chupando e ...

Seguro sua cintura, querendo puxá-lo para mais perto. Dravos levanta a cabeça e segura meus pulsos.

— Mãos na parede — ele fala.

Abro os olhos. E eu deixar de aproveitar essa delícia de homem na minha frente?

Sustento seu olhar, passando a língua pelos lábios. Os olhos de Dravos vão direto para minha boca e ele respira fundo antes de puxar minhas mãos e as colocar na parede, ao lado do meu corpo.

— Eu quero experimentar seu corpo. E não vou conseguir fazer isso se você estiver com as mãos em mim.

Engulo em seco e mordo meu lábio. Não esperava por isso. Dravos está rouco e... O que quer que seja isso no seu olhar... Assinto.

Ele abaixa a cabeça de novo, continuando o mesmo caminho de beijos que estava fazendo. Fecho as mãos com força, tentando ficar parada, mesmo que o que eu mais quero agora seja puxar Dravos para perto, enfiar as mãos por baixo da roupa dele...

Gemo quando ele morde a base do meu pescoço. Nunca entendi que graça alguém achava em mordidas assim, mas... Puta merda, se Dravos continuar assim, ele vai me matar.

Não que vá ser uma morte ruim.

— Está molhada?

Putá merda! Puxo o ar com força. Ele quer me matar, porque só essa pergunta já me faz pensar em mais mil coisas. Se ele está perguntando, não é à toa, não é? Por favor...

Assinto, mordendo o lábio.

Dravos enfia uma mão por dentro do cóis da minha calça. Prendo a respiração enquanto ele continua sustentando meu olhar e abaixando a mão, sem pressa. Tenho a impressão de que ele está medindo minhas reações, e não duvido nada que seja isso. Não foi algo assim que ele falou? Sobre descobrir os sons que eu faria?

Gemo alto quando ele enfia um dedo entre meus lábios, o tempo todo fazendo pressão no meu clitóris. Não estou molhada, estou ensopada e nunca me senti tão sensível assim, como se só mais um toque fosse me fazer gozar.

Ele para. Só para, com a mão dentro da minha calcinha, aquele dedo entre meus lábios, na minha entrada, fazendo pressão no meu clitóris com a base da mão. Tento respirar fundo, mas minha respiração está entrecortada e preciso fazer esforço para ficar parada. Quero rebolar na mão dele, tirar o que eu quero, o que ele está prometendo, mas de alguma forma sei que se fizer isso ele vai se afastar de novo.

— Por favor — gemo.

Dravos levanta a cabeça. Seus olhos estão completamente negros. Sem branco, sem íris, sem pupila, nada. E, por algum motivo, isso me deixa ainda mais excitada. O que está acontecendo comigo?

Inclino o quadril para a frente. Dravos coloca a outra mão na minha barriga, me segurando no lugar.

— Eu pensei que ia conseguir me controlar — ele fala, ainda com essa voz rouca. — Achei que conseguiria ir com calma. Eu estava errado.

Encaro Dravos por um instante e só então presto atenção no seu corpo. Ele está tenso, acho que tão tenso quanto eu, ou mais. Tudo isso para ir devagar? Mas...

— Se você não parar isso agora, eu não vou conseguir parar depois. E não vou conseguir ser gentil ou ir devagar.

E se ele pensou que isso ia me assustar... Preciso fazer um esforço para não gemer. Consigo imaginar exatamente como vai ser, com ele me segurando e entrando em mim de uma vez...

Dravos fecha os olhos e solta um gemido gutural.

O que eu tenho a perder? Muita coisa. Posso até me arrepender depois, mas tenho certeza que vou me arrepender muito mais se *não* for até o fim.

— Quem disse que eu quero gentil ou devagar? — Pergunto.

Dravos abre os olhos e sorrio quando vejo que o peguei de surpresa.

Dou um passo à frente, colando nossos corpos juntos, e nem tento segurar meu gemido quando sinto sua ereção, mesmo com sua mão presa dentro da minha calcinha. Só consigo pensar em como vai ser a sensação de ter ele dentro de mim.

Dravos me empurra de volta para a parede, sem usar muita força. Obedeço. Ele me encara por um instante e então tira a mão de dentro da minha calcinha. Gemo quando ele passa a ponta do dedo pelo meu clitóris, fazendo pressão. Sem desviar os olhos de mim, ele levanta a mão e chupa o dedo que está molhado. Ai meu Deus. Nunca pensei que uma coisa dessas pudesse ser tão... erótica. Mas não consigo desviar o olhar dele nem imaginar como seria ter ele *me* chupando. Lambendo. Qualquer coisa.

Ele avança de uma vez, se apertando contra mim, passando os braços ao meu redor e me puxando. E quando ele me beija... Não consigo mais pensar. Não faço ideia do que está acontecendo, mas é como se tivesse fogo correndo por todo o meu corpo quando a língua de Dravos invade minha boca. Ele segura minha nuca, colocando minha cabeça na posição que quer. Não tento resistir, só obedeco e... Puta merda. Meu Deus, eu vou morrer aqui.

Dravos se afasta. Um gemido escapa e tento me segurar nele. Não, isso está só começando e...

Ele fala alguma coisa, mas sua voz está tão rouca que não consigo entender, e então ele está puxando minha calça. Me abaixo, tirando as botas estranhas que tenho que usar dentro da nave de qualquer jeito. Quando me levanto de novo, ele puxa minha calça e minha calcinha de uma vez. Mal tenho tempo para tentar levantar os pés e chutar as roupas para lá, Dravos já está me empurrando para a parede e me carregando como se eu não pesasse nada. E ele tirou a calça... Quando?

E então não quero nem saber o que está acontecendo, porque ele entra em mim de uma vez. Abafo um grito no seu ombro, me agarrando nele com força. É exatamente como eu imaginei. Não. É melhor, muito melhor, porque agora é real. Passo as pernas ao redor da sua cintura, o fazendo ir mais fundo. Isso. Isso. Ele me preenche de um jeito que é quase doloroso, mas em vez disso é bom, tão bom.

Dravos coloca um braço debaixo da minha bunda e apoia a outra mão na parede. Levanto a cabeça e não tenho tempo de nada antes da boca dele

encontrar a minha. Ele está me devorando de novo, ao mesmo tempo em que está entrando e saindo de mim, com força, depressa, sem parar, num ritmo insano. E eu quero mais disso, muito mais e estou...

Dravos tira a mão da parede e a enfia entre nós. Enfio as unhas nas suas costas quando sinto seus dedos passando pela minha cintura e descendo, descendo...

— Eu quero que você goze comigo — ele fala.

Seus dedos vão direto para o meu clitóris. Fecho os olhos, gemendo alto, e a boca de Dravos está na minha de novo, e ele ainda está mantendo aquele ritmo insano, tão rápido, tão forte.

E então estou explodindo, gozando, enquanto Dravos entra em mim com força e me aperta ainda mais contra seu corpo.

Ele continua me segurando enquanto tremo e tento respirar fundo... Recuperar o fôlego. Quando dou por mim, ele está me carregando e me colocando na cama. Não que ache ruim. Não sei se conseguiria andar agora.

— Isso não é o bastante — ele murmura, rouco.

Acho que nada vai ser o bastante.

Dravos se deita ao meu lado e me puxa para cima do seu corpo.

DOZE

Carol

Eu quero matar a Gabi.

Se tivesse noção do trabalho que essa ideia dela ia me dar... Caralho. Pior que não posso nem falar que ia ter recusado. Encaro a lista gigantesca de livros na tela do meu computador. Vou ter mesmo que ler tudo isso? Vou. Merda. E bem depressa. Eu quero matar minha prima.

Tudo bem, se os aliens já estão vindo na Terra sabe-se lá desde quando e vão continuar vindo aqui, nada mais justo que aquele pessoal do Acordo parar de fingir que nós não existimos. Nunca entendi essa lógica deles de “se não têm tecnologia para viagem espacial, estão por conta própria”, mesmo levando em conta que tem tantos aliens na Terra que *precisaram* criar uma organização para policiá-los aqui. Não faz sentido. Mas já desisti de tentar entender a cabeça dos aliens.

Ou seja, é óbvio que ia precisar de uma terráquea *lá* para começarem a pensar em colocar regras nisso. Um dos arquivos na minha lista de leitura é justamente o projeto de alteração nas leis do Acordo, que vai dar um status de “protegido” para os planetas conhecidos e que têm espécies sencientes, mas que ainda não têm o nível tecnológico que pedem.

E, na verdade, isso é outro motivo para eu querer matar a Gabi. Enquanto eu achava que estava ficando doida por causa da confusão com meu ex-namorado alien, sem nem ter coragem de comentar nada com ninguém e morrendo de preocupação porque minha prima tinha desaparecido, ela estava se pegando com um alien gostoso em outro planeta. E não um alien qualquer. O chefão da porra toda, por assim dizer. A filha da puta tem sorte.

Mas por que é que ela não pode mexer com isso aqui, se já está lá no Acordo mesmo e está trabalhando com Kernos – o namorado alien dela – para mudar essas leis? Por que isso tinha que sobrar para mim? Argh.

Para ser bem honesta, até entendo o motivo. Ela já está se metendo demais na política do Acordo e está coordenando uma força-tarefa para derrubar o comércio de mulheres terráqueas. Ou seja, sobra para mim encarar a pilha absurda de leitura, porque tenho que criar um conjunto de regras para a interação das espécies do Acordo com os terráqueos. Um conjunto de regras que funcione para *todas* as espécies. Desde as que acham que somos lanchinho, passando pelas que acham que somos insetos, até chegar nas que são tão diferentes que eu nem sei se pensam alguma coisa sobre nós.

Moleza. Imagina, facinho.

Eu quero matar a Gabi.

Isso quer dizer que estou estudando *mais* sobre todas as espécies do Acordo do que já estava. Tá, isso até está ajudando no meu trabalho. Quanto mais sei sobre os aliens, mais fácil é adivinhar o que vão fazer e saber como convencê-los a não fazer merda.

Levanto a cabeça quando escuto uma batida na porta.

— Entra.

Débora abre a porta e coloca a cabeça para dentro.

— Está muito ocupada?

Olho para a lista de leituras na tela de novo. Ocupada? Imagina...

E não aguento mais ler, ler e ler sobre espécies diferentes. Chega um certo momento em que até isso cansa, mesmo que esses textos não sejam tão cansativos quanto eu imaginei que seriam.

Me levanto.

— O que quer que você precise, estou indo.

— Me pediram para ficar na antessala. O Bruno está trazendo uma kyris. Tem algum problema se você for pra lá também?

Suspiro e me sento de novo para fechar as coisas no meu computador. É mania, não consigo sair e deixar tudo aberto, e não é nada urgente, mesmo. Sempre chamam o pessoal para a antessala com pelo menos meia hora de antecedência, por via das dúvidas.

— Sem problemas.

Débora sorri, sem nem tentar esconder seu alívio. Certo então. Kyris não costumam dar trabalho. Na verdade, é raro um deles estar na Terra. Mas se Débora está tão aliviada por eu ter concordado...

Abro uma das gavetas da minha mesa e pego dois anéis que Gabi me deu. Melhor prevenir.

Débora é a única agente da APLA – Agência Planetária de Ligação com o Acordo – em Belo Horizonte com menos tempo de casa que eu. A novata. Tanto é que não faz nem um mês que começaram a deixar ela ficar na antessala quando alguém está trazendo um alien para ser mandado de volta para o Acordo. A política normal é sempre ter de dois a cinco agentes na antessala quando um alien chega. Os novatos *sempre* passam muito tempo lá, para se acostumarem com todos os tipos de aliens e com o processo de entrar em contato com o Acordo para mandá-los embora.

Duas semanas atrás, Débora pediu reforços quando a mandaram para a antessala. Ninguém achava que o alien que estavam trazendo ia causar problemas, então era só ela e mais um agente. Ela tanto insistiu, chegando a dizer que estava com medo de ficar lá só com um agente, que Hudson, o diretor da nossa unidade, foi para a antessala com ela. E o tal alien tentou atacar o agente que estava processando seu envio de volta para o Acordo.

Mesmo se Hudson não estivesse lá, isso provavelmente não ia ter causado muitos problemas. O agente responsável ia isolar a antessala e ativar as medidas de contenção. Quando o alarme disparasse, todos os agentes iam correr para lá. O alien não ia ter tempo de fazer nenhum estrago de verdade. Mas eu não fui a única a pensar em como era interessante que Débora, que está naquela fase de querer provar que é boa o bastante para ir para o campo, disse que estava *com medo* de ficar quase sozinha com um alien.

Pode até ser exagero, mas eu já estou trabalhando para o MIB da vida real. Não vou duvidar das intuições ou sejam lá o que forem de Débora. Já vi coisas mais estranhas acontecerem.

Desligo o monitor e me levanto de novo, enfiando os anéis nos dedos.

— Sabe o que a kyris fez?

Débora dá de ombros, saindo da sala. Fecho a porta atrás de mim e a acompanho pelo corredor.

— Ouvi alguma coisa sobre ela ter perdido parte do disfarce humano no meio de uma avenida, mas não tenho certeza de nada.

Levanto as sobrancelhas. Se for o que estou pensando, eu ouvi essa história. Uma mulher esquisita que saiu correndo pelada pelo meio de uma avenida, acho que em Sete Lagoas, pedindo carona. Algo assim. Bem que eu

pensei que isso tinha cara de ser coisa dos aliens.

A antessala é simples e pequena: três cadeiras de plástico presas em uma parede e uma mesa comprida na parede do outro lado. As paredes de cor creme, sem nenhum tipo de decoração, me deixam nervosa se eu passar muito tempo aqui, mas entendo o motivo. Se não tem nada à vista, é mais fácil pegar alguém de surpresa com o sistema de defesa.

Me sento em uma das cadeiras de plástico e encosto a cabeça na parede. Odeio essas cadeiras. Custava arrumarem alguma coisa um pouquinho mais confortável? Pelo menos a cadeira atrás da mesa é das boas, mas não posso nem sonhar em me sentar lá. Posso já ser uma agente de campo e estar recebendo missões mais interessantes no último mês, mas ainda estou longe de ter autoridade para processar algum alien que tem que ser mandado de volta.

Débora se senta do meu lado, olhando para o relógio redondo na parede, acima da mesa. É a única “decoração” na sala. E eu ainda acho que quem colocou ele aqui deveria experimentar passar vinte minutos sentado nessas cadeiras ruins esperando um alien chegar ouvindo o tic-tac do relógio.

— Carol?

Balanço a cabeça e olho para a porta por onde entrei, atrás da mesa. Eduardo entra na sala e a fecha atrás de si.

— Espero que não tenha problema, eu pedi para ela vir — Débora fala depressa.

Ele olha para mim e levanta as sobrancelhas. Dou de ombros. Tenho certeza que não sou a única que ficou curiosa sobre o que aconteceu duas semanas atrás.

— Bruno avisou que já estão quase aqui e a kyris não está feliz — ele avisa, se sentando atrás da mesa.

Nenhum alien nunca está feliz quando alguém da APLA os apreende. Mas para um agente fazer questão de dizer isso, é porque está esperando problemas. Me viro para Débora, que dá de ombros, olhando para o chão. Duas vezes seguidas? Okay, isso quer dizer que eu *com certeza* vou escutar quando ela insistir em alguma coisa.

Ninguém fala nada enquanto esperamos. Começo a balançar a perna, batendo com o calcanhar na parede. Estou fazendo barulho o suficiente para

não me concentrar no tic-tac, pelo menos.

Paro assim que Eduardo se endireita, encarando alguma coisa na mesa.

— Estão aqui.

Um instante depois escuto um carro entrando na garagem. Me levanto e estico os braços acima da cabeça. Estou ficando travada de passar tanto tempo sentada. Débora se levanta assim que escutamos as portas do carro batendo e pouco depois a porta da sala se abre.

Os kyris são uma das espécies próximas dos humanos. De longe, de relance, nem eu pensaria que a mulher é um alien. Mas, de perto... As proporções estão todas erradas. Não consigo nem explicar exatamente, mas tem algo nela que é tão estranho que parece *gritar* que ela não é daqui. Isso sem mencionar a textura estranha da pele dele. E ela está pelada.

Bruno não fala nada, só direciona a kyris para a mesa, com uma mão nas suas costas. Não temos como prender os aliens, no sentido tradicional. A maioria deles é muito mais forte que nós e uns tantos reagem de forma estranha a metais diferentes. Então precisamos confiar na autoridade do Acordo, porque os aliens sabem que é melhor serem mandados embora por nós do que serem reportados. Nesses dois anos que estou trabalhando para a APLA, só vi isso acontecer uma vez e não foi bonito.

A kyris para na frente da mesa, de cabeça baixa e braços cruzados na frente da barriga. Estranho, se Bruno falou que ela não estava feliz...

Kyris... *kyris*. Eles têm bolsas na pele, quase como um canguru.

Puxo Bruno para trás na mesma hora que a kyris se vira, com uma pistola híbrida na mão. Entro na frente de Bruno, o empurrando com força e pulando na direção da mulher.

Sinto o impacto do tiro no meu ombro e escuto Débora gritar, mas já estou caindo na mulher. A mão onde coloquei os anéis vai direto para o seu pescoço. A kyri atira mais uma vez e desaba, desacordada.

Respiro fundo e me levanto, balançando a mão. A descarga elétrica dos anéis sempre me deixa com os dedos formigando. E meu ombro está doendo.

Porra. Agora vou ter que explicar isso.

— Carol, você está bem? Ca...

Débora para na minha frente e encara meu ombro. Olho para baixo. Ah, que ótimo, perdi uma blusa. Tem um buraco onde o tiro acertou e já sei que

vou ficar com um roxo daqueles.

Balanço a cabeça quando ela abre a boca para perguntar.

— Acho que a pistola estava mal calibrada.

E eu preciso sair daqui antes de alguém pensar em verificar a pistola. Acho que ninguém vai mexer nela, pelo que sei não sabem usar armas do Acordo. Eu só aprendi porque Gabi insistiu em me dar alguma coisa para me proteger. Mas não vou contar com a sorte. Pelo menos Eduardo já está em contato com alguém do Acordo – estou ouvindo ele no telefone, mesmo que não consiga entender o que está falando – e eles vão levar a alien e seus pertences. Ninguém aqui vai ficar sabendo que a pistola estava em potência máxima.

Débora estreita os olhos e se vira para encarar a kyris.

— Carol, preciso saber... — Eduardo me chama.

Levanto a mão com os anéis.

— Mini-taser.

Ele repete o que falei no telefone.

— E eu vou voltar para minha sala — falo para ninguém em específico.

Só quando já estou na minha sala, com a porta fechada, que realmente cai a ficha do que aconteceu. Eu podia ter morrido. Qualquer um de nós podia ter morrido ali, por causa de uma arma que escapou dos scanners quando a kyris veio para a Terra. As bolsas de pele disfarçam as assinaturas metálicas. Alguém precisava ter revistado a mulher. Isso se ela não conseguiu a pistola depois que estava aqui.

Me sento e coloco as mãos em cima da mesa. Estou tremendo. Se eu não tivesse ido para a antessala...

Uma camada fina de escamas transparentes e ultra-resistentes cobre minhas mãos. Elas apareceram depois da confusão com Lucas, meu ex-namorado alien. E está ficando cada vez mais fácil controlar quando elas aparecem e em qual parte do meu corpo. Olho para o meu ombro de novo. Se não fosse por isso... Não quero nem pensar.

TREZE

Tem uma coisa gelada encostando no meu nariz.

Puta merda, tem uma coisa gelada encostando no meu nariz!

Pulo na cama, jogando a coberta para o lado e querendo rolar para o outro lado. Bato em alguma coisa quente e escuto um grunhido. O que...? Olho para trás, até com medo do que vou ver. Dravos está deitado na cama, me encarando.

Dravos.

Ai meu Deus. Dravos está na minha cama. Isso quer dizer que... Nós realmente fizemos... Ai meu Deus. E meio vestidos, para piorar. O que deu em mim para fazer uma coisa dessas?

Dravos olha para o outro lado e começa a rir. Respiro fundo e me viro.

O gatinho está com duas patinhas na cama, olhando para mim. Ele mia e eu estico a mão. Ele estica a cabeça até bater na minha mão. Fofo. E o nariz dele está gelado... Já sei quem foi que me acordou.

— Não faz isso de novo, Draco!

Ele mia e bate a cabeça na minha mão.

— Não foi engraçado! Você quase me mata do coração.

E é melhor conversar com o gatinho alien do que pensar no que dizer para o gato alien que está na minha cama. Droga.

—Ele te entende?

Me viro para Dravos. Ele realmente perguntou isso? É só um gatinho, é claro que... Esquece. É um gatinho alien.

— Não faço a menor ideia.

Dravos ri e balança a cabeça, ainda deitado. Sorrio. E ele também *ainda* está de blusa. Meu Deus. Pelo menos eu não fui a única desesperada. Que vergonha.

Ele fica sério de repente e me encara. Acho que está esperando algum tipo de reação, mas não faço a menor ideia de *qual* reação. Mas parece que...

— Não vou sair correndo e gritando — resmungo.

Ainda acho que isso é loucura. *Foi* uma loucura. Devia ter saído correndo e gritando, sim, e não ter agarrado Dravos. Mas... Já fiz. E não me arrependo.

Dravos sorri, ainda me encarando, antes de descer o olhar pelo meu corpo. De novo. Me mexo na cama, tentando achar uma posição confortável. Como se isso fosse possível quando estou me lembrando exatamente da sensação de ter ele dentro de mim. Acho que nunca vou conseguir pensar em outra coisa se ele me olhar assim.

— Ótimo, porque eu não fiz tudo o que eu queria — Dravos murmura.

Explorar meu corpo? Engulo em seco. Eu vou pular nele de novo. E ninguém vai me julgar.

O sorriso de Dravos se alarga e não duvido nada que ele tenha uma ótima ideia do que estou pensando. Espero muito que ele esteja pensando a mesma coisa, na verdade.

Ele estica um braço, se levantando um pouco da cama, e me segura pela nuca. Não resisto quando Dravos me puxa para baixo, até que estou deitada na cama de novo, meio em cima dele. Enfio uma mão por baixo da blusa dele, sentindo seus músculos se contraírem e tentando não me concentrar demais na sua ereção. O que não é muito fácil, porque estou sentindo seu pau duro encostado na minha perna, mas se parar para pensar nisso agora só vou sentar em cima dele e... Calma. Calma.

Escuto um miado alto. Droga. Draco tinha que começar justo agora. Dravos me encara e levanta as sobrancelhas, descendo a mão pelo meu corpo até apertar minha bunda e me puxar para cima do seu corpo. Ótima ideia. Deixa ele miando. Abro as pernas, me acomodando melhor e sentindo o pau de Dravos no meio das minhas pernas.

— Calma — ele fala, mas sua voz já está daquele jeito, tão rouca que quase não entendo.

Bom mesmo saber que não sou a única desesperada aqui.

Dravos fecha os olhos quando me mexo em cima dele, soltando um gemido rouco. Abaixo a cabeça e mordo seu lábio, antes de apoiar as mãos na

cama ao mesmo tempo em que ele passa os braços ao meu redor e me puxa para um beijo. Isso. Só um beijo. Sem pressa. Mesmo que eu tenha a sensação de que estou queimando e que *preciso* dele dentro de mim, agora, nesse instante.

Sinto alguma coisa nas minhas costas, apertando de leve. Mais alguma surpresa alien? Não que Dravos seja tão diferente de um homem humano... Sinto outra coisa nas minhas costas e Draco mia. Levanto a cabeça, respirando fundo, e escondo o rosto no pescoço de Dravos. Meu gatinho alien folgado está amassando pãozinho nas minhas costas quando eu estou querendo dar uns pegadas no meu gato alien. Isso não é legal.

Dravos levanta a cabeça na mesma hora que o gato mia de novo e sinto seu peito vibrar com uma risada silenciosa.

— Eu sabia que deixar esse gato aqui não era uma boa ideia.

— Péssima ideia — resmungo.

O gato mia de novo e Dravos cutuca minha cintura. Dou um pulo na cama.

— Não faz isso!

Ele estreita os olhos. Ah, não. Não mesmo.

— Estou falando sério!

Dravos suspira e o gato mia alto de novo. Folgado!

— Já vou, já vou...

Me levanto da cama. O que esse gato quer? Ele pula para fora da cama e vai para onde estão os potes de água e comida. Droga. Esqueci de colocar comida para ele. Preciso me acostumar a conferir se tem comida e água sempre.

Draco quase não me deixa virar a comida no pote. Coitadinho. E eu chamando ele de folgado... Tenho que prestar mais atenção nisso.

Quando olho para a cama de novo, Dravos está sentado na beirada dela, me encarando. E eu acabei de atravessar o quarto e me abaixar para por comida para o gato só de blusa. Só. O que é que está dando em mim? Não é à toa que ele está encarando... Não que isso seja ruim.

Paro na sua frente, pensando seriamente em sentar no seu colo. Não esqueci que não sou a única que está só de blusa. Mas Dravos me puxa para me sentar ao lado dele. Droga.

— Foi bom ele ter nos interrompido. — Ele gesticula na direção de Draco, que está concentrado na comida. — Preciso dar instruções antes de nos aproximarmos da base.

Assinto, tentando disfarçar minha decepção. Queria continuar o que estávamos quase começando.

Dravos segura meu queixo e me faz encontrar seu olhar.

— Isto não foi o que eu esperava. Mas se aceitar, eu vou voltar.

Estreito os olhos. Se eu aceitar? *Se?* Precisa mesmo perguntar, depois de como eu estava quase agarrando ele...?

— Você realmente está perguntando isso?

Ele sorri e fecho as mãos com força. Não vou pular em cima dele e aproveitar que nós dois já estamos só de blusa mesmo. E isso definitivamente não é normal.

— Isso... — começo e paro, sem saber como perguntar o que quero saber.

Dravos levanta as sobrancelhas e balanço a cabeça. Não vou falar que estou querendo agarrar ele o tempo todo.

— Se essa vontade toda é normal? — Ele pergunta.

Levanto a cabeça de uma vez e me viro para ele. Dravos dá de ombros.

— É o que eu perguntaria se estivesse na sua situação. E não, não é normal. É culpa da compatibilidade.

Pode até ser, mas...

— Eu nunca senti isso antes.

Um tesão louco por um ou outro alien que passou pela nave de João Mário? Isso sim. Mas não esse desespero que sinto com Dravos. Não é de agora que olho para ele e quando dou por mim estou imaginando o que não deveria.

Ou, depois de ter experimentado, o que eu *definitivamente* deveria estar imaginando.

— Tenho uma ideia do motivo, mas prefiro esperar até ter certeza — ele fala.

Abro a boca para pedir para ele contar mesmo assim e Dravos balança a cabeça.

— E não é só você que está assim, como acho que já notou.

Eu não vou olhar para baixo, porque se fizer isso e ver seu pau duro vou pular em cima dele, sim, e Dravos já falou que precisar dar instruções. Ele vai voltar depois. Posso esperar.

Dravos ri e se levanta, indo pegar o resto das suas roupas, que estão espalhadas pelo chão. Puxo a coberta para cima de mim e fico assistindo enquanto ele se veste. Não vou perder isso por nada. Começo a tentar desembaraçar meu cabelo com os dedos enquanto isso, só para ter alguma coisa para fazer com as mãos.

Ele se vira para mim, já vestido, e para, me encarando. Passo a língua pelos lábios. Não vou reclamar se ele mudar de ideia e decidir ficar no quarto.

— O seu cabelo está morto?

Pisco, sem ter certeza de que entendi certo.

— O quê?

— Seu cabelo.

Dravos vem até onde estou, pega uma mecha do meu cabelo e mostra a parte descolorida.

Logo antes de ser abduzida eu tentei fazer californianas azuis, mas não deu muito certo. Na verdade, eu fui lerda e fui no salão mais barato que achei. O resultado foi que ficou parecendo que alguém tinha passado uma régua no meu cabelo e descolorido da metade para baixo. Nada legal e nem a tinta colorida ia salvar. Eu ia em outro salão para tentar arrumar essa coisa, mas fui abduzida antes. Depois desse tempo todo, meu cabelo já cresceu o suficiente para a parte descolorida estar começando bem abaixo do meu ombro e não na altura exata do ombro.

Encaro a mecha de cabelo, tentando entender o que o descolorido tem a ver com “o cabelo estar morto”.

— Está? — Dravos insiste.

— Não!

— Mas se não está morto, por que está sem cor?

Me levanto de uma vez e vou pegar minhas roupas também.

— Porque tentei pintar e não deu certo.

Não vou perguntar o que ele quer dizer com “cabelo morto”. Tenho a impressão de que a explicação vai ser bem estranha e acho melhor guardar minha tolerância para coisas estranhas para a ida à tal base.

Meu estômago ronca.

Ou então para quando eu estiver na cozinha cercada por aliens estranhos.

Dravos balança a cabeça, ainda encarando meu cabelo. Estreito os olhos, carregando minhas roupas para o banheiro. Ele ainda me encara por mais alguns segundos e tenho quase certeza de que vai mudar de ideia. Mas ele se vira para a porta de forma brusca e sai.

Suspiro. Eu estou tão ferrada...

QUATORZE

Paro no corredor logo antes da porta da cozinha. Consigo ouvir uns tantos aliens conversando. E estou sozinha, só com Draco. Se bem que... Foi assim que cheguei aqui, da outra vez. Será que vou dar sorte de novo e Frog vai estar aqui? Respiro fundo e entro na cozinha de uma vez, sem nem parar na porta. Vou direto para o painel gigantesco no fundo da sala, tentando me lembrar do que Frog tinha me explicado sobre os tipos de comida.

Draco começa a miar e se mexer. Lá vamos nós de novo.

— O que foi?

Ele continua miando e olhando para cima. Olho na mesma direção. Não consigo ver nada, mas ontem – ou hoje mais cedo, não sei – ele estava bem feliz brincando no teto.

— Não vai aprontar nada, não é?

Ele continua miando. Certo. Tenho que descobrir um jeito de chamar ele de volta, já que ele vai insistir em ficar voando por aí desse jeito. Abro os braços e deixo Draco voar.

Na mesma hora os aliens na mesa mais perto de mim param de comer e começam a encarar meu gatinho. Um ou dois se escondem debaixo da mesa. Em questão de segundos, ninguém mais está comendo e tenho certeza de que um dos aliens está tentando disparar algum tipo de alarme, pela forma como está batendo num comunicador.

— Vocês deixem meu gatinho em paz! — Aviso.

Alguns aliens se viram para mim e faço um esforço para não me encolher. Se eles estão com medo de um gatinho, não preciso ter medo deles, certo? Onde já se viu... Um gatinho!

Continuo parada de braços cruzados, enquanto Draco se acomoda brincando com alguma coisa dependurada no teto. Os aliens se sentam de novo e vejo o dos dedos-tentáculos dar um tapa nas costas do que estava

batendo no comunicador. Ele fala alguma coisa que parece ser um “vai se acostumando”, mas está longe demais para eu ter certeza. É melhor se acostumarem mesmo. Draco vai continuar vindo comigo para a cozinha. O alien dos dedos-tentáculos olha para mim e assente, sorrindo. Sorrio em resposta, antes de me virar para o painel na parede.

E eu não faço a menor ideia de como escolher o que comer. Vai ser na sorte, e se não gostar jogo fora e tento lembrar para não pegar de novo. Seleciono uma das opções e espero meu prato sair enquanto tento ignorar o movimento dos aliens se levantando para sair ou vindo buscar comida.

— Você vai fazer isso todo dia?

Quase solto um suspiro aliviado quando reconheço a voz de Frog. Pego meu prato e me viro para ele.

— O quê? Trazer o Draco? Claro que sim. Não vou deixar ele preso no quarto o tempo todo.

Ele abre a boca para falar alguma coisa, mas ao invés disso olha para cima. Draco continua brincando com alguma, voando de um lado para o outro.

— Vocês estão parecendo eu fugindo de uma barata voadora. — Reviro os olhos.

Frog olha para mim, para Draco, e para mim de novo. Certo. Igualzinho eu vigiando uma barata voadora.

— Vocês têm algo assim na Terra? — Ele pergunta.

Abro a boca para responder e mudo de ideia. *Como* eu vou responder isso? Melhor não. Melhor não *mesmo*.

Só balanço a cabeça e olho para as mesas. Nada de uma mesa só para Dravos e eu. Vou ter que me sentar em uma mesa cheia de aliens.

E isso é tão ridículo – por algum motivo estou me lembrando de Meninas Malvadas – que rio.

— O que foi? — Frog pergunta, ainda olhando para cima o tempo todo.

— Naaaaada.

Ele me encara. Frog pode ser alien, mas pelo visto essa expressão é a mesma coisa de um humano. Não que adiante alguma coisa me encarar assim. Não tem a menor chance de eu conseguir explicar porque ri.

Balanço a cabeça e começo a andar na direção de uma das mesas. Frog

pega um prato – acho que é uma sobremesa – e gesticula para eu o acompanhar. Me sentar sozinha na mesa mais vazia ou acompanhar o único alien aqui que eu pelo menos conheço? Muito difícil decidir.

Ninguém fala nada quando me sento ao lado de Frog. Pelo menos ele está na ponta de uma das mesas, mesmo que seja uma das mais cheias. Mas não consigo mais ter medo dos aliens como antes. Não quando estou vendo eles olhando para cima o tempo todo, com medo do meu gatinho. Por favor, que exagero.

Ignoro os aliens e me concentro na minha comida. Parece uma lasanha, mas a massa é meio rosa e eu não tenho certeza do que pensar sobre o restante das coisas nela. Sei que tem algo azul. Será que está certo ter algo azul na comida? Será que não confundi os lados do terminal e peguei a comida que não posso comer?

— Frog?

Ele olha para mim.

— Tem certeza que eu posso comer isso?

Ele assente e engole um pedaço da sua sobremesa.

— É seguro. Se alguma das humanas tivesse algum problema com essas comidas, já teríamos ficado sabendo.

Respiro fundo enquanto ele olha para o teto de novo. Certo. Lasanha de massa rosa com alguma coisa azul. Só falta eu ter alguma alergia bizarra a esse tipo de comida e morrer assim que colocar isso na boca. Vou ter a honra de ser a primeira humana a ter problema com essas comidas.

E eu já falei que preciso parar de ficar pensando nessas coisas.

Coloco um pedaço na boca e mastigo devagar. Certo, não morri. E isso aqui nem é tão ruim assim... Okay, na verdade é bom. Dei sorte, eu acho.

Frog ri e olha para cima de novo. Como se ele pudesse rir de mim com medo da comida. Pelo menos é um fato que tem coisas que não posso comer. Não estou com medo à toa, igual ele que está olhando para cima e encarando Draco. Com medo de um gatinho. Onde já se viu.

Continuo comendo. Se eu não prestar atenção nos aliens, isso aqui parece ser um refeitório normal. Várias conversas paralelas, tanto barulho que não adianta tentar entender o que estão falando, algumas risadas e o barulho de talheres. Se eu fechar os olhos, é fácil imaginar que estou na Terra.

E estou começando a me sentir uma idiota por ter passado tanto tempo com medo dos aliens.

Olho para uma mecha do meu cabelo, encarando a parte descolorida. O que será que Dravos quis dizer quando perguntou se meu cabelo estava morto? Ainda tenho até medo de saber a resposta, mas acho que está na hora de mudar. E dessa vez vou fazer as coisas direito. Ou tão direito quanto é possível, aqui.

Me viro para Frog.

— Me arruma uma tesoura?

Ele me olha como se eu fosse louca.

— O que você vai fazer com uma tesoura?

— Nenhuma bobagem.

Cortar meu cabelo sozinha não é bobagem, é? Tá, não vou responder isso. Mas, sei lá. Quero alguma coisa visível para me lembrar do que estava pensando e não ficar sendo só uma ideia que eu tive aqui e deixei para lá. Se é hora de mudar, então vou fazer alguma coisa.

Frog suspira.

— Tudo bem.

Meia hora depois, estou encarando meu reflexo no espelho. Isso não vai prestar. Tenho certeza que não vai. Mas também acho que está passando da hora de fazer alguma coisa. Puxo meu cabelo todo para trás e o prendo com um elástico que Frog também conseguiu para mim. Espero estar fazendo isso direito. Lembro de ter visto alguma coisa assim no Youtube, mas não tenho certeza dos detalhes. Pelo menos a tesoura que ele me arrumou não tem nada de estranho e está afiada.

Draco mia e se esfrega na minha perna. Me abaixo e passo a mão na sua cabeça. Ele está mais sossegado agora. Acho que estava querendo sair do quarto um pouco e brincar. Tenho que descobrir o que tem no teto da cozinha e ver se é alguma coisa que posso colocar aqui no quarto.

Certo. Nada de ficar enrolando. E está passando da hora de eu dar um jeito nesse cabelo, porque não vou achar um salão para arrumar isso aqui no espaço.

Respiro fundo e me endireito. Acho que é isso mesmo. Seguro meu cabelo, por cima do elástico, e puxo para a frente. Ai meu Deus, isso vai ficar

muito curto. Respiro fundo de novo e corto.

Meus olhos se enchem de água enquanto encaro a mecha de cabelo descolorido que caiu na pia. Pode até estar descolorido, feio, amarelado, mas é meu cabelo. E o que sobrou não está nem no meio das costas. Faz muito tempo que não corto tanto meu cabelo.

Pego o cabelo e jogo na abertura para resíduos orgânicos que está na parede. E não vou olhar no espelho. Não quero ver o resultado. Acho que nunca usei meu cabelo desse tamanho. Para mim, é curto.

Paro na porta do banheiro, de costas para o espelho. Não. É para mudar, não é? Então vou encarar a mudança.

Respiro fundo e me viro para o espelho. Certo. Acho que cortei um pouco torto, mas já estava esperando isso. Mas... Nem parece tão estranho. Pensei que ia ficar incomodada, sei lá. Ao invés disso, só estou me sentindo mais como eu mesma. Ou melhor, como se finalmente *eu* estivesse fazendo alguma coisa, ao invés de ser jogada de um lado para o outro nessa loucura que minha vida virou.

Pensando bem, isso é bom.

QUINZE

Jogo a bola de meia para Draco, pela milésima vez. Ele corre atrás dela e começa a jogá-la de um lado para o outro, antes de se deitar no chão, agarrar a bola e começar a morder e apertar. Fofa. Ou seria, se não fosse a milésima vez que eu jogo essa bola. Definitivamente preciso arrumar outra coisa para ele brincar.

Escuto o barulho da porta e me viro. Dravos olha para mim, para o gato, e balança a cabeça antes de entrar no quarto. E ele está carregando... Tá, não faço a menor ideia do que são essas coisas que ele está carregando. Até diria que são tábuas, mas essas coisas são violeta. Alguma coisa desse tipo de plástico que eles usam para quase tudo? Mas tem mais alguma coisa no meio disso.

Dravos balança a cabeça de novo, encarando o gatinho brincando com a bola de meia, e olha ao redor do quarto. Levanto as sobrancelhas, sem sair de onde estou sentada na cama. O que ele está querendo?

Sem falar nada, ele para na frente de uma das paredes, um pouco para o lado de onde estão os potes de água e comida. O que Dravos está aprontando? Ele coloca uma das “tábuas” – por falta de outra palavra – no chão e levanta a outra. Definitivamente uma tábua. Ou uma placa daquele plástico. Ele levanta a placa o mais alto que consegue e aperta alguma coisa que não consigo ver. Pulo da cama quando ele se afasta, mas a placa fica no lugar. Certo. Coisas aliens.

E... Tem umas cordas com bolinhas dependuradas nela. O quê...?

Ele trouxe um brinquedo pro Draco. Fofa!

Me levanto e vou olhar as cordinhas dependuradas enquanto ele pega a outra placa e coloca na parede do lado.

— Isso vai suportar o peso dele — Dravos fala, sem se virar.

Meio óbvio, não é? Porque se não aguentarem o peso do meu gatinho

essas placas vão estar no chão daqui a pouco.

Dravos prende a outra placa e se vira para mim. Não vou encarar e não vou ficar pensando no que fizemos e no que ele falou que ainda queria fazer. Não vou. Mas... Ele não disse que ia voltar para fazer tudo o que queria? Como era aquilo de explorar meu corpo e descobrir o que eu faria?

Respiro fundo e me viro para Draco, que está deitado no chão, abraçado com a bola de meia e encarando Dravos. Vamos ver o que ele vai achar disso. Tomo a bola de meia dele e jogo em cima de uma das placas. Por milagre minha mira prestou. Draco pula e voa lá para cima na mesma hora. Ele pega a bola de meia e para, olhando de um lado para o outro, antes de se deitar. Eu queria tirar uma foto disso.

Dravos ri em voz baixo e minha respiração falha. Não me esqueci que ele está aqui, nem do motivo para ter falado que ia voltar. Quando me viro, ele já está do meu lado e estica uma mão para o meu cabelo.

— Cortou o cabelo.

Dou de ombros. Espero muito que ele não pergunte nada nem solte aquele “você ficava melhor antes de cortar”. Eu sei que ficava melhor antes de cortar. Esse cabelo assim é curto demais para mim.

Mas Dravos não fala nada, só brinca com as pontas do meu cabelo, me encarando. E eu também não consigo desviar o olhar dele. Será que vai ser sempre assim? Passo a língua pelos lábios e o olhar de Dravos acompanha o movimento. Antes de eu pensar em fazer alguma coisa, ele já enfiou uma mão no meu cabelo e está segurando meu rosto com a outra, ainda me encarando daquele jeito que...

Passo os braços ao redor da cintura de Dravos e o beijo. O que tenho a perder? E a sensação do corpo dele encostado no meu é melhor do que me lembro. Não achei que isso fosse possível. E é um beijo rápido, quase hesitante... Antes de Dravos puxar o ar e segurar minha nuca com força. Desta vez o beijo é *quente*, me fazendo derreter. Ele disse que queria explorar meu corpo e tenho a impressão de que está começando pela minha boca, por que meu Deus...

— Acho que dessa vez seu gato não vai interromper — Dravos murmura, levantando a cabeça.

Respiro fundo duas vezes antes de conseguir entender o que ele falou. Acho que se soltá-lo não vou conseguir nem ficar em pé, e ele fez isso só

com um beijo.

Não. Também acho que não. Tem comida, tem água, a caixa está limpa e Draco ainda está abraçado com a bola de meia em cima de uma das placas, encarando as bolinhas dependuradas debaixo da outra placa.

Dravos me empurra na direção da cama. Obedeço. Quando ele me para, sei que se der mais um passo para trás vou cair deitada. Não que isso seja uma má ideia. Mas quero saber o que ele está planejando.

Ele respira fundo e desce o olhar pelo meu corpo.

— Sabe, não sei se isso foi uma boa ideia — ele fala enquanto sua mão desce do meu rosto para o meu pescoço. — O tempo todo enquanto estava na ponte, só estava pensando em voltar para cá e no que queria fazer.

E a forma como ele está me encarando me dá uma boa ideia do que ele quer. Engulo em seco e passo a língua pelos lábios de novo. Quero isso. E não só por causa dessa coisa da compatibilidade. Quero por mim, porque sei que vai ser bom. Bom? Provavelmente nunca vou conseguir me esquecer disso, o que quer que aconteça aqui.

— E o que você estava pensando? — Consigo perguntar.

Dravos prende meu cabelo atrás da orelha e se aproxima.

— Para começar, só isso.

Ele se aproxima até que está com o corpo quase colado ao meu de novo. Achei que sabia o que estava por vir, mas... De quantas formas diferentes ele vai me matar com um beijo? Dessa vez é um beijo lento, como se tivéssemos todo tempo do mundo. Como se mais nada importasse. Só os lábios dele nos meus, sua língua explorando minha boca, suas mãos descendo pelo meu pescoço, meus braços e parando na minha cintura.

Dravos me puxa para mais perto e sinto sua ereção. Quero isso. Quero demais, mas... Vou esperar, porque se esse beijo é só o começo...

Ele enfia as mãos por baixo das minhas blusas e para. Quase mordo seu lábio quando ele levanta a cabeça. *Não pedi para parar!*

— Por que você está usando duas blusas?

Ele parou por isso?

— Porque aqui é frio, oxe!

— E por que não falou isso antes?

Ele estica um braço na direção da parede. O que ele está querendo fazer

agora? Me viro e pisco. Tem um painel ao lado da cama, um pouco parecido com o painel da porta. De onde isso veio? Dravos mexe em alguma coisa lá, mas não consigo ver o que está fazendo porque ele puxa minhas blusas para cima com a outra mão.

Quando jogo as blusas para o lado, o painel já sumiu. Aproveito que Dravos se afastou um pouco para cruzar os braços. Devia ter pensado melhor depois do primeiro beijo. Nunca fui magra e esse tempo desde que fui abduzida não ajudou nada nesse ponto. Se tivesse pensado por dois segundos que fosse, ia ter pelo menos apagado a luz, porque Dravos... Ele é a definição de um corpo perfeito.

Dravos me puxa para perto de novo, parecendo nem ter notado meus braços cruzados. Dessa vez, quando ele me beija, não consigo relaxar, nem quando ele começa a passar as mãos pelas minhas costas.

Ele suspira e para com as mãos na minha cintura antes de levantar a cabeça.

— O que foi?

Balanço a cabeça, sem olhar para ele.

— Pode apagar a luz?

Ele me encara por um instante antes de olhar para meus braços cruzados.

— O que você quer esconder?

Abro a boca e paro, sem saber o que dizer. Ele realmente fez essa pergunta?

Mas Dravos já está indo para o painel perto da porta. Um instante depois o quarto está tão escuro que não consigo ver nada. Isto é, antes do rabo de Draco começar a brilhar, no alto da placa onde ele ainda está deitado.

Não. Não é só o rabo de Draco. As linhas de pontinhos coloridos no pescoço de Dravos também estão brilhando. É um brilho fraquinho, mas mesmo assim...

Dravos para na minha frente. Levanto uma mão e passo os dedos no seu pescoço, acompanhando os pontinhos coloridos. Desde quando estou querendo fazer isso mesmo? Ele me segura pela cintura e me puxa para perto, colando nossos corpos. Quando dou por mim, ele já está me beijando de novo, mas parece que aquela paciência acabou. É um beijo faminto, aquele de me fazer derreter e ficar de pernas bambas. E sentir sua roupa contra minha

pele, a textura um pouco áspera do tecido contra meus mamilos está me deixando louca. Mas eu quero mais que isso, quero sua pele contra a minha, passar minhas mãos pelo seu corpo igual ele está fazendo comigo.

Ele me solta e tira sua blusa – e só sei que foi isso que ele fez porque vejo mais pontinhos coloridos começarem a brilhar, nos seus braços e no seu tronco, acompanhando seus músculos. Acompanho uma das linhas de pontinhos azuis claros que contornam seu peitoral. Isso é estranho, mas ao mesmo tempo é lindo.

— Elas não fazem nada — Dravos murmura, segurando minha mão.

E por que é que estou com a impressão de que ele está preocupado com alguma coisa? É estranho, porque não consigo nem ver o rosto dele direito. Mas tenho quase certeza que ele não queria apagar a luz, e esse é o motivo.

— É bonito — respondo.

Sinto o olhar dele em mim. Acho que Dravos consegue ver no escuro, porque tenho certeza que ele está me encarando.

Ele se move tão depressa que nem vejo o que aconteceu. Só sei que ele está me segurando, quase me carregando, e me coloca na cama. Sinto o colchão afundar quando Dravos sobe na cama na cama também, e acompanho os movimentos dos pontinhos coloridos, que são praticamente a única coisa que consigo ver. Sinto sua respiração quente no meu rosto um instante antes da sua boca encontrar a minha. É aquele mesmo beijo faminto, e dessa vez eu estou com as mãos nele, sentindo os músculos das suas costas se contraindo sob meus dedos.

Dravos levanta a cabeça. Quase consigo sentir seu olhar em mim, mesmo que não esteja vendo quase nada. Solto o ar com força quando ele beija meu pescoço e começa a descer, sem a menor pressa, beijando e chupando. Aperto suas costas, tentando não falar nada. Não quero que ele nem pense em parar. Seguro a sua cabeça quando ele desce pelo meio dos meus seios e vai direto para minha barriga. Filho da mãe, isso não! Dravos ri baixo e um arrepio me atravessa quando sinto sua respiração na minha barriga. Solto sua cabeça – o cabelo dele é curto demais para eu segurar – e enfio as unhas nas suas costas. Ele puxa o ar com força antes de se mexer. Não consigo segurar meu gemido alto quando ele chupa um mamilo, antes de morder de leve e puxar, para voltar a chupar.

Jogo uma perna ao redor de Dravos, arqueando o corpo contra sua boca.

Quero mais, mais e mais. E ele continua chupando meu mamilo enquanto uma das suas mãos desce pelo meu corpo, até o meio das minhas pernas. Aperto suas costas quando ele para, quase lá, e Dravos ri em voz baixa de novo. Eu ainda vou me vingar disso. Tento levantar o corpo, forçar sua mão até onde eu quero, mas ele me segura no lugar, enquanto continua a brincar com meus seios. Não sei o que é pior: as coisas que ele está fazendo com a boca ou a sensação dos seus dedos quase encostando no meu clitóris. Quase, só quase.

E ele cumpre o que falou sobre explorar meu corpo. Nunca pensei que algo assim pudesse ser tão bom. Nem achei que fosse possível, na verdade. Mas quando Dravos volta a descer pelo meu corpo, com aquela trilha de beijos, mordidas e chupadas, eu já estou louca.

Ele levanta a cabeça.

— É isso que você quer?

Não, quero que ele continue o que estava fazendo.

Tento puxar o ar para responder e quase grito quando Dravos desce a mão de uma vez, passando um dedo pelo meu clitóris, indo até minha entrada e voltando, ensopado. Espera, quando foi que ele terminou de tirar minha roupa? Não que isso importe, porque dessa vez Dravos não para. Agarro o lençol com força quando ele enfia um dedo em mim e aperta meu clitóris com a base da mão. Meu Deus. Se só com um dedo já estou assim, então quando...

Dravos empurra minha perna para o lado com a outra mão. Sinto sua respiração na parte de dentro das minhas coxas um instante antes dos beijos e mordidas recomeçarem. E ele não para de mexer o dedo que está dentro de mim, nem de fazer pressão. Eu vou morrer aqui e nem vou reclamar. Meu Deus.

Bato o pé com força na cama quando Dravos para, mas não consigo nem falar alguma coisa. Só quero que ele continue. Estou quase lá. Levanto a cabeça, mas nessa posição mal consigo ver os pontinhos coloridos. Sei que Dravos está se mexendo na cama, mas não faço ideia do que está fazendo.

— Eu quero provar você — ele fala.

Puxo o ar com força quando sinto sua respiração no meio das minhas pernas, de novo. *Por favor.* A única coisa que consigo fazer é gemer, porque ele acabou de soprar entre meus lábios. Arqueio o corpo e Dravos coloca uma mão na minha barriga, me segurando no lugar.

Por favor.

Sinto sua respiração quente de novo, e então sua língua passando do meu clitóris até minha entrada, antes de subir. E não consigo mais pensar, porque ele está me chupando, lambendo. A única coisa que existe é a sensação – as sensações – de Dravos me devorando. Ele não para, usando a língua para lambe meu clitóris depressa, depois devagar, fazendo círculos, e então depressa de novo antes de me chupar, o tempo todo me segurando no lugar, mesmo que meu corpo esteja arqueando e eu não consiga nem controlar minhas reações. Só quero mais e mais. Quero ele dentro de mim, quero que continue me chupando, quero tudo.

Agarro o lençol com mais força ainda quando ele enfia dois dedos em mim e continua me chupando. Esse homem vai me matar, porque sinto meu corpo todo pegando fogo.

Dravos faz alguma coisa com os dedos que me faz gritar enquanto sinto essa pressão toda explodir, mas não para de me chupar. Juro que vi estrelas, mas ele ainda está chupando, lambendo, e movendo os dedos.

Eu definitivamente nunca vou conseguir me esquecer disso, nem quando voltar para a Terra.

DEZESSEIS

Quase pulo da cama quando escuto um alarme, mas alguma coisa está me segurando no lugar. Ai meu Deus, caiu alguma coisa em cima de mim e agora eu estou presa aqui e...

Dravos me puxa para perto.

Dravos. É Dravos me segurando.

— Está tudo bem. É só um aviso de aproximação — ele murmura, sem me soltar.

Respiro fundo e abro os olhos. O alarme realmente é diferente, agora que estou prestando atenção. Quer dizer, agora que o susto me acordou. E não tem nenhuma luz piscando. O quarto ainda está escuro, só com o brilho do rabo de Draco em cima de uma das placas na parede. E os pontinhos coloridos da pele de Dravos, na verdade. Passo os dedos por uma linha de pontinhos amarelos e esverdeados no braço que está me segurando.

Ele não fala mais nada nem se mexe. Acho que realmente não é alguma coisa urgente, então, senão ele já teria saído para dar ordens ou coisa assim.

Me viro na cama. Dravos está deitado de lado, virado para mim, e sei que está me encarando. É estranho como eu tenho certeza disso, mas tudo aqui é estranho. Não falo nada enquanto passo um braço ao redor da cintura dele. Ainda estamos os dois sem roupa e sentir a pele dele contra a minha me faz lembrar de tudo o que fizemos de noite. Quer dizer, nas últimas horas. Não me arrependo. Não mesmo. Nada nem ninguém vai superar isso.

Dravos passa a mão pelas minhas costas, sem falar nada. Estou sentindo sua ereção e juro que pensei que ele fosse sugerir mais alguma coisa, mas o toque dele não tem nada disso. É só... Ele ficou preocupado.

— O que aconteceu para você ter tanto medo de sirenes?

Respiro fundo de novo. Não queria me lembrar disso.

— A nave onde eu estava foi atacada. Piratas, eu acho — murmuro.

Ainda acho que aquele dia foi o mais assustador da minha vida, quando começamos a sentir a nave tremer com os tiros e ouvir as explosões. Não bastava ter sido *abduzida*. — A primeira, quando me trouxeram para cá.

Ele continua passando a mão pelas minhas costas e tenho a impressão de que assentiu.

— E você ainda não fazia a menor ideia do que estava acontecendo, para piorar.

Assinto. Não queria acreditar que tinha sido abduzida e estava numa cela, pronta para ser vendida. Mas também não tinha como duvidar. Estava esperando um milagre, na verdade. Qualquer coisa, porque aquilo não podia estar acontecendo. E ao invés disso...

— É bobagem, mas... — Paro quando sinto Dravos balançando a cabeça.

— Vou tentar te deixar avisada quando uma das sirenes for disparar. As sirenes são só avisos. Essa aqui é um sinal para todos irem para seus postos.

Assinto de novo antes de entender o que ele quis dizer. Aviso para todos irem para seus postos?

— Já estamos chegando na base?

Dravos suspira e me solta para se virar na cama. Afundo a cabeça no travesseiro e fecho os olhos com força quando a luz se acende. Eu jurava que só tinha como acender as luzes no painel ao lado da porta.

Levanto a cabeça, piscando depressa, e vejo *outro* painel estranho do lado da cama.

— Você tem que me ensinar a achar esses painéis e mexer neles — resmungo, sem nem pensar em me levantar.

Tenho a impressão de que Dravos hesitou antes de se virar de novo, mas quando olha para mim ele está sorrindo. O que foi isso? Se bem que... Não importa. Eu não estava preparada para esse sorriso. Não mesmo.

Ele passa o braço ao redor da minha cintura de novo e me puxa para perto. Respiro fundo. Não vou beijar Dravos, mesmo que a boca dele esteja tão perto da minha que só preciso levantar um pouco a cabeça. Se fizer isso, não vou parar. E acho que ele está pensando na mesma coisa, porque está encarando minha boca.

Não.

— A base? — Pergunto.

Dravos respira fundo e balança a cabeça, sem me soltar.

— Estamos a menos de uma hora de distância.

Menos de uma hora... Até eu entrar por vontade própria num lugar onde estavam usando mulheres terráqueas para experimentos e sabe-se lá mais o quê. Eu sou louca. Não tem outra explicação para eu ter concordado em fazer isso. Não. Eu vou fazer isso porque é minha chance de voltar para casa. Então vale a pena... Se não for uma armadilha.

Dravos me solta e se senta na beirada da cama. Continuo deitada, olhando para suas costas. Não que seja estranho ele estar levantando agora que estamos chegando na base, mas acho que não é só isso. E estou começando a ficar irritada com todos esses “achismos”. Será que estou ficando louca de vez?

— Por enquanto não precisamos nos preocupar — Dravos começa e para quando desligam a sirene. — Isso foi só uma precaução. Nesse momento, o pessoal da base *precisa* de mim.

Tá, isso está começando a ficar sério. E é tarde demais para mudar de ideia... Eu acho.

Respiro fundo e me sento encostada na cabeceira da cama, puxando o lençol junto comigo. Dravos continua de costas para mim, parecendo que nem notou que eu me mexi.

— A base que destruímos era a que consideravam mais segura. Tinham relocado a maioria das mulheres para lá, para evitar que a força-tarefa as encontrasse — ele continua. — Agora querem trazer as que sobraram para cá e daqui sair da área do Acordo.

Sair da área do Acordo, porque aí estariam numa verdadeira terra sem leis. Espaço sem leis. Ah, tanto faz. A questão é: poderiam fazer o que bem entendessem e ninguém ia se importar. Isso só fica pior...

— Como não querem arriscar sua mercadoria, querem uma escolta. Alguém que conseguiria parar a força-tarefa, se descobrissem essa movimentação. É aí que nós entramos. Eu me ofereci para patrocinar a chegada de uma nova leva de mercadorias. Não só as mulheres que já estão no Acordo, mas as que estão para serem trazidas para cá. Minha oferta é assumir a responsabilidade pela segurança dessa operação toda, desde que aprove o que estão fazendo na base.

Engulo em seco. Isso tudo é só o plano, não é? É claro que é. Respiro fundo. Dravos não precisaria de nada disso se quisesse me vender. Essa é a verdade. Se ele decidir fazer isso, não tem *nada* que eu possa fazer para impedir. Mas não acho que... Não. Acho que posso relaxar, pelo menos sobre isso. Se fosse me vender, Dravos não teria me contado sobre a força-tarefa, sobre eu poder voltar para a Terra e tudo mais. Não estaria inventando essa história inteira para me convencer.

E se fosse me vender e estivesse falando isso tudo para me enganar, Dravos não estaria tão tenso que eu consigo ver suas mãos tremendo.

Mas, como...?

— Você está lendo meus pensamentos?

Ele fecha o punho com força.

— Não.

Certo. Não está. E ficou tenso assim por puro acaso.

Fecho os olhos e inclino a cabeça para trás. Não quero pensar nisso. Já tem loucuras demais acontecendo. É melhor eu nem prestar atenção nessas coisas.

Dravos suspira, mas tenho a impressão de que até esse suspiro está tenso.

— Vou exigir conhecer toda a base antes de me comprometer a ajudar ou não. Você vai comigo. Tenho uma ideia de onde a agente de Pryin está e vai ser mais fácil fazer isso que tentar chegar lá à força ou às escondidas. Mas eu preciso que...

Abro os olhos quando ele para e suspira de novo. Dravos está me encarando, sério e tenso. E isso está me incomodando, não sei por quê.

— Você confia em mim, Jéssica?

Confiar? Não deveria. Não mesmo. Apesar de tudo, ele é um alien. Ele..

Apesar de tudo, não importa.

Engulo em seco. Acho que realmente estou ficando louca de vez.

— Confio.

Dravos assente e parece que relaxa um pouco.

— Vou precisar que você obedeça qualquer palavra minha. Para todos os efeitos, você é minha e ninguém pode duvidar disso. Mesmo que não queira ou que discorde, preciso que obedeça.

Engulo em seco. Não vou pensar no que ele acha que vai precisar me mandar fazer. Não vou pensar. Não vou.

Assinto.

Ele suspira e coloca uma mão na minha bochecha. Respiro fundo e levanto a cabeça, até estar olhando nos seus olhos.

— Eu não vou deixar nada acontecer com você. Tem minha promessa. Não vou trocar uma vida por outra, e a agente de Pryin sabia os riscos que estava correndo quando entrou nessa base.

Assinto de novo, sem saber como responder. É bom ouvir isso. É um alívio. Mas...

Dravos passa um dedo pelos meus lábios antes de se afastar.

— E é melhor nós dois nos vestirmos logo — ele murmura e se levanta.

Senão não vamos sair desse quarto tão cedo. Assinto mais uma vez, tentando não passar a língua pelos lábios. Tenho certeza de que consigo convencer Dravos a ficar na cama por mais um tempo, mas não. Não é hora. E quanto mais rápido formos para a tal base, mais rápido eu fico livre disso e mais rápido ele me leva de volta para a Terra.

E não vou ficar pensando que vai ser uma pena não ter mais Dravos por perto depois que eu for embora, porque tenho certeza que ninguém vai conseguir superar essa noite.

Dravos se vira para mim de uma vez, com sua blusa na mão, e estreita os olhos. Dou de ombros e me levanto. Não está lendo minha mente uma ova. Mas eu vou voltar para a Terra. Não preciso tentar entender isso.

DEZESSETE

Respiro fundo pela milésima vez e tento não mostrar nenhuma reação enquanto acompanho Dravos pelos corredores da base. Não foi nem um pouco difícil de notar que os outros aliens amam quando estou com medo. Tenho certeza de que ouvi um deles tentando negociar preços com Dravos, para me comprar. Só não estou surtando porque o olhar de Dravos para o alien foi um daqueles que, se fosse comigo, eu teria me encolhido num canto e torcido para ficar invisível.

Ao menos os aliens nessa base são mais normais que os da nave de Dravos. Mas a base... Balanço a cabeça e me concentro em continuar atrás de Dravos. Já está acabando.

A ideia de Dravos deu certo, eles fizeram exatamente o que ele queria. Fizemos um tour de boa parte da base e eu queria muito não ter visto muita coisa que vi. Estou começando a achar que tive muita sorte por ter sido levada pelos piratas e vendida pra João Mário, porque se tivesse vindo parar aqui... Não quero nem pensar.

A base não é muito diferente das naves que já vi: corredores claros com barras na parede, portas com símbolos estranhos, painéis e imagens flutuando no ar. O problema são as coisas que estão dentro das salas. E dos salões. E as imagens que vi nas telas, do que faziam ali antes, quando não estavam com tudo vazio. Quero passar uma borracha na minha cabeça.

Mas o pior é que ninguém mais está saindo com a gente. Somos só eu e Dravos indo para a saída. E acho que eu ia notar se alguma agente deles estivesse me seguindo, não ia? Então vamos ter que voltar aqui amanhã. Eu não quero voltar.

O alien de pele vermelha e amarela que nos recebeu está parado perto da saída. Ele me encara dos pés até a cabeça, assente, e se vira para Dravos.

— Espero que nossas instalações sejam do seu agrado. Esta parceria

pode ser extremamente benéfica para todos nós.

Não consigo ver a reação de Dravos, mas o alien dá um passo atrás.

— Eu disse que precisava ver todo o seu espaço para analisar se uma parceria assim vale a pena para mim. E, considerando que tive acesso a menos de metade das suas instalações, não creio que valha a pena arriscar meu pessoal nesse esquema, já que não podem cumprir nem mesmo com o que foi combinado inicialmente.

Não posso reagir, não posso reagir, não posso reagir. Mas queria dar uma risada daquelas agora.

O alien fica laranja claro.

— As áreas técnicas não devem ser do seu interesse, por isso demos prioridade para...

— Pensei que tinha deixado claro que queria ver *todo* o seu espaço.

Dravos se vira e gesticula para que eu passe na sua frente e atravesse o corredorzinho estranho que vai nos deixar na nave dele. Passo por ele direto, sem olhar para os lados. Não quero entrar nesse corredor de novo, porque tenho a impressão de que é só um tubo de plástico ligando a nave de Dravos à base. Não tem nem um chão firme para eu pisar, essa coisa cede quando vou andando. Mas também não quero ficar na base, então me preparo para atravessar o tubo quase correndo.

Dravos segura meu braço assim que coloco um pé no tubo. Paro, sem me virar para trás. Aprendi direitinho o que não posso fazer. Ele não mandou eu me virar, então não vou.

— Vou levá-lo no restante das nossas instalações amanhã, pessoalmente. Ou até mesmo agora, se preferir — o alien fala.

Sinto o chão afundar quando Dravos também entra no tubo e coloca a mão nas minhas costas.

— Amanhã.

E o passo dele para sair do tubo é quase correndo. Se bem que acho que não é porque ele está com medo dessa coisa estranha arrebentar nem nada do tipo, é só para intimidar o outro alien. Eu acho.

A porta – que tenho certeza que tem outro nome que não lembro – se fecha atrás de nós assim que saímos do tubo e entramos na nave. Olho para trás em tempo de ver a luz em cima do painel mudar de azul para vermelha.

— Isso quer dizer que a passagem foi despressurizada, então não é seguro abrir a escotilha — Dravos fala.

Olho para ele, que dá de ombros.

— Você estava encarando a luz de status.

E eu continuo sem ter entendido nada do que ele falou. Quer dizer, entendi que não é seguro abrir a porta. E isso é bom, porque então nenhum dos aliens da base pode vir aqui. Pelo menos, espero que não.

Dravos suspira e passa a mão na cabeça. Ele pode até ter intimidado o alien que estava na porta da base com um olhar, mas agora só está parecendo cansado.

— Você não precisava ter visto nada daquilo — ele murmura.

Engulo em seco e balanço a cabeça. Não quero pensar nisso. A luz da porta é muito mais interessante.

— Se for demais, não precisa vir amanhã. Vou achar um jeito.

Balanço a cabeça. Não quero voltar lá, mas...

— E a agente da sua irmã?

Dravos suspira de novo e olha para a porta.

— Vou achar um jeito. O que vão mostrar amanhã... Só vimos as áreas públicas da base. O centro de treinamento de verdade está nas partes que não entramos. Vai ser pior. Não vou te forçar a ver isso.

Balanço a cabeça de novo. Se é pior que o que vimos... Tá, não quero imaginar como pode ser pior. Nem quero voltar lá. Mas Dravos falou que o único jeito da tal agente sair sem ninguém notar seria se uma mulher estivesse lá. Então esse “dar um jeito” dele ou é se conformar e deixar a agente lá ou tirar ela à força.

Respiro fundo. Eu estou ficando louca.

— Você vai explodir essa base também, depois?

Dravos olha para mim e passa a mão na cabeça de novo. De repente ele está parecendo ainda mais cansado. Cansado e... Conformado?

— Vou.

E se ele fizer um trabalho tão bem feito quanto na outra base, não vai sobrar nada dessa aqui. Ou seja, quanto mais rápido ele conseguir tudo o que precisa dessa base, mais rápido vamos embora e mais rápido ela vai ser destruída.

Assinto.

— Vou com você.

Ele me encara por um instante antes de assentir. Por que a surpresa? Depois do que vi, só quero acabar com isso tudo depressa. E preciso que esses aliens *paguem* de algum jeito pelo que fizeram. Se o tal Conselho do Acordo que Dravos mencionou não vai fazer nada, então que seja. É melhor explodirem a base logo.

— E você precisa comer alguma coisa — ele fala.

Assinto, olhando para baixo. Eles nos ofereceram comida na base e Dravos chegou a comer, mas não me deixou chegar nem perto dos pratos. Não sei se era uma medida de segurança ou só mais uma das várias coisinhas que ele fez só para parecer que eu não tinha vontade própria.

Dravos dá um passo na minha direção e balança a cabeça. Respiro fundo. Também não sei o que falar agora. É estranho... E preciso pensar no que aconteceu.

Me viro e vou andando pelo corredor. Acho que consigo chegar na cozinha sozinha. Sei que estou no andar certo, só preciso me lembrar de para que lado ir. Bem que podia subir para o meu quarto buscar Draco para ele dar uma volta pela nave. Mas isso quer dizer subir para o andar dos quartos e descer de novo. Se eu for até lá, não vou descer de novo. E é melhor não passar o dia todo sem comer nada.

Viro em um corredor e dou de cara com um salão enorme que definitivamente não é a cozinha. Droga. Olho para os lados, mas é só um espaço aberto e vazio, sem nada de diferente. Um dos aliens daquela espécie que eu tenho certeza que tem algum parentesco com aves está mexendo em um computador embutido na parede. Melhor que nada.

— Oi! Pra que lado é a cozinha?

O alien olha para mim e dá um passo atrás, olhando para cima antes de me encarar de novo. Que exagero.

Ele aponta para um lado.

— Volte no corredor e vire. Siga até o laranja e vire à direita no verde.

Tenho a impressão de que já ouvi isso antes. Acho que é quase a mesma coisa que me falaram da outra vez que estava procurando a cozinha. Então não deve ser tão difícil de achar, não é?

— Obrigada.

O alien fica me encarando enquanto saio do salão e volto pelo mesmo corredor. O que foi isso? Paro e olho para cima. Não tem nada de diferente aqui, mas... Ele estava procurando Draco? Qual é o problema desses aliens com o meu gatinho?

Não demora muito para eu achar a cozinha, que está praticamente vazia. Não que isso seja exatamente uma surpresa, porque voltamos bem fora dos horários normais das refeições. Mas acho que me acostumei a ver isso aqui sempre cheio.

Os poucos aliens que estão comendo olham para mim e depois para o teto. Aqui também? Oxe! Medrosos. Não vou falar nada. Deixa pensarem que Draco está se escondendo em algum lugar aqui.

Escolho minha comida sem nem prestar muita atenção no que é e vou com a bandeja para a mesa mais próxima. Ai. Devia ter prestado atenção. Tem uma gororoba azul no meu prato, uma coisa que parecem batatas fritas vermelhas e um ovo rosa. Suspiro. Vamos ver se dá para comer isso aqui.

Pego uma das “batatas” e enfio na boca. Isso é estranho, mas não *tão* estranho assim. Batata alienígena.

Alguém se senta na minha frente e levanto a cabeça. Não vou chegar para trás, não vou sair correndo. Vou só terminar de comer, mesmo que seja o alien dos dedos-tentáculos. Não preciso ter medo dele, não é?

E, na verdade, nem estou com medo mesmo. É só... Estranho. Acho que posso agradecer a ida na base por isso. Agora eu entendi do que preciso ter medo, e não é exatamente dos aliens estranhos. É dos aliens que querem nos usar e fazer experiências, mesmo que alguns deles pareçam ser humanos. Acho que o que vi foi mais assustador justamente porque eu seria capaz de jurar que pelo menos dois dos aliens na base eram terráqueos. Dravos disse que são drillianos e que esta é uma das únicas espécies que pode se passar por humana sem esforço.

Engulo minha batata alien frita e pego um pedaço do ovo. Se o alien tiver alguma coisa para falar, vai dizer. Se não, melhor, porque estou com fome e pelo visto isso aqui não é tão estranho quanto parece.

O alien resmunga alguma coisa. Levanto a cabeça e ele dá de ombros, antes de começar a comer. Paro, olhando como ele segura os talheres. Estranho. Muito estranho. Mas estou começando a achar que isso não é nada

demaís.

Continuamos comendo em silêncio. De vez em quando ainda vejo um dos aliens olhando para cima. Devia ter subido para buscar Draco, só para ver eles querendo fugir. É divertido.

— Alguma coisa?

Levanto a cabeça de novo quando escuto a voz de Dravos. Ele se senta do outro lado da mesa, me encarando. O que foi? E tenho certeza de que essa pergunta não foi para mim, mas ele não olha para o outro alien.

— Nada ainda, mas estamos quase — o alien responde. — Se vão voltar lá amanhã, vai ser tempo mais que suficiente.

Certo.

— Tempo mais que suficiente para quê?

— Para invadir o sistema deles e roubar informações sobre os possíveis fornecedores de mulheres terráqueas. — Dravos conta.

Invadir o sistema? Fornecedores de mulheres? Isso não é só sobre buscar a agente da irmã dele.

— Você está ajudando a força-tarefa. A que você falou que está tentando acabar com isso.

Nenhum dos dois me responde. Não que precisem responder.

Respiro fundo e volto a olhar para o meu prato. Então eu não estou só ajudando a tirar uma pessoa de dentro da base. Estou sendo uma das distrações para conseguirem as informações que precisam para acabar com as abduções.

Se eu tinha alguma dúvida sobre voltar lá amanhã, elas acabaram. Quero fazer isso. Quero ajudar a pará-los.

DEZOITO

Estou deitada de bruços na cama, com a mão dependurada para o lado e Draco enrolado nela. Gatinho fofo. Ele está tomando cuidado para não me arranhar nem morder de verdade, então não tem problema continuar usando minha mão como brinquedo. Será que alguém não consegue trazer brinquedos da Terra para ele, não? Se essa tal força-tarefa tem contato com a Terra, devem conseguir comprar alguma coisa. Preciso olhar isso depois.

Queria saber onde Dravos está. Achei que ele fosse voltar para o meu quarto, mas ele terminou de comer antes de mim e saiu da cozinha falando alguma coisa sobre ir ver a situação na ponte e com os técnicos. Eu ainda vou descobrir porque eles tanto falam de pontes, sendo que não vi nenhuma dentro da nave. Mas a questão é que não sei se Dravos vai voltar ou não e isso está me incomodando. Droga. Essa coisa da compatibilidade está saindo do controle...

Saindo? Nem vou tentar fingir. Está fora de controle desde o começo. E é culpa minha com aquela ideia de “se a gente fizer isso agora não vamos estar distraídos depois”. Devia ter ficado quieta. Mas não, agora estou aqui, brincando com meu gato, sabendo que vou voltar para dentro *daquela* base amanhã, e só consigo pensar em se Dravos vai voltar ou não. Droga. Isso não devia estar acontecendo. É idiotice... Não, é burrice mesmo. Não devia ficar pensando em um alien, devia estar pensando que depois disso aqui vou poder voltar para a Terra. Na verdade, o pior não é não conseguir tirar Dravos da cabeça. O pior é que não sei quase nada sobre ele e mesmo assim estou desse jeito. Droga.

Me viro na cama quando escuto a porta se abrir. Não devia estar aliviada desse jeito. No máximo, devia estar ansiosa. Isso seria normal, porque Dravos na cama é uma coisa de outro mundo, mesmo sem levar a compatibilidade em conta. Mas eu estou aliviada porque *ele está aqui*. Só isso.

— Posso ir embora, se quiser — Dravos fala, parado na porta.

Me sento na cama e Draco mia, arranhando a cama. Acho que quer minha mão de novo.

E esse comentário de Dravos...

— Como é que você ainda fala que não está lendo minha mente?

Ele dá de ombros, sem sair da porta.

— Não estou.

Estreito os olhos. Como assim, não está? Por que outro motivo ele ia ter falado isso sobre ir embora se não estivesse lendo minha... Não. *Não*. Se ele estivesse lendo minha mente mesmo, ele ia ter certeza de que eu quero que ele fique. Na verdade, ia ter certeza de várias coisas além disso. Mas então...

— O que você está lendo?

Dravos suspira e entra no quarto. Cruzo os braços e espero enquanto a porta se fecha atrás dele. Isso foi fácil de entender: ele não quer responder onde qualquer um que estiver passando pode ouvir.

— Suas emoções.

Minhas emoções?

Espera. E *como* ele está fazendo isso?

Balanço a cabeça, respirando fundo. Quando penso que estou me acostumando com as coisas estranhas...

— É algo da minha espécie — ele explica e dá mais um passo antes de parar. — Posso?

Respiro fundo de novo e assinto. Se Dravos está lendo minhas emoções, não é surpresa nenhuma que esteja parado no meio do quarto. Nem eu quero entender o que estou sentindo agora, e ele ainda me joga mais essa...

Dravos se senta na beirada da minha cama, o mais longe possível de mim. Certo.

— Você está irritada. Se não quiser...

Ainda bem que nunca imaginei essa coisa de “ler emoções”, porque teria pensado que ia facilitar minha vida. Mas não, pelo visto só está complicando. Ele sabe o que estou sentindo, não o motivo.

Dou de ombros.

— Não é com você.

Ele me encara como se estivesse procurando alguma coisa na minha

expressão. Não é a primeira vez que ele me olha assim, e agora isso faz sentido. Ele estava tentando entender o que estava “lendo”.

Isso continua sendo estranho.

— Mas você está irritada — Dravos repete.

Suspiro. Tem como não estar irritada? Olha isso acontecendo de novo: eu nem estou pensando demais em como o que ele falou é bizarro. É Dravos, então não importa se é estranho, está tudo bem.

— Está tudo errado.

Dravos levanta as sobrancelhas.

Ah, o que tenho a perder? Já está tudo errado mesmo.

Vou até onde Dravos está sentado e me encosto nele. Melhor, muito melhor. E isso também está errado.

— Vai me dizer o que é? — Ele pergunta, passando um braço ao redor da minha cintura e me puxando para mais perto.

Encosto a cabeça no peito dele, começando a relaxar. Achei fazer isso ia me deixar louca querendo jogar ele na cama de novo, por causa da compatibilidade e de como nós mal conseguimos olhar um para o outro sem começar a pensar no que não deveríamos. Mas estou relaxando, finalmente.

— É tudo — murmuro enquanto ele começa a subir e descer a mão pelas minhas costas. — As coisas naquela base... Como alguém tem coragem de fazer algo assim? Na verdade, como alguém *pensa* em algo assim? E se o que eu vi nem é o pior, pelo que você disse... Não quero pensar nisso, mas concordei em voltar lá. Só posso estar ficando louca. E agora mais essa. Você está lendo minhas emoções. Isso é quase mais estranho do que eu estar em uma nave alienígena. Mas... Não importa. Quer dizer, importa, mas não é nada que eu vou parar e ficar pensando a respeito, porque é você. E eu devia ter passado esse tempo preocupada com o que vai acontecer amanhã, mas estava pensando em para onde você tinha ido e se ia voltar ou não. Mais um motivo para odiar essa compatibilidade.

Dravos aperta minhas costas e não fala nada. Eu devia ter ficado calada. Suspiro e tento me afastar, mas ele me segura no lugar. Levanto a cabeça. Dravos está me encarando e sorrindo, satisfeito.

— O que foi?

Seu sorriso fica ainda mais largo.

— Isso não é culpa da compatibilidade.

O quê?

Desta vez Dravos me solta e me endireito, sem conseguir tirar os olhos dele.

— Como assim?

Ele assente, ainda sorrindo.

— A compatibilidade só gera uma atração mecânica. Tem outros efeitos colaterais, por assim dizer, mas é apenas isso. Você percebeu isso quando estava na nave de J'Mharhi, tenho certeza. Deve ter aparecido alguém compatível com você, mas que você não conseguia nem entender *como* podia estar reagindo daquela forma...

Engulo em seco e assinto. Sim, eu me lembro disso, e não foi só uma vez. Alguns dos aliens mais estranhos, que não tinha como eu estar realmente interessada neles, mas mesmo assim sentia meu corpo reagindo...

— Isso é a única coisa que a compatibilidade faz. — Dravos segura meu rosto com as duas mãos. — Qualquer coisa além disso não é culpa dela.

Encaro Dravos, sem ter certeza de que entendi o que ele falou. Se isso não é culpa da compatibilidade, então...

Não. Não, não, não e não. Eu não estou gostando de um alien. Não mesmo. Não posso estar. Eu vou voltar para a Terra, para casa. E ele...

O sorriso de Dravos desaparece.

— Eu nunca te pediria para ficar — ele murmura, acariciando meu rosto. — Esse não é o seu mundo. A vida que eu levo...

Dravos para de falar e balança a cabeça.

Ainda estou tentando entender o que ele falou sobre não me pedir para ficar. Mas a única coisa que consigo pensar é que, para o sorriso dele ter desaparecido daquele jeito e para ele estar com essa expressão tensa e preocupada, é porque não é só a compatibilidade para ele, também. Ele sente alguma coisa por mim.

E isso é um erro. É isso que ele falou, a mesma coisa que eu estava pensando. Não vou – não *posso* – ficar aqui. Esse não é meu mundo. Estou ficando louca aqui. Mas, mesmo assim...

Não importa. Depois... Depois eu vou me arrepender, tenho certeza. Quando for embora e não conseguir deixar de pensar nisso tudo, em Dravos.

Mas, por enquanto, não importa.

Seguro os pulsos de Dravos e puxo suas mãos para baixo. Ele me encara e engulo em seco quando percebo que ele acha que vou mandar ele sair. Não. Longe disso.

Me levanto e paro na frente de Dravos. Ele levanta as sobrancelhas, sem sair do lugar. Ótimo, porque não sei de onde estou tirando coragem para fazer isso. Subo no seu colo, com os joelhos no colchão, de cada lado do seu corpo, e seguro seu rosto. Os pontinhos coloridos no seu pescoço brilham, mesmo que a luz esteja acesa. Sorrio.

Eu vou me arrepender depois, com certeza. Mas enquanto estou aqui...

Abaixo a cabeça e beijo Dravos. Consigo sentir sua surpresa, a forma como ele fica completamente imóvel por um segundo antes de segurar minha cintura e morder meu lábio inferior de leve.

— Enquanto estou aqui, é isso que eu quero — murmuro.

DEZENOVE

Dravos me beija. Passo os braços ao redor do seu pescoço quando ele me puxa mais para perto, colando nossos corpos. Posso me arrepender o tanto que for depois, mas agora isso é a perfeição: as mãos de Dravos na minha cintura, por baixo da minha blusa, a forma como ele me beija, com um cuidado, uma atenção que nunca ninguém teve comigo antes. É como se agora fôssemos só nós dois, e o mundo fora do quarto nem existisse mais.

Ele afasta a cabeça e respira fundo.

— Quero fazer diferente dessa vez.

Passo os dedos pelos pontinhos brilhantes no seu pescoço.

— O quê?

Dravos sorri e não fala nada. Levanto as sobrancelhas. Ele tira as mãos de debaixo da minha blusa e me aperta contra seu corpo antes de se levantar, me carregando. Dou um gritinho e me seguro no seu pescoço. Ele ri e vira. Só solto seu pescoço quando sinto o colchão. Ele me colocou sentada na cama. Certo. O que Dravos está querendo fazer?

— Tire a roupa.

Bom, não me arrependi de nada que ele resolveu fazer até hoje, não é?

Obedeço. Dravos me encara o tempo todo, quase como se estivesse memorizando meu corpo. Preciso fazer um esforço para não cruzar os braços depois que tiro a blusa. Ele continua me encarando por alguns segundos, antes de se aproximar e segurar meu rosto com uma mão.

— Você é linda. Não duvide disso.

Assinto e respiro fundo. Lendo emoções. Certo.

— E eu ainda não toquei todo o seu corpo. Não provei cada centímetro dele.

Engulo em seco. Dravos sorri, inclinando a cabeça.

— Acho que é uma boa hora.

Ele me puxa e me vira de frente para a cama.

— Deite. E não se mexa.

Me deito de bruços na cama e espero. Consigo sentir o olhar de Dravos em mim e como ele *gosta* de olhar para mim.

Apoio a cabeça no braço e olho para trás.

— Não vai fazer nada?

Ele sorri e sobe na cama.

— Não estou com pressa.

Respiro fundo e mordo o lábio. Se “com pressa” ele já quase me matou, sem pressa então...

Dravos se ajoelha no colchão, com uma perna de cada lado da minha bunda. O que ele está querendo fazer? Ainda está todo vestido...

— Um dia, eu vou fazer isso direito — ele fala. — Num lugar apropriado, com óleos e pedras. Mas já que não temos isso aqui...

Ele se inclina para a frente e joga meu cabelo para o lado. Solto um suspiro quando Dravos aperta meu ombro e começa a me massagear. Fecho os olhos e nem tento me mover. Não é uma daquelas massagens delicadas, com mãos leves deslizando. Acho que foi isso que ele quis dizer quando falou que não tinha óleos. Mas, agora, estou precisando exatamente do que ele está fazendo: alguma coisa para relaxar todos os meus músculos.

E ele vai tocar todo o meu corpo. Com certeza vai.

Cruzo os braços e viro a cabeça, me concentrando no som da respiração de Dravos e na sensação das suas mãos nas minhas costas, apertando e relaxando. Posso passar o resto do dia assim. As mãos de Dravos descem pelas minhas costas, o tempo todo massageando, até pararem na altura da minha cintura. Sinto a respiração de Dravos no meu pescoço um instante antes de sentir seus lábios.

Um arrepio me atravessa quando ele começa a fazer o mesmo caminho que suas mãos fizeram com beijos. Isso. Não preciso de mais nada na vida. Posso ficar aqui por uma semana, com Dravos fazendo exatamente isso.

Dravos ri em voz baixa, contra minha pele.

— Então você gosta disso.

Resmungo uma resposta que sai mais parecida com um gemido, porque ele continua me beijando. Dravos ri de novo antes e se afasta.

Viro a cabeça, mas ele já está sentado na beirada da cama.

— Me deixe — ele pede.

Respiro fundo e volto para a posição que estava. Ele vai me matar. Tenho certeza disso.

Dravos pega meu pé e começa a massagear também. Um pé, o outro, e então subindo pelas minhas pernas, com o mesmo toque firme de antes, subindo pelas minhas coxas e até a minha bunda. Solto o ar com força quando ele abre minhas pernas, me segurando na posição que quer. Estou literalmente exposta e sei que Dravos está me encarando de novo.

E só quero que ele pare de me encarar e faça alguma coisa.

Abafo um gemido quando sinto seu dedo em mim, indo da minha entrada até o meu clitóris, devagar. Ele faz a mesma coisa de novo, na mesma velocidade. E de novo. Sem pressa, só criando um ritmo. Devagar, mas exatamente no lugar certo...

Dravos para com o dedo no meu clitóris, faz um pouco de pressão, e desce de novo. Ainda devagar. Tento fechar as pernas e prender a mão dele onde quero, mas ele me segura.

— E essa é uma das melhores coisas que eu posso sentir — ele murmura. — Não é só ter você na minha mão. Mas a sua frustração agora, querendo mais. Sua vontade. Seu desejo.

E quando ele fala assim não consigo nem reclamar.

Respiro fundo quando ele continua com o mesmo movimento: subindo e descendo, da minha entrada até o meu clitóris, devagar. Devagar e sem falar nem fazer mais nada. Só consigo me concentrar no seu dedo, sem nada para me distrair, só a sensação do dedo indo e vindo, parando para fazer pressão no meu clitóris e descendo. De novo e de novo, até que estou me mexendo na cama, com meu corpo todo pegando fogo, tentando fazer essa tortura terminar. Mas Dravos só passa a outra mão na minha bunda antes de continuar me segurando no lugar.

— Eu sei que você está quase lá — Dravos fala.

Tento fechar a perna de novo, mas ele me segura. Estou. Estou quase lá, e se ele só ficasse com a mão parada no lugar, ao invés de continuar nessa tortura lenta...

Abafo meu gemido no braço quando começo a gozar. E Dravos continua

com o dedo indo para cima e para baixo, devagar, enquanto estou sentindo meu corpo todo explodir de sensações, tudo crescendo e crescendo... E ele não para, não...

Estou tremendo, ofegante, sem conseguir nem me virar quando termina. E Dravos ainda está com esse dedo maldito...

— Agora você realmente está ensopada. Do jeito que eu quero.

Dravos para e quase peço para ele continuar, mas não consigo. Se bem que duvido que isso queira dizer que ele acabou. Conheço Dravos.

Sinto o colchão afundar quando ele se mexe, mas não tenho forças para virar e ver o que ele está fazendo. Continuo estirada na cama, tentando recuperar o fôlego, porque meu Deus, isso foi tortura. E uma ótima tortura. Quero mais.

Dravos me puxa pela cintura, até que estou de joelhos na cama. Ai meu Deus, não sei se dou conta disso agora. Só sei que quero. Quero demais.

Ele ri e passa um braço ao redor da minha cintura.

— Não se preocupe, eu te seguro.

Grito quando Dravos entra em mim de uma vez. Teria caído se ele não estivesse me segurando, e por favor, preciso que ele continue me segurando, porque isso não é o suficiente. Acho que nada nunca vai ser o suficiente para nós dois.

Ele apoia a mão livre ao lado da minha cabeça e se inclina para beijar meu pescoço enquanto me penetra.

Eu vou morrer aqui.

VINTE

— A terráquea vai ficar aqui.

Dou um passo para mais perto de Dravos, resistindo à vontade de segurar a blusa dele. Estamos na base de novo, e dessa vez o alien de pele vermelha e amarela que parece mandar nisso aqui é quem está nos guiando. Ele nos trouxe direto para um andar onde não viemos ontem, mas parou assim que saímos do elevador. Tem uma porta na nossa frente, com dois aliens usando uniformes estranhos e capacetes na frente.

Nunca que eu vou ficar aqui com eles. De jeito nenhum.

— Ela vai comigo — Dravos fala.

O alien olha para a porta e para Dravos de novo. Tenho certeza que Dravos está usando *aquela olhar*, porque o alien fica quase laranja.

— Terráqueas não reagem bem...

— E é exatamente por isso que quero ela comigo. É uma forma mais garantida de medir a eficácia dos seus métodos.

Ver o tanto que eu vou ficar horrorizada para saber se o que eles estão fazendo “presta”? Tá, Dravos em modo mercenário é um pouquinho assustador. Mesmo sabendo que isso tudo é uma encenação, é difícil não duvidar, às vezes. Como agora.

Dravos olha para mim. Ele nem parece a mesma pessoa que estava abraçada comigo quando acordei, mas assinto.

— Infelizmente, a presença da terráquea é um risco. — O alien começa de novo. — Não posso permitir que...

— Se suas medidas de segurança são tão fracas que ter uma terráquea fora dos campos de contenção pode desestabilizar algo, este não é um projeto que tenho interesse em apoiar. — Dravos olha para os dois guardas na porta. — Não vou correr o risco de danificarem minha propriedade. Ou ela vai comigo, ou estou indo embora agora.

Dravos me explicou o que ia fazer. Pelo que entendi, as áreas de “treinamento” da base têm um campo de força ou coisa assim que reconhece mulheres terráqueas. É uma medida de segurança para ninguém escapar, na verdade. Forçar os aliens a me deixar entrar com ele tem duas vantagens: as chances de detectarem a agente da irmã dele são quase zero e os aliens vão ter que ficar reconfigurando as coisas o tempo todo. Mais uma distração enquanto os que estão na nave tentam invadir os computadores da base.

E eu ainda acho que é loucura eu ter concordado com isso. O plano todo está dependendo da reputação de Dravos, porque se os aliens não estiverem desesperados o suficiente para concordar com qualquer termo que ele colocar...

O alien faz um gesto brusco e volta para perto do elevador, falando em uma coisa que parece um celular. Quer dizer, de longe parece. De perto, nem tanto.

Dravos encara a porta de novo e olha para mim. Quero sair daqui. Ou, no mínimo, perguntar se ele acha que vai dar certo. Mas não posso falar nada. Concordei com isso, então vamos lá. Só precisamos achar a tal agente da irmã dele. Não deve ser tão difícil. A não ser que ela já esteja morta, aí vamos passar dias procurando por ela, sem sair daqui, sem ter a menor ideia do que aconteceu e...

E eu preciso parar de pensar nessas coisas. Preciso mesmo.

Respiro fundo e passo pela porta logo atrás de Dravos. Não quero ver o que está aqui dentro, não quero ver, não quero...

Estamos em uma sala grande e muito clara, com várias mesinhas com divisórias e acho que computadores em cima delas. Pelo menos tenho certeza que estou vendo monitores. E aliens. Engulo em seco. Aliens para todos os lados, indo de uma mesinha para outra e conversando entre si em voz baixa. Um deles olha para mim e fala alguma coisa sobre calibrar um campo de força. Ai meu Deus. Espero que não estejam planejando me prender aqui. Isso foi uma péssima ideia.

O alien vermelho e amarelo passa no caminho entre as mesas e vai para a parede no outro lado. Escuto a porta se fechar atrás de nós. Sem saída agora. Respiro fundo e continuo indo atrás de Dravos. A parede do outro lado é curva e de alguma coisa parecida com vidro. Pelo menos é transparente.

— As terráqueas são mantidas aqui — o alien fala. — Perto do nosso

posto de segurança, para evitar problemas. As jaulas têm a melhor segurança possível, usamos...

Paro de prestar atenção no que ele está falando. Logo debaixo de nós estão vários cubículos com paredes escuras. Acho que se entrar dentro de um deles, não consigo nem abrir os braços sem bater nas paredes. São minúsculos. E são muitos. Como é que alguém tem coragem de fazer isso? Não quero imaginar o que mais eles faziam. Na verdade, não quero imaginar *nada* do que acontecia aqui.

Se a nave gigante que Dravos explodiu era assim, foi muito bem feito.

Dravos segura meu braço com força e me puxa. O alien deve ter terminado de falar da segurança das *jaulas*. Porque aqueles cubículos realmente são jaulas. E o que mais eles tiverem lá fora... Respiro fundo de novo.

O alien vermelho e amarelo abre uma porta na ponta da sala. Saímos para um corredor estreito com cinco portas que parecem ser elevadores. Uma delas se abre. Definitivamente um elevador. O alien gesticula e Dravos entra nele, ainda me puxando. Olho para o chão quando o alien entra atrás de nós. Sem contato visual. Dravos fez questão de repetir isso não sei quantas vezes, porque ontem eu me distraí e encarei alguns aliens. Uma terráquea bem treinada nunca faria isso. Certo. Nojo.

Saímos perto das jaulas. Saio do elevador atrás de Dravos e quase paro. O “chão” é uma tela metálica e eu consigo ver máquinas não sei quantos metros para baixo. Será que essa coisa aguenta todos nós mesmo? E se quebrar e cairmos lá embaixo e...

— Como pode ver, temos um sistema infalível caso a mercadoria tente escapar — o alien fala, indicando o espaço enquanto segue em frente. — Além das jaulas, temos o sistema de contenção energético e, no caso de falha de energia, ainda podemos derrubá-las sobre o maquinário.

Olho para baixo de novo e engulo em seco. Isso é *de propósito*. O que eu estou fazendo aqui?

— O sangue não prejudicaria seu maquinário? — Dravos pergunta.

Eu não precisava ter ouvido isso. Não precisava ter pensado nisso. Obrigada, Dravos. Muito obrigada. Respiro fundo e olho para frente. Não vou ficar olhando para as máquinas ou tentando ver se já fizeram isso antes.

— As máquinas nesta área não teriam problemas de mal funcionamento por causa de material orgânico — o alien explica. — E, caso fosse necessário fazer isto, já teríamos uma equipe de prontidão para fazer a limpeza.

Eu não quero imaginar isso. *Não quero*. Só quero que essa agente apareça depressa, para Dravos arrumar alguma desculpa para sairmos logo daqui.

Não. Não vai adiantar. Respiro fundo e continuo andando atrás de Dravos e do alien vermelho e amarelo. Aqui é menos frio que no restante da nave e dá para ouvir o barulho da nave ligada. Se é que é assim que fala. Acho que é por causa das máquinas lá embaixo e da tela no chão. Engulo em seco. Ficar um dia aqui, ouvindo esse zumbido e vendo as máquinas ia ser o suficiente para me deixar louca. E, pensando bem... É bem provável que eu acabasse aqui, se os piratas não tivessem atacado a nave onde eu e as outras mulheres estávamos.

Quase pulo quando sinto uma mão gelada no meu ombro. Olho para ele. Ainda estou sentindo uma mão gelada, mas não estou vendo nada. Não vou olhar para trás, não vou olhar para trás, não vou. Dravos me avisou para esperar alguma coisa assim. Quer dizer, acho que foi isso. E se ele não ouviu nada e não virou para trás, sendo que estou quase colada nas costas dele, quer dizer que achamos a agente. Eu espero. Quer dizer, isso não pode ser outra coisa, não é?

Saímos da parte das jaulas e entramos em uma área com paredes escuras. Eu não quero ver o que é isso.

— Esta é a sala que usamos para quebrar os produtos e os moldarmos do zero — o alien explica.

Não vou olhar para os lados. Encaro as costas de Dravos fixamente. Não preciso saber o que esses aliens fazem, já basta o que estou imaginando. Já bastam as histórias que Paloma contava, quando ainda estávamos na nave de João Mário. Não que *ele* fizesse alguma coisa assim, mas conhecia histórias e às vezes alguém da tripulação falava algo perto de Paloma, que repetia para mim.

E a mão gelada ainda está no meu ombro.

— Dravos é louco — uma mulher murmura.

Respiro fundo e olho para os lados. As paredes da sala têm alguns monitores, ao lado de mesas compridas que parecem ter saído de um filme de

terror: de metal e com lugares para prender mãos e pernas. Um dos monitores se acende e olho para as costas de Dravos de novo. Não quero ver o que vai estar ali.

— Ele nunca devia ter trazido uma terráquea aqui. Louco — a mulher fala de novo e sinto a mão gelada apertar meu ombro.

O alien vermelho e amarelo está falando alguma coisa, mas me concentro em não ouvir. E como é que mais ninguém está ouvindo a mulher? Ela está falando baixo, mas não tanto assim. Mas nem Dravos nem o alien deram sinal de terem escutado alguma coisa. Eu até pensaria que estou ficando louca e ouvindo coisas, mas já passei desse ponto.

Dravos e o alien se viram na minha direção. Engulo em seco. Eles ouviram. Só pode ter sido isso.

Dravos segura meu braço com força e me puxa para o lado. O alien passa por mim depressa, voltando para o elevador. Dravos vai atrás, sem me soltar.

— Por favor, me diga que a brecha de segurança não é alguma coisa que esse *dirain* fez.

Abro a boca para falar que não sei nada disso, mas paro a tempo. Não posso responder. E que brecha de segurança é essa?

Acho que perdi alguma coisa, mas os dois não falam nada enquanto atravessamos a área das jaulas e entramos no elevador de novo. Mesmo que Dravos não estivesse apertando meu braço, eu ia ter notado que ele está tenso. Quase consigo sentir sua preocupação. E o que quer que seja, ele não quer que eu me afaste.

— Espero que tenha um ótimo motivo para essa mudança de planos — Dravos fala. — Não tenho todo o tempo do mundo para verificar suas instalações.

— Claro que ele tem um ótimo motivo, ele detectou seu plano estúpido. Seja lá qual for dessa vez — a mulher resmunga.

Dessa vez nem me surpreendo quando ninguém mais a escuta.

— Uma precaução — o alien responde, encarando a porta do elevador. — Como já falei, temos a melhor segurança possível. É melhor perder alguns minutos que...

O elevador para. Dravos me solta, pega o alien pela nuca e bate a cabeça

dele na parede. Sinto uma mão gelada tampando minha boca, mas não consigo gritar. A parede do elevador entortou e tem sangue... E o alien vermelho e amarelo está no chão, sem se mexer.

Dravos segura meu braço de novo, sem nem se virar para mim. A porta do elevador se abre e ele sai, andando depressa e me puxando.

— Isso foi uma perda de tempo! — Ele praticamente ruge enquanto atravessa a sala cheia de computadores.

Escuto a mulher rindo enquanto tento acompanhar o passo de Dravos sem tropeçar. Ele está quase correndo, mas nenhum dos aliens percebeu que alguma coisa está errada. Ótimo, espero que continue assim.

Não acredito que isso está acontecendo. Ai meu Deus. Deu errado. Eu não sei o que foi, mas *deu errado*.

Um dos aliens grita. Dravos começa a correr e praticamente me joga para fora da sala antes de enfiar alguma coisa no painel ao lado da porta. Escuto o barulho da explosão, mas Dravos já está me puxando pelo corredor de novo.

— O que quer que tenha sido o plano, você devia ter imaginado que não ia dar certo, estúpido — a mulher fala de novo.

— Você está fora, não está?

Quase tropeço quando percebo que Dravos respondeu a mulher e que tem uma forma escura correndo do nosso lado. A mulher?

— Ainda estamos dentro da nave inimiga, seu *dirain*!

Estamos. *Estamos*. Ai meu Deus. Dravos falou que ia ser simples. Que não tinha nenhum risco. E...

A nave treme ao mesmo tempo em que um alarme dispara. As luzes laranja começam a piscar. De novo não.

Dravos olha para mim e balanço a cabeça. Não vou travar. Estou em uma nave sendo atacada – de novo. Mas vou continuar até sairmos daqui.

VINTE E UM

A porta se fechou atrás de nós com um barulho estranho. Na verdade, acho que alguém está atirando do outro lado, mas estou ofegante demais para conseguir prestar atenção. Coloco uma mão na parede e me inclino para a frente, tentando respirar fundo. Saímos. Estamos de volta na nave de Dravos. Escapamos. Estou fora daquela *coisa*.

Dravos bate a mão em um painel perto de mim.

— Separem, agora! Ataque com força total!

Nem me mexo quando Dravos passa uma mão ao redor minha cintura. Não consigo respirar. Não consigo dar mais nem um passo.

A nave treme e luzes vermelhas começam a piscar. De novo *não*. Me agarro no braço de Dravos. As luzes continuam piscando, mas não tem nenhum alarme dessa vez. A nave treme de novo e escuto a mulher rindo. Louca.

— Estou indo para a ponte — ela fala.

Ela abre outra porta e sai da sala ao mesmo tempo em que a nave treme de novo. Louca. Sair andando por aí com a nave tremendo assim? Sendo atacada? Atacando? Respiro fundo. Não faço a menor ideia do que está acontecendo. Nem sei se quero saber. Só quero que isso tudo acabe depressa.

— Você está bem?

Assinto e tento me endireitar. Dravos continua me segurando pela cintura. Não que eu esteja achando ruim. E ele agora está parecendo o *meu* Dravos de novo, não o Dravos mercenário que estava dentro da base.

Ele suspira e aperta outra coisa em um painel que eu nem tinha visto. Um monitor aparece. Essas coisas escondidas na parede já estão me cansando. Respiro fundo e encaro a tela enquanto nos afastamos da base. Não. Não estamos nos afastando. Estamos dando a volta ao redor dela. Atirando...

Atirando para destruir, como ele fez daquela outra vez. Respiro fundo de novo. Ele falou que ia explodir essa base também.

Ótimo.

— É sempre assim? — Pergunto.

Dravos suspira e me solta. Um dos lados da base explode. Acho que estamos longe o bastante para a nave não tremer mais.

— Sim.

Olho para Dravos. Por que ele está assim? Tenho a impressão de que ele está se afastando. Mas ele não está olhando para mim. Está encarando o monitor.

— Você tem que resolver alguma coisa? Coordenar esse ataque ou alguma coisa?

Ele balança a cabeça, ainda sem olhar para mim.

— Eles não precisam de mim. Esse procedimento já é rotina.

Rotina. Explodir naves é *rotina* para eles. Onde é que eu vim parar?

Respiro fundo.

— Por quê?

Dravos olha para mim. Ele *realmente* está distante. Estranho. E dá para ver que ele não entendeu o que quero dizer.

— Por que isso tudo? Atacar as naves assim, a ponto de já ser rotina... Para quê? Você nem está recebendo nada por isso.

E é isso que mercenários fazem, não é? Pegam os trabalhos que pagam bem?

Ele cruza os braços e olha para o monitor de novo. Mais partes da base explodiram. Quase metade dela é uma coisa estranha e escura no monitor.

— Eu tinha vinte e dois ciclos quando um grupo de mercadores passou pelo meu planeta. Algo em torno de quatorze anos terráqueos — Dravos começa. — Vinte de nós foram levados, todos na mesma faixa etária. Idade ideal para sermos treinados.

Engulo em seco. Ele não pode estar falando o que eu acho que está. *Dravos* foi abduzido? E vendido...?

— Meu povo não é parte do Acordo. Os mapas oficiais nem nos consideram como uma civilização tecnológica. Quando os mercadores apareceram, ninguém sabia o que eram. Pensamos... Não importa. — Dravos

balança a cabeça, ainda encarando o monitor. — Quando chegamos em Nassi, já tínhamos desistido de qualquer ilusão.

— Como...? — Paro, sem nem saber o que perguntar.

— O pai de Pryinala nos tirou dos mercados. Foi atrás de cada um de nós, mesmo os que já tinham sido vendidos. Um por um. Ele nos ofereceu passagem de volta para casa. Os outros aceitaram, mas eu preferi ficar.

Balanço a cabeça. Ele foi *vendido em Nassi*? A mesma coisa que aconteceu comigo? Não... Não Dravos. Não faz sentido. Ele é um mercenário, não um cara que veio de um planeta que nem sabia sobre os aliens. Como assim?

— Eu já tinha passado tempo demais em vários lugares de Nassi. — Dravos olha para mim. — Preferi ficar e fazer minha parte para garantir que isso não acontecesse com mais ninguém. Sabia que nosso planeta não podia ser o único onde estavam indo buscar pessoas.

O que foi que ele falou antes de virmos para cá? Que não ia deixar uma terráquea em Nassi, mas tinha mais alguma coisa.

— Você falou que só me comprou porque era o que esperava que alguém fizesse se visse um dos seus.

Ele assente.

— Alguns de nós fazem o que podem. As terráqueas são o caso mais visível, mas os mercadores de Nassi e da orla não têm o menor problema em buscar civilizações primitivas.

Civilizações primitivas. Ele está querendo dizer algo parecido com a Terra, que já vi que os aliens não consideram muito desenvolvida, ou algo tipo homens da caverna? Se bem que, se ele falou que não consideram a espécie dele como uma espécie tecnológica, acho que está mais para homens da caverna mesmo. Engulo em seco. Não consigo imaginar Dravos fora de uma nave. Mas se eu estou entendendo certo...

Engulo em seco de novo e olho para o monitor. A base agora já está se despedaçando e nem me sinto mal por ver isso. Eles merecem. E se eu já me senti completamente perdida e achei que estava ficando louca quando acordei em uma nave... Como é que isso deve ter sido para ele? Como é mesmo aquela história sobre deuses que na verdade eram alienígenas?

— Esse é o motivo — ele continua. — Eu escolhi ficar. Pryinala

construiu sua rede de informações, eu construí minha reputação. É mais fácil trabalhar assim.

Assinto.

— E todo mundo tem medo de Dravos — murmuro.

Deu para notar isso dentro da base. Aquele alien que parecia estar mandando na coisa toda não ia ter tanto medo de Dravos à toa. Engulo em seco de novo. Não quero me lembrar da nave ou das coisas que estavam lá dentro.

Sinto quando Dravos se afasta de mim. Me viro para ele.

— Você fez sua parte. Não precisa ter medo, vou cumprir a minha e te levar para a força-tarefa.

O quê? De quê ele está falando? Não a parte de me levar para a força-tarefa – apesar de que eu quase me esqueci disso – mas sobre eu ter medo e ele estar se afastando assim.

— Eu não...

Dravos balança a cabeça.

— Consigo ler suas emoções, lembra?

Não. Já tinha me esquecido completamente disso. Tinha coisas mais preocupantes na cabeça.

E como é que ele chegou na conclusão de que estou com medo dele se está lendo minhas emoções? Se tem uma coisa nessa história toda que não tive medo foi dele. Mas então... Não. Eu *estou* com medo. Ainda estou assustada com o que vi e com correr pela base com o alarme tocando, aliens atrás de nós e a nave de Dravos atirando. Não estou com medo *dele*. Mas não te como ele saber.

Suspiro. O que foi que a mulher que tiramos de lá falou mesmo?

— O que “dirain” quer dizer?

Dravos me encara por alguns segundos.

— É um tipo de animal. Se não me engano, seria equivalente à anta dos terráqueos.

Então aquela mulher estava chamando ele de anta?

— Acho que ela estava certa. Você é uma anta.

Dravos estreita os olhos. Levanto as sobrancelhas e espero. Ele olha para o monitor e depois para mim, balançando a cabeça.

— Desculpe — ele se aproxima de novo e me puxa para um abraço. Passo os braços ao redor da sua cintura e deixo ele me apertar. — Não é fácil diferenciar os motivos de uma emoção.

Bato nas suas costas.

— É só me perguntar, ao invés de sair tentando adivinhar. Você fez o que precisava fazer. Não. — Paro e balanço a cabeça, sem me afastar. — Você fez o certo, porque esse era o único jeito. Por que eu ia ter medo *de você*?

Dravos ri em voz baixa e relaxa os braços. Levanto a cabeça e encontro seu olhar. Ele me solta e segura meu rosto com uma mão.

— Eu não vou te beijar.

Levanto as sobrancelhas.

Ele ri e passa um dedo pelos meus lábios.

— Se te beijar agora, não vou parar só nisso. E ainda preciso saber que informações conseguimos.

Assinto. Nem vou discutir depois do que vi dentro daquela base. Se existe mais algum lugar assim, tem que ser destruído. Vamos ter tempo depois.

VINTE E DOIS

Pelo menos entendi por que Dravos e os outros aliens tanto falam de “ponte”. Ou melhor, acho que entendi, porque foi esse o nome que ele usou para a sala onde estamos agora. Ponte de comando. Certo. De ponte não tem nada, mas não vou discutir com aliens. Na verdade, é uma sala circular, com tantos monitores nas paredes que parece que são de vidro e estou vendo o espaço. Logo abaixo dos monitores gigantes tem monitores menores e painéis que tenho quase certeza que são algum tipo de computador. Quer dizer, tem aliens mexendo neles como se fossem computadores.

A mulher que saiu conosco da base está parada no meio da sala, ao lado do alien dos dedos-tentáculos. Os dois estavam olhando para cima, mas se viraram logo depois que entramos na sala. Nem é de se surpreender que eu só tenha reparado em uma forma escura correndo do nosso lado. Ela está vestida totalmente de preto, seu cabelo preto é curtíssimo e sua pele – ou melhor, o que consigo ver do seu rosto – também é preto. Pisco e olho de novo. Acho que preto não é bem a descrição certa, porque parece que ela está sugando a luz. E é difícil ficar olhando para ela, por algum motivo.

— Pedi para mudarem a rota e irmos direto para Nassi — ela fala e vem na nossa direção.

Dravos respira fundo e olha para mim. O que foi? Ah. Ele tinha falado que ia me levar direto para a força-tarefa. Mas não sou tão idiota. Essa mulher estava lá dentro da base para roubar informações, o aliens da nave de Dravos estavam tentando roubar informações de lá também, e agora querem ir direto para Nassi? Aposto que descobriram alguma coisa importante.

Ele assente e olha para a mulher.

— Preciso que você mande uma mensagem para sua irmã. — Ela para na nossa frente e fala antes de Dravos conseguir abrir a boca. — A outra localização que deixaram vaziar é uma armadilha para as terráqueas. Se ela

conseguiu contato com a força-tarefa, precisa repassar isso.

Dravos vai direto para um dos painéis que está no centro da sala, ao lado do alien dos dedos-tentáculos. Fico no mesmo lugar. Nem vou chegar perto de nada aqui. Não quero estragar nada por acidente.

A mulher continua perto de mim e me encara dos pés à cabeça.

Cruzo os braços.

— O que foi?

Ela dá de ombros e olha para Dravos.

— Não pensei que uma terráquea fosse entrar naquela base voluntariamente. Muito menos dois dias seguidos. Te devo uma.

Oi?

Ela olha para mim de novo, sorri e estica uma mão na minha direção.

— Sou Isathra.

Que milagre, um nome que consigo falar.

Aperto sua mão.

— Jéssica.

Ela olha para Dravos de novo antes de me encarar. O que foi?

— Ele vai passar seu recado sem nem saber o motivo?

— Quanto menos dados, mais depressa a mensagem vai chegar ao destino. E quanto menos informações passarmos, menor o risco. É melhor deixar para passar os detalhes cara a cara.

— E mais seguro — Dravos fala e gesticula para nós.

Isathra sorri de novo e vai na direção dele. Dravos levanta as sobrancelhas e faço a mesma coisa. Não queria nem chegar perto dos computadores, mas se ele está insistindo...

Paro ao lado de Dravos e olho para o monitor mais próximo. Tem uma coleção de esquemas de alguma coisa que não entendo na tela.

— A força-tarefa conseguiu duas localizações de possíveis bases — ele conta. — A que ajudamos a destruir alguns dias atrás e outra. Ela era nosso próximo destino, mas precisamos vir atrás de Isathra primeiro.

A mulher revira os olhos e o alien dos dedos-tentáculos ri.

— Não reclame. Tenho uma pilha de informações.

Dravos olha para ela.

— Não estou reclamando. É um fato. Pelas últimas informações que tivemos, a força-tarefa estava se preparando para verificar a outra localização assim que mandasse as terráqueas que resgataram de volta.

— E Pryinala conseguiu algo com eles? — Isathra pergunta.

— Da última vez que passei em Nassi, ela tinha uma pessoa dentro da força-tarefa. Mas ainda não tinha feito sua oferta.

A mulher bufa e balança a cabeça.

— Odeio esperar. — Ela olha para o monitor e depois para Dravos de novo. — A pessoa lá dentro. É a humana?

Humana? Trabalhando para a irmã de Dravos? Eu entendi certo?

Dravos assente.

— Depois dessa mensagem, Pryin vai pedir para a terráquea nos encontrar em Nassi. Vamos saber o que ela conseguiu.

Certo. Respiro fundo.

— O que eu estou perdendo?

Dravos olha para mim e sorri. O que foi? Só quero não ficar boiando no assunto.

— Eu te contei como vim para o Acordo — ele fala e Isathra sorri. — A força-tarefa e as pessoas que estão trabalhando para mudar as leis do Acordo só estão pensando nas terráqueas. Desde que os rhergari se juntaram ao Acordo, nenhuma outra espécie teve esse tipo de problema, pelo que sabem.

— Mas então...

Isathra e o dos dedos-tentáculos assentem. Eles também?

— Nós somos pequenos demais — ela fala. — Somos vários que vieram de planetas que o Acordo nem mantém vigilância, porque são civilizações longe demais do tipo de tecnologia que esperam.

— Minha irmã quer que a força-tarefa se comprometa a ajudar outras espécies também, não só as terráqueas. Eles já têm organização, estrutura e apoio do governo. Vão conseguir fazer mais que se continuarmos sozinhos.

Faz sentido.

— E então por que esse segredo todo e essas voltas para falarem com a força-tarefa?

Isathra dá de ombros. O alien dos dedos-tentáculos — tenho que aprender o nome dele — já está encarando uma das telas, então olho para Dravos.

— Por enquanto, só alguns mercadores da orla estão indo atrás de pessoas dos planetas menos desenvolvidos — ele conta. — Precisam ir mais longe, têm mais trabalho para treinar a mercadoria e precisam escolher bem seus compradores para ninguém descobrir o que estão fazendo. A maior parte do Acordo não sabe que isso é algo viável.

— E os mercados de humanas não são coisa dos mercadores da orla.

Aquela base era grande demais, bem preparada demais, para ter sido coisa de uns poucos mercadores trabalhando por conta própria. Eu vi um pouco de Nassi quando João Mário me levou para lá. *Aquilo* foi algo feito pelos mercadores e pessoas da orla. A base que Dravos acabou de destruir tinha cara de algo oficial.

Dravos assente.

— Não vou me surpreender se descobrirem mais pessoas dentro do Conselho do Acordo financiando os mercados. Por enquanto, o fato de apenas os mercadores da orla saberem sobre nossas espécies e planetas é uma proteção. Se deixarmos todo o Acordo saber, o que aconteceria se tivéssemos tentado fazer alguma coisa pelos canais oficiais...

— As pessoas por trás dos mercados iriam atrás de vocês também.

— Sim.

Isathra faz um ruído abafado.

— Minha espécie e a de Dravos não são as únicas com habilidades que poderiam ser úteis para as grandes corporações. Se nos descobrirem, nem os custos de ir até um planeta mais afastado vão pará-los.

Habilidades? Como é que não pensei nisso antes? A forma como Isathra saiu da base sem ninguém notar, mesmo que o alien vermelho e amarelo estivesse do nosso lado. Não sei o que ela fez, mas é fácil demais pensar no que qualquer tipo de organização faria com pessoas como ela. E Dravos... Ele consegue ler emoções. E eu consigo pensar em pelo menos cinco formas de isso ser bem útil.

— A força-tarefa foi criada por uma terráquea, com o apoio dos rhergari, e isso só porque eles são compatíveis. Os rhergari descobriram sobre o Acordo por causa das abduções e se tornaram a maior força militar entre nós justamente *por causa* disso, mas nunca fizeram nada que fosse ajudar outras espécies na mesma situação. — Dravos olha para o monitor na sua frente. —

Precisávamos ter certeza de que eram confiáveis. Se guardariam nossas informações e nos ajudariam de verdade.

O que faz mais sentido ainda, na verdade.

Respiro fundo. Onde foi que vim parar?

— Então a reputação não é só por causa da sua espécie — comento.

Dravos olha para mim e sorri. Respiro fundo de novo. Estamos na *ponte de comando*. Não vou pular nele para dar um beijo daqueles aqui. Não vou.

— Dravos? — O alien dos dedos-tentáculos chama.

Vejo quando Dravos respira fundo antes de se virar para ele. Bom saber que não sou só eu.

— O que foi, Lkro?

Impronunciável e inapelidável? Certo. Vou ter que inventar alguma coisa.

— As equipes de informações estão começando a analisar os dados que já foram descryptografados — o alien dos dedos-tentáculos fala.

— E?

Ele levanta a cabeça e olha para Dravos.

— Encontraram menções de uma base onde estão armazenando “mercadorias vivas variadas”.

Mercadorias vivas variadas... Engulo em seco e olho para Dravos. Ele está encarando o monitor com a mesma expressão que vi dentro da base que foi destruída.

— Avise que a localização da base é a prioridade agora. Vamos entregar todas as informações para minha irmã em Nassi, e de lá vamos direto para essa base — ele fala.

O alien que não consigo falar o nome assente, sério.

— Vou com vocês — Isathra avisa.

Dravos assente e olha para mim.

— Posso te deixar com Pryin e ela te mandar para a força-tarefa.

Respiro fundo. Eu estou ficando louca. Essa é a única explicação para o que vou fazer.

Balanço a cabeça.

— Fico com vocês. Podem precisar de uma isca humana de novo.

VINTE E TRÊS

Não sei porque pensei que ia ser uma boa ideia voltar para Nassi. Podia ter ficado na nave. Mas não, pedi para vir junto. Pelo menos estamos no que Dravos chamou de “um dos níveis humanos”. Isso quer dizer que consigo respirar sem nenhuma máscara estranha que nem a que João Mário me mandou usar quando me trouxe aqui antes.

Nassi é escuro. Não porque não tem luz, mas as paredes são escuras, as pessoas se vestem de roupas escuras, tudo é escuro. E tenho a sensação de que todo mundo está me encarando enquanto andamos pela rua. Dravos e Isathra juraram que eu não precisava me preocupar, que se usasse as roupas certas e andasse como se não estivesse preocupada ninguém ia desconfiar de mim, porque tem uma outra espécie que é quase idêntica aos humanos. Dralianos ou alguma coisa assim. E, no meio de um grupo com os dois e mais alguns dos aliens da tripulação de Dravos, pode até ser que eu não chame atenção. Assim espero.

E a definição de Dravos de “nível humano” tem que ser estudada, porque de humano isso aqui não tem nada. A menos que por “humano” ele esteja querendo dizer “seres com duas pernas, uma cabeça e o mesmo tanto de braços de cada lado do corpo”. Mesmo que alguns desses braços não sejam exatamente braços. Eca.

— Sêrio? No lote? — Isathra pergunta.

Ótimo. Qualquer lugar que ela use esse tom de voz é um lugar onde não quero entrar.

Dravos dá de ombros. Certo. É lá que vamos entrar.

Respiro fundo e continuo entre eles quando Dravos vai na direção de uma porta estreita e quase bloqueada por causa da quantidade de aliens na rua. Alguns se afastam, mas um deles se vira para Dravos e resmunga alguma coisa, ao mesmo tempo em que Isathra segura meu braço. Não escuto o que

Dravos responde, mas o alien se afasta também.

— Fique entre nós dois o tempo todo — Isathra murmura antes de me soltar.

Assinto. Não que eu estivesse planejando fazer outra coisa.

Atravessamos um corredor estreito, com os aliens se espremendo perto da parede para passarmos. Dravos continua andando como se o caminho estivesse completamente aberto e os aliens continuam se afastando assim que olham para ele. As vantagens de ter uma reputação assustadora.

Encaro as costas de Dravos, tentando ignorar as cores estranhas de peles, as texturas estranhas – juro que vi um alien que parece feito de plástico. Ou será que é um robô? – e membros mais estranhos ainda. Não estou na Terra. Hora de começar a me acostumar de verdade com isso. Na verdade, já está passando da hora.

Saímos em uma sala maior que está tão lotada de aliens quanto o corredor. E pelos gritos, acho que tem algum tipo de aposta acontecendo. E envolvendo algum tipo de briga. Que tipo de lugar é esse?

Isathra segura meu braço de novo enquanto atravessamos a sala. Não vou reclamar. Não mesmo. Alguns aliens esbarram em nós, mas se afastam depressa assim que olham para Dravos ou Isathra. Acho que ele não é a única pessoa aqui que tem uma reputação.

Dravos bate em um painel na parede que parece estar meio queimado. Uma porta parecida com as da nave se abre, deixando sair uma fumaça grossa o bastante para ninguém ver o que está lá dentro. Nem me surpreendo quando Dravos entra sem hesitar e Isathra me empurra atrás dele. Escuto a porta se fechar atrás de nós, mas continuo sem conseguir ver nada. Só fumaça e mais fumaça. Fecho os olhos com força. Isso não está me incomodando, mas essa fumaça toda não pode fazer bem, não é? E eu estou *respirando* essa coisa...

— Pode abrir os olhos — Dravos fala.

Obedeço. A fumaça desapareceu e ele está sorrindo. Olho para trás. A fumaça ainda está ocupando o corredor todo atrás de nós.

— Minha irmã gosta das coisas um pouco dramáticas.

Isathra me solta e ri.

— Um pouco?

Dravos dá de ombros enquanto ela passa por nós e desaparece nas

sombras do corredor. Pisco depressa. Não tem mais fumaça na nossa frente... Eu acho. Então como ela fez isso?

— É a habilidade da espécie dela. Eles conseguem se tornar praticamente invisíveis, se mesclando com o ambiente ao redor — Dravos conta. E ele ainda está sorrindo. — Isathra vai liberar as armadilhas para nós. Vamos.

Armadilhas? Tá, se a irmã dele é a cabeça de uma rede de espionagem, até faz sentido ela ter armadilhas no caminho, mas ainda acho exagero.

Continuamos andando pelo corredor meio às escuras. A única luz vem de uma linha brilhante no teto, e não é muito forte. Agora estou começando a pensar que isso é intencional.

O corredor termina em outra porta parecida com as portas da nave, mas essa não tem nenhum painel por perto. E parece que a área ao redor dela está mais escura que o restante do corredor. Uma das sombras se afasta quando Dravos se aproxima e puxa a porta.

— Bem na hora — uma mulher fala.

A sala onde entramos está bem iluminada, pelo menos. E não parece nem um pouco com o bar ou o que quer que seja lá fora. O chão está coberto de tapetes coloridos, tem panos coloridos pendurados nas paredes e almofadas e pufes – adivinha só, coloridos – espalhados para todo lado. Dois pufes mais altos estão ocupados por um alien e uma mulher loira, com o cabelo mais ou menos na altura do ombro. Espera. Ela é terráquea. E uma terráquea *que eu conheço*.

— O que você está fazendo aqui?

A terráquea sorri e olha para quem eu acho que seja Pryinala: uma mulher de pele lilás e cabelos brancos que está sentada em um pufe gigante, debaixo das luzes mais fortes.

— Entendi, obrigada.

Pryinala sorri e faço um esforço para não dar um passo atrás. Os dentes dela são pontudos, parecendo dentes de tubarão.

A mulher se vira para mim.

— Estou fazendo a mesma coisa que você: trabalhando com eles. Só faço isso há mais tempo. — Ela dá de ombros. — O nome certo é Suelen. Não lembro como tinha me apresentado.

Respiro fundo. Então ela se lembra de mim. E acho que se apresentou com o mesmo nome quando eu acordei dentro de uma jaula em uma das naves que vendia mulheres terráqueas. Ela era quem estava lá há mais tempo. Pelo menos, era o que dizia. E foi ela quem saiu conversando com os piratas que atacaram a nave como se não fosse nada demais.

— Desde a nave? — Pergunto.

Ela sorri e assente. O alien do lado dela – com pele laranja – revira os olhos.

— Mais uma?

Suelen dá uma cotovelada nele, sem responder. Mais uma o quê?

— Depois vocês se apresentam e tudo mais — Isathra fala.

Pryinala assente e uma tela desce do teto. Pelo menos parece que foi isso que aconteceu.

— O que vocês conseguiram? — Ela pergunta.

Dravos coloca alguma coisa em um canto da tela. Parece ser um chip, mas não tenho certeza. Não vi nada disso antes.

— Localizações de várias bases. Duas rotas de comércio que aparentemente ainda estão ativas. Alguns nomes de pessoas envolvidas e dados que as equipes da força-tarefa podem usar para traçar sua origem, se forem trabalhar conosco.

— É por isso que estamos aqui — Suelen fala.

Dravos assente enquanto termina de carregar os dados no monitor. Não entendo nada desse mapa, mas tem vários pontos marcados. Suelen se levanta e para na frente da tela.

— Conheço esse planetoide. Deixem esse comigo. E essa rota... Se não me engano é um dos territórios piratas, não é? De... Eu esqueci o nome dela. — Ela se vira para o outro alien. — Ithori?

Ithori se aproxima do monitor.

— É parte do território de Rumra. Ela não está muito feliz com Drek desde que assumimos a base, mas podemos usar isso.

Dravos assente. Que bom que aparentemente alguém sabe do que eles estão falando.

— Essas duas são de vocês, então. Vamos dividir as outras localizações. Pryin?

— Vou coordenar com o que sei sobre a mobilidade das suas forças — ela assente.

— Com um detalhe. — Dravos se aproxima do monitor e aponta um dos lugares marcados. — Essa base é minha.

Pryinala cruza os braços e não fala nada.

— Ela está marcada como armazenamento de mercadorias variadas.

Pryinala se endireita antes de se inclinar para frente. O monitor se aproxima dela.

— Você tem consciência de que *essa* base deveria ser a última na sua lista, não é? Se está marcada como armazenamento de mercadorias variadas, *você* é mercadoria. A força-tarefa deveria cuidar desse. Não vão correr o risco de prender um rhergari ou seus aliados.

Engulo em seco. Não pensei nisso quando Dravos falou que queria ir atrás dessa base. Mas se estão vendendo aliens de espécies fora do Acordo, não acho que seja uma boa ideia justamente *eles* cuidarem desse ataque.

— E minha aparência básica é parecida com a de quatro espécies do Acordo. Ninguém sabe detalhes sobre mim e minha reputação ainda pode abrir mais portas que a de alguém do Acordo.

— Não necessariamente... — Suelen interrompe.

Ele se vira para ela.

— Você foi a primeira a se oferecer para entrar em uma base que estava armazenando terráqueas, usando meu nome como garantia. Vai dizer que isso não foi uma boa ideia agora?

Certo. Não vou entrar no meio dessa discussão. Não mesmo.

Suelen dá de ombros.

— Só estou dizendo que eu também tenho uma reputação e não sou a mercadoria que eles estão procurando. Talvez... — Ela para e levanta as mãos. — Entendi, entendi.

E acho que Dravos a encarou com *aquela* expressão. Suelen dá de ombros de novo e olha para mim.

— Você vai voltar conosco? Vamos direto para a base móvel da força-tarefa, se for voltar para a Terra...

Eu estou ficando louca.

Balanço a cabeça.

— Vou ficar aqui. Podem precisar de uma terráquea na tripulação.

Pryinala se vira para mim na mesma hora, Suelen levanta as sobrancelhas e tenho quase certeza de que Dravos está feliz ou algo assim, mesmo que eu não esteja olhando para ele.

— Tem certeza? — Suelen insiste.

Assinto.

Dravos para ao meu lado e passa um braço ao redor da minha cintura. Desta vez é Pryinala quem levanta as sobrancelhas antes de assentir.

VINTE E QUATRO

Eu devo estar ficando louca. É a única explicação mesmo. Só se estivesse louca eu ia começar a pensar em ficar aqui ao invés de voltar para a Terra. Então estou ficando louca, porque estou pensando seriamente nessa possibilidade.

Nem vou negar que quero ficar por causa de Dravos – e isso é *mais* loucura ainda. Ele é um alien. Eu conheço ele faz poucos dias. E até pouco tempo atrás estava morrendo de medo dele. Quando foi que as coisas mudaram desse jeito? Acho que foi quando achei Draco. Estico o braço para fazer carinho no gato estirado do meu lado na cama. Se bem que... Não sei. Não sei mesmo. Só sei que me sinto bem com ele. Segura. E eu *quero* ficar perto de Dravos. Podia colocar a culpa disso na compatibilidade, mas não esqueci do que ele falou. A compatibilidade só cria a atração física. O resto todo... Isso é meu mesmo.

Eu reparei em como Pryinala estava olhando para mim enquanto estávamos em Nassi, depois que Dravos passou um braço ao redor da minha cintura. Tenho a leve impressão de que ela não fazia a menor ideia do que estava acontecendo entre nós. Na verdade, acho que ninguém sabia, nem a tripulação da nave. Depois que falei que ia ficar e ir atrás dessa base com eles, Dravos parou de esconder. Pelo menos essa é a minha impressão. E não estou achando ruim. Não tenho motivos para esconder nada.

Então é isso. Eu quero ficar com Dravos. E acho que é possível, porque vi como Suelen estava com o outro alien. O cenourinha. Tenho certeza de que eles são um casal. E se ela estava trabalhando com os aliens desde antes de ir parar naquela jaula comigo, já faz *anos* que ela está aqui.

Mas o melhor é que ela está trabalhando com os aliens, como se fosse um deles. Não acho que eu conseguiria fazer isso, me oferecer para ir atrás de uma base como ela fez, mas quero ajudar. Quer dizer, se eu não estivesse na nave, Dravos teria problemas para tirar Isathra da base, não teria? Então eu já

ajudei. Isso quer dizer que tem mais coisas que eu posso fazer, talvez justamente por ser uma terráquea.

Talvez...

É, eu estou louca. E não estou achando isso ruim.

— Jéssica?

Me viro na cama e olho para a porta. Acho que meu resmungo sobre chegar entrando adiantou. Não que eu tivesse falado aquilo muito a sério. Para quê eu diria para Dravos não entrar no meu quarto?

— Entra.

Suspiro quando vejo que Dravos já está usando o uniforme de mercenário. Não que eu ache ruim ver ele de uniforme, mas isso quer dizer que estamos chegando perto da base que ele quer atacar.

Me sento na cama. Draco mia e pula para o chão antes de voar e ir para cima de uma das prateleiras que Dravos pregou na parede.

E só preciso olhar para o rosto de Dravos para saber que o plano que montaram não me inclui. Não sei se acho isso bom ou ruim.

— Eu não vou, não é?

Ele balança a cabeça e se senta ao meu lado.

— Vai ser arriscado demais. É melhor não ir. Lkro conseguiu uma leitura da base, temos uma ideia do que vamos encontrar. Não vai ser uma operação como a última, tentando ganhar tempo. Vai ser um ataque do começo ao fim.

Assinto. Não vou discutir. Vim para ajudar, se precisassem, não para me enfiar no meio das coisas e acabar piorando tudo. Não. Quero que isso dê certo. Quero que Dravos tire as pessoas de lá depressa, volte e destrua a base logo. Só isso. E se eu mal consegui continuar correndo para fora da base da última vez, é mais que óbvio que é melhor eu ficar aqui.

— Não vai falar nada?

Dou de ombros. Não sou Isathra, que trabalha para a irmã dele. Nem Suelen, que parece que se enfia em coisas assim sem pensar duas vezes. Nem vou tentar ser.

— Só volte depressa — falo e respiro fundo. Eu vou fazer isso. — Quero conversar com você depois.

Dravos começa a sorrir e então para, me encarando. O que foi? Ele

suspira e segura meu rosto com uma mão.

— Você sabe que essa não vai ser a última missão desse tipo, não sabe?
Assinto.

— Você não vai parar enquanto puder fazer alguma coisa.

Eu sei disso. Sei muito bem. E acho que parte do charme dele. Dravos não vai ficar parado se ver alguma coisa errada. Ele vai achar uma forma de corrigir isso. Não quero que isso mude. Mas continuo querendo conversar com ele, porque tem coisas demais não faladas no que quer que esteja acontecendo entre nós. Preciso entender isso se quiser decidir o que fazer com a minha vida.

Ele passa um dedo pela minha bochecha antes de me soltar.

— Então vamos conversar quando eu voltar.

Ótimo. Só quero isso. E depois...

Depois eu decido o que vou fazer.

Dravos se inclina para a frente e me beija. Passo os braços ao redor do seu pescoço e o puxo para mais perto. Não sei quanto tempo vai demorar para ele voltar. Na verdade, não sei se ele vai voltar – e não quero pensar nisso. Mas não esqueci que saímos da última base com os aliens atirando em nós. Foi pura sorte termos escapado.

Dravos suspira, sem tentar se afastar.

— Vai ficar tudo bem. Eu prometo.

Assinto de novo e solto Dravos.

— Você pode acompanhar tudo na sala de controle, se quiser.

Me levanto de uma vez e procuro minhas botas.

— Quero!

Pelo menos não vou ficar imaginando o que está acontecendo ou encarando a mesma imagem no monitor do meu quarto.

Ele ri e se levanta também.

— G’krog vai coordenar a operação. Não acho que ele vai reclamar se você estiver na sala. Nem que você vai ficar com medo.

Bufo. A essa altura não me interessa quem vai coordenar isso. Mesmo que fosse um dos aliens mais estranhos que vi em Nassi, não ia ficar com medo. Não por causa disso.

Enfio as botas sem falar mais nada e olho para Dravos. Ele ri em voz baixa e estica uma mão para mim. Já falei que ele é fofo? Seguro sua mão e ele abre a porta do quarto.

Os corredores da nave estão praticamente desertos. Acho que a maioria do pessoal vai com ele para a base, e quem sobrou já está ocupado com preparativos ou sei lá o quê. Dravos me leva para o mesmo andar da *ponte* de comando, mas para em uma porta bem antes de chegar lá. É outra sala circular, com monitores gigantes cobrindo as paredes e computadores para todos os lados, mas tem bem menos pessoas aqui e todo mundo está conversando em voz baixa. Frog está parado no meio da sala, encarando alguma coisa em um monitor suspenso que me lembra o de Pryinala.

— G’krog, Jéssica vai acompanhar a operação daqui.

Ele olha para nós e assente.

— Só preciso que fique em silêncio. Se quiser perguntar alguma coisa, deixe para quando tudo tiver terminado, certo?

E correr o risco de atrapalhar o que eles estão fazendo? Óbvio que não vou fazer isso.

— Certo.

Dravos aperta minha mão antes de me soltar e sair sem falar mais nada. Respiro fundo e vejo a porta se fechar atrás dele. Vai dar tudo certo. Claro que vai. Ele está fazendo isso há anos. Não tem motivo para as coisas darem errado agora. É só minha imaginação indo para onde não deveria ir.

— Jéssica?

Me viro para Frog. Ele aponta para um dos monitores.

— Essa é a câmera geral. Você vai conseguir ver tudo que está acontecendo. A ideia é entrarem e irem direto para as áreas de carga. Libertar os prisioneiros antes de notarem o que aconteceu, de preferência.

— E depois sair atirando — murmuro.

Frog assente.

Respiro fundo. Certo. Isso é normal para eles.

— Quanto tempo até chegarmos lá?

Ele olha para um dos monitores atrás de mim.

— Menos de cinco minutos.

Menos de cinco minutos. Ai meu Deus.

Respiro fundo e olho para o monitor que ele apontou. Não sei quantas pessoas estão ali, mas acho que é a maior parte da tripulação da nave. E todos estão de capacete. Tento reconhecer Dravos no meio deles, mas não consigo. Certo. Tudo vai dar certo. Não preciso entrar em pânico. Eu nem estou indo para lá. Estou segura aqui.

Não falo nada enquanto Frog anda de um computador para o outro, dando instruções para os aliens que estão neles. No monitor, vejo alguns aliens que estão perto da porta mudarem de posição e se espalharem para os lados, ao invés de ficar na frente da porta.

— Acoplamos — um dos aliens na sala avisa. — Iniciando sequência de abertura.

Continuo encarando o monitor. As luzes na porta mudam de cor, piscando o tempo todo, antes da porta se abrir. Os aliens passam por ela correndo. A câmera os acompanha – acho que ela está voando ou algo assim – enquanto caem direto dentro da outra base. Como fizeram isso? Da outra vez tivemos que esperar permissão para entrar e tudo mais.

A base tem corredores cinzas. Não sei por que acho isso estranho. Eles continuam andando depressa, quase correndo, mas não estou ouvindo quase nada. Acho que a câmera não tem som. Isso faz sentido. Tem imagens de tantas câmeras nessa sala, que se tivessem som seria uma loucura. Alguns aliens param na porta de um elevador. Os outros abrem uma porta do lado, que tem uma escada vertical. Um dos aliens prega alguma coisa na parede lá dentro e se afasta. Uma corda. Outro alien entra no tubo da escada, segura a corda e escorrega para baixo. Pregam mais uma corda do outro lado e eles começam a descer, um atrás do outro, escorregando para baixo. A câmera desce com eles.

Já tem aliens no corredor quando a câmera chega no final do tubo da escada. Eles estão em uma sala menor e meio curva, com uma porta dupla enorme na frente.

— Iniciando sequência de abertura — um dos aliens aqui na sala fala e eu vejo uma luz perto da porta piscar.

Eles estão forçando as portas da outra nave a se abrirem? Acho que sim. Isso explica como entraram sem esperar permissão da base.

— Abrindo — o mesmo alien fala.

A porta dupla se abre. Vejo um clarão de luz antes do monitor se apagar.

O que...?

— ... ataque.

— Armadilha?

— ... bloqueada...

Fecho os olhos e respiro fundo, sem querer ouvir os gritos dos aliens que estão na sala. Uma armadilha. Não quero ter entendido certo. Isso deve ser código para alguma outra coisa e...

Deu errado. Deu tudo *muito* errado.

— Cobertura, agora — Frog fala. — O caminho até a saída está livre.

— O esquadrão C está dando cobertura — outro alien completa.

— Os sistemas da nave estão bloqueados. Não consigo ativar o elevador.

Eles não têm como sair? É isso? Só aquela escadinha estreita?

— O tubo do elevador — murmuro.

Frog olha para mim e estreita os olhos. Coloco a mão na boca, mas ele balança a cabeça antes de se virar para outro alien.

— Mantenha o elevador desativado. Usem o tubo. Os esquadrões nos níveis superiores podem usar suas cordas...

Paro de ouvir o que ele está falando. Não quero saber. Não, eu preciso saber o que está acontecendo, mas não estou entendendo nada e... Não acredito nisso. *Não acredito.*

Um dos monitores volta a funcionar. Vou para perto dele. Os aliens estão saindo pelo tubo do elevador e outros estão dando cobertura no caminho para a saída, mas estão atirando para todo lado.

— Um minuto para desacoplagem.

Um minuto. Será que todo mundo consegue voltar nesse tempo? Precisam conseguir. E já está todo mundo no andar da saída. Eu acho.

O último alien passa pela porta.

— Desacoplando.

Não espero para ver a porta se fechando e seguro o braço de Frog.

— Onde...?

— No nível de baixo, segue o corredor do elevador, vira à direita no azul — ele responde.

Saio da sala correndo. Não acredito nisso. Isso não pode estar

acontecendo, não...

Só não bato no elevador para ver se ele vai mais depressa porque fico com medo de empacar de vez. Quando a porta se abre, já estou correndo de novo. Alguns aliens já estão no corredor, sem capacete, alguns se apoiando nos outros e um sendo carregado.

Não, não, não, não, não. Não acredito nisso.

Entro na sala onde eles se reuniram antes. Ela ainda está cheia.

— Dravos?

Ele não me responde. Olho ao redor.

— Cadê Dravos?

Isathra tira o capacete e olha para mim.

— Ele foi capturado.

VINTE E CINCO

Gabi

Encaro a tela do computador. Isso não é bom.

— Nada bom.

— O que foi?

Olho para trás. Nem vi Isla entrando aqui, mas isso não é nenhuma novidade. Para uma mulher de quase dois metros de altura e com cascos em vez de pés, é impressionante como ela *não* faz barulho.

— Vocês são idiotas ou o quê, caralho? — Pergunto.

Isla estreita os olhos.

— Estou falando sério! — Continuo antes de ela puxar alguma arma. — Consigo entender o sistema de segurança inexistente... Ithori já me mostrou que *existia* um sistema de segurança na rede e tudo mais, e que ele faz sentido para vocês, mesmo que para mim seja a mesma coisa que nada. Agora, isso?

— Isso o quê, Gabriela?

Aponto para o monitor do computador. Isla para do meu lado e se inclina para ver melhor.

— Como...?

Aponto para a lista de critérios no canto da tela.

— Configurei o sistema para localizar pessoas de espécies desconhecidas no território do Acordo. Só joguei os dados das espécies conhecidas, incluindo as terráqueas, como critérios de exclusão.

Aperto uma tecla e jogo o mapa que gerei no monitor principal da sala, que cobre a maior parte da parede na minha frente. Isla dá um passo atrás e encara a tela. As linhas do mapa são azuis claras e as marcações encontradas estão em vermelho. Não é o esquema de cores mais comum no Acordo, mas

Isla já se acostumou com ele também. Se for o caso de mostrar esse mapa oficialmente, mudo as cores.

Mas a questão é que tem *muitos* pontos vermelhos. Muitos. De verdade. Muito mais que a quantidade de terráqueas espalhadas pelo Acordo, e eu já achei que eram muitas. Isso sem mencionar que só são computados os dados de alguém que passe pelos sensores da rede. Se alguém estiver em uma nave *fora* da rede, não vai aparecer aqui.

— Eles estão por toda parte — Isla murmura.

Assinto.

— Como ninguém notou isso antes?

Ela respira fundo e começa a andar acompanhando o mapa. Continuo sentada. Tem hora que os aliens do Acordo, por mais que tenham todo tipo de tecnologia super avançada, são *burros*. Completamente burros. Não tenho outra explicação para esse tipo de coisa. “Ah, estão abduzindo rhergari.” “Certo, pararam de abduzir rhergari, não precisamos mais nos preocupar com isso.” “Olha, começaram a abduzir terráqueas.” “Tá, vamos fazer pararem e vai estar tudo certo.”

Idiotas. Se fizeram isso uma vez e deu certo, é óbvio que vão continuar fazendo. Minha vontade é bater a cabeça na mesa, mas da última vez que fiz isso acharam que eu estava passando mal, então melhor não. Já estou de mal humor. Não preciso de nenhum alien querendo correr comigo para a enfermaria porque posso estar tendo algum tipo de complicação por causa da gravidez. Idiotas.

Você está irritada.

Jura? Que surpresa.

O que foi?

Okay, não preciso descontar em Kernos, especialmente usando comunicação mente a mente. Suspiro e me ajeito melhor na cadeira.

Conseguí identificar nove espécies desconhecidas dentro da área do Acordo. Sem nenhuma indicação sobre o planeta de origem. E os dados ainda estão sendo processados.

Kernos não fala nada por alguns segundos. Olho para o lado Isla ainda está encarando o mapa.

Acho que isso quer dizer que está na hora de reorganizar o Corpo

Militar.

Sorrio. Na verdade, isso quer dizer que vamos ter muito trabalho. Pelo menos Kernos já tinha oferecido parte das forças rhergari dentro do Corpo Militar para ajudar nisso.

— São quantos? — Isla pergunta.

Balanço a cabeça.

— Os dados ainda estão sendo processados. Mas a estimativa é acima de mil pessoas de espécies desconhecidas.

Ela para e olha para mim.

— Mil.

Assinto.

— Nós não vamos parar, não é?

Sorrio. Até parece que ela não me conhece.

— Ótimo — Isla fala e vai até uma das janelas. — Agora... Por que Kernos e Darius estão cortando árvores?

— O quê? — Balanço a cabeça antes de entender o que ela está perguntando. — Ah. Não, é só uma árvore. Quero uma árvore de natal.

— Uma... — Isla levanta as sobrancelhas. — Deixe para lá. Mais algum costume terráqueo estranho.

Dou de ombros. Sim, é mais um costume terráqueo estranho. Mas já faz mais de dois anos que estou aqui e quero uma árvore de natal. Nem me importa se não é natal ou se eles não têm nada parecido com isso em Nehyna ou Rhergai. Quero minha árvore e minhas luzes coloridas. E Tati quer a ceia, então concordou em descer e vigiar Kernos e Darius enquanto eles procuram uma árvore que caiba dentro do apartamento. Não deve ser tão difícil. As árvores aqui podem até ser gigantescas, mas deve ter alguma começando a crescer.

— Kernos vai redistribuir a frota do Corpo Militar — conto. — Vamos ter suporte. Mas isso vai ser bem maior do que imaginei quando comecei a força-tarefa.

Isla sorri. Nenhuma surpresa nisso.

— Isso continua sendo melhor que trabalhar como segurança para riquinhos que não fazem a menor ideia do que estão fazendo.

Acho que isso quer dizer que eu pelo menos sei o que estou fazendo, não

é? Não vou comentar. Melhor.

— Qual é o plano?

Respiro fundo e olho para o monitor de novo. O número de pessoas identificadas continua subindo.

— Primeiro, precisamos de informações sobre essas pessoas e as localizações com mais concentração delas. — Aponto para algumas áreas que ou são mercados, ou são colônias. — Assim que terminar de compilar os dados, vou repassar as localizações para Pryinala. Enquanto isso, trabalhamos nas informações que Suelen avisou que está trazendo.

Isla levanta as sobrancelhas antes de assentir. É a parte dela agora: coordenar o pessoal que temos para ir atrás das mulheres nas localizações que Pryinala passou.

Olho para o monitor. Setenta e três por cento do processamento dos dados ainda. Isso ainda vai demorar um pouco.

— Teve alguma notícia do pessoal trabalhando com o Conselho? — Pergunto.

Isla para ao meu lado de novo, ainda encarando o mapa no monitor gigante.

— Vertan foi escolhido como o consultor responsável pelo projeto.

Espera. Vertan?

O projeto das alterações de lei está em andamento no Conselho do Acordo já faz algum tempo, mas só agora parece que vai dar em alguma coisa. Já está passando da hora de mudarem as regras idiotas que fazem qualquer planeta fora do Acordo ser um alvo fácil. Mas, para o projeto seguir em frente, a comissão responsável precisa de um consultor com experiência em ambos os lados do problema. Eu vi a lista de candidatos, a maioria eram ex-agentes da APLA. Só Vertan e mais um eram nomes de fora da agência. E, para piorar...

— Ele não é drilliano?

Isla mostra os dentes e vai para perto da janela de novo.

Ótimo. Era só o que me faltava. Um drilliano em uma posição importante para o andamento desse projeto. Posso até estar sendo preconceituosa, mas foi um drilliano – que era membro do Conselho, aliás – quem me encomendou para os aliens que me abduziram. Ou melhor,

encomendou minha prima, e me abduziram por engano. Nem vou me esquecer do que um drilliano quase fez com Carol. Porra.

Kernos? Sabe por que escolheram Vertan?

Escuto um grunhido.

— Acho que eles acabaram de derrubar uma árvore — Isla comenta.

Ele era o mais imparcial entre as opções, por não ter trabalhado para a APLA.

Fecho os olhos e respiro fundo. Odeio burocracia. Odeio. Com todas as minhas forças.

O que sabe sobre ele? Pergunto.

Ele cresceu na Terra, voltou para o Acordo faz poucos anos e está trabalhando duro nas divisões diplomáticas desde que chegou. Não tem nenhum tipo de histórico que indique uma possível ligação com Arcen ou qualquer outro grupo interessado.

Obrigada.

Olho para Isla, que ainda está encarando alguma coisa do lado de fora. Merda. Queria nunca mais ter que trabalhar com um drilliano, especialmente levando em conta que *minha prima* é quem vai ser o contato do Acordo com a APLA. O único jeito é torcer para esse Vertan não ter nada podre mesmo.

Ou melhor...

— Isla, consegue colocar algum tipo de vigilância nele?

Ela sorri.

VINTE E SEIS

Eu não acredito que isso aconteceu. Não é possível. *Dravos foi capturado*. Eu queria achar que Isathra está fazendo uma brincadeira de mal gosto, mas a expressão dos outros aliens não me deixa pensar nisso. E aparentemente a expressão de choque é a mesma não importa de que espécie você seja.

Olho ao redor. Os aliens se reuniram na sala de controle e eu vim com eles. Não vou conseguir ficar sozinha no meu quarto agora. Olho para um dos monitores, que está mostrando a base ficando cada vez menor. Estamos nos afastando dela depressa. Isso até faz sentido, porque pelo que entendi eles têm armas. Não precisamos deles atacando.

— O que aconteceu? — Frog pergunta. — Ficamos sem visão pela maior parte do tempo.

Os aliens se entreolham.

— Eles estavam nos esperando — Isathra fala e olha para o alien dos dedos-tentáculos. — Você estava mais perto da porta que eu, Lkro.

Como eles conseguem falar esse nome? Vou começar a chamar ele de Kro. É o único jeito. Ao menos isso dá para pronunciar.

— As pessoas que identificamos no compartimento de carga eram soldados — ele conta. — Assim que abrimos a porta, eles jogaram granadas de luz e de fumaça. Quando conseguimos nos organizar para devolver fogo sem matarmos uns aos outros, eles já estavam no meio de nós. Estavam rastreando Dravos, especificamente. Os únicos feridos foram os que tentaram defender Dravos.

— Era uma armadilha — Frog fala.

Ninguém responde. Até eu já sei que isso é óbvio.

Isathra balança a cabeça.

— Nunca mais vou ignorar Pryinala. Ela disse que era arriscado...

— *Tudo* que fazemos é arriscado, se esqueceu? — Kro corta.

Ela balança a cabeça de novo e olha ao redor.

— Na época que eu comecei a trabalhar para Pryinala, Dravos estava caçando um dos mercadores. Ele destruiu sua operação praticamente sozinho.

Alguns dos aliens assentem.

— Conheço essa história — Kro fala. — Aonde quer chegar?

— Ele estava caçando o mercador que o trouxe para o Acordo. E ele nunca foi preso. As rotas e a frota dele foram completamente destruídas, mas ele desapareceu antes de Dravos conseguir pegá-lo.

Pisco depressa, encarando Isathra. Ela está dizendo que esse mesmo cara voltou para caçar Dravos de novo?

— Faz sentido — Frog murmura.

— E depois de ter capturado Dravos, ele vai conseguir reconstruir a sua reputação e seus contatos sem a menor dificuldade — Kro fala.

— O que quer dizer que vão mover Dravos depressa. Provavelmente direto para Nassi — Isathra avisa.

— É o que eu faria — um dos aliens que não conheço completa.

— Mesmo que a história de Isathra não seja o motivo, eles vão se mover depressa, isso é certeza — Frog avisa. — Manter Dravos preso não vai ser fácil, quanto antes conseguirem fazer o que quer que tenham planejado com ele, melhor.

— Então voltamos para Nassi. Isathra pode falar com Pryinala, ela vai mobilizar seus contatos, com certeza — Kro fala.

Espera. Ele está falando de deixar Dravos na base e ir para Nassi? Eu entendi certo?

— E se eles não estiverem indo para Nassi?

Eles olham para mim e engulo em seco.

— É o mais provável — Frog responde.

Assinto. Pode até ser o mais provável, mas e se não for isso que estiverem planejando?

Não vou ficar calada. Podem me encarar à vontade.

— É o mais provável, mas e se não forem para lá? E se já tiverem um comprador? E se nem estiverem planejando vender Dravos?

Ninguém fala nada. Ou eu falei muita bobagem, ou estão me levando a sério.

— Merda — Frog fala.

Acho que estão me levando a sério.

E nunca pensei que essa minha mania de pensar nas piores coisas que podem acontecer ia servir de alguma coisa, mas... E se formos para Nassi e esse tal mercador nunca for para lá? Vai ser quase impossível achar Dravos de novo.

Respiro fundo. Não quero que isso aconteça. Não mesmo.

— Podemos mandar um pedido de reforços para Nassi enquanto vigiamos a base — um dos aliens fala.

Balanço a cabeça e vejo que Isathra e Kro estão fazendo a mesma coisa.

— Jéssica está certa. Podem já ter planos para Dravos, e pedir ajuda vai demorar demais — Isathra avisa.

— Sem falar que vai acabar com a reputação dele — murmuro.

Eles olham para mim de novo.

— Não foi para dar um jeito nos mercadores que Dravos criou a reputação que tem? Para poder resolver os problemas usando seu nome, e não sei mais o quê?

Isathra solta o ar com força e assente.

Kro se vira para um dos aliens que está sentado na frente dos computadores.

— Parem a nave. Nos mantenha *nessa* distância da base.

O alien assente e se inclina para falar alguma coisa. Acho que não é ele quem está controlando a nave – só está repassando as ordens. Quer dizer, isso é óbvio. Pelo que Dravos comentou antes, essa sala serve para coordenarem as operações, enquanto a ponte serve para controlar a nave.

— Tem certeza de que isso é uma boa ideia? — Isathra pergunta. — Provavelmente estão nos monitorando. Vão notar que paramos.

Kro olha para ela. Dou um passo atrás, por via das dúvidas.

— E se nos afastarmos mais, não vamos conseguir monitorar se eles estão removendo algo da base ou se alguém está chegando.

Isathra sustenta o olhar dele. Alguns dos aliens se afastam, também. Não quero estar no caminho se os dois resolverem brigar.

— Chega! — Frog entra no meio dos dois.

— Me usem — falo.

Todo mundo fica em silêncio de uma vez. Respiro fundo. Não vou me encolher só porque estão me encarando como se eu fosse louca. Certo, talvez eu seja. Mas estou certa.

Respiro fundo de novo e fecho os olhos por um instante.

— A força-tarefa resgatou várias terráqueas. Eles devem estar procurando mercadoria nova, não?

Frog e Kro trocam um olhar. Isathra dá de ombros.

Bom, ninguém discordou de mim. Acho que isso é bom.

— Dravos foi capturado. Vocês são um bando de mercenários que está sem capitão, então vão começar a brigar entre si para decidir quem vai assumir o comando. Quem sair por cima vai decidir vender a terráquea do capitão antigo e tirar uma grana. Como a base já está aqui perto, é mais fácil já me oferecer para eles.

— Isso te colocaria lá dentro, certo — Isathra assente. — Mas e depois? Você não é uma agente que vai conseguir se virar e tirar Dravos de lá sozinha.

Está achando que não sei disso?

— Não. Mas vocês podem pensar em alguma coisa para fazer tendo alguém lá dentro. Não sou nenhuma hacker nem nada do tipo, mas sempre me virei bem com computadores. Se o pessoal que estava invadindo o sistema da base conseguir fazer alguma coisa...

— Podemos — um dos aliens que ainda está sentado me interrompe.

— Mas mesmo assim... — Kro começa.

Eu continuo sendo uma terráquea assustada que não faz a menor ideia do que está fazendo. A menos que eu não seja a única pessoa na base.

— Isathra pode me usar para entrar na base — falo.

Ela respira fundo e solta o ar de uma vez.

— Sim. *Sim*. Isso pode funcionar. Vou precisar estudar os dados de quando analisaram a nave...

Frog aponta para os aliens nos computadores.

— Vão te passar tudo o que precisar. E façam a lista do que podem fazer a partir daqui, coordenem com Isathra antes de repassarem as opções viáveis.

Os aliens assentem. Isathra sorri e para na minha frente. Fico parada enquanto ela me encara dos pés à cabeça.

— Você não entrou em pânico.

Balanço a cabeça. Isso não quer dizer que não esteja a um fio de pirar.

Ela assente.

— Ótimo. Guarde o pânico para quando entrar na base. Vai ser útil. Só se lembre de não perder a cabeça por completo.

VINTE E SETE

Os mercenários me arrastam pelo tubo ligando a nave à base. Literalmente me arrastam. Ainda tento me soltar, mas é só encenação. Quer dizer, nem se eu estivesse tentando me soltar para valer ia conseguir alguma coisa. Não conheço os aliens que estão me arrastando – são dois me segurando pelos braços, quatro na frente deles e dois atrás de mim – mas é fácil ver que qualquer coisa que eu fizer não vai nem fazer cócegas neles. E isso sem mencionar que estou com os pés amarrados e amordaçada.

Eu espero muito que esteja fazendo a coisa certa. E que os mercenários não resolvam realmente aproveitar o dinheiro que vão ganhar me vendendo. E que isso dê certo.

— Definitivamente você não escolheu uma forma confortável de ir para a base — Isathra resmunga. De novo, não consigo ver onde ela está, só sentir sua mão no meu braço.

Como se eu tivesse escolhido alguma coisa. Foi só a única opção. Mercenários levando a terráquea do capitão capturado para vender não iam ser delicados e educados, não é?

Escuto a porta se abrir. Tento me virar para ver o que está acontecendo, mas não consigo. Os aliens estão me mantendo no lugar.

— Então você é o novo capitão dos mercenários.

Um dos mercenários ri, e o som é estranho, quase parecendo um trinado, mas grave e com alguma coisa *errada* nele.

— Está maluco? Sou só o cara que veio trazer a encomenda.

Os aliens me puxam para a frente. Minha bunda bate no encaixe da porta, no chão, e eles me levantam um pouco. Só quando já me puxaram para dentro da base eles me levantam e me viram.

O homem que está parado na minha frente poderia muito bem ser um terráqueo. Se eu visse ele na rua, em casa, nunca ia imaginar que é um alien.

Dravos me contou dessa espécie, qual é o nome mesmo? Drenianos? Não importa. Tem mais dois aliens ao lado dele, os dois cobertos de escamas e segurando armas.

Por favor, não me matem.

O alien me encara dos pés à cabeça.

— Ah, eu me lembro dela. Com certeza vale o preço. — Ele estreita os olhos. — Pensei que terráqueos não tinham presas.

O quê?

— Não têm. Mas ela estava fazendo barulho demais — o mercenário que falou antes responde.

Ah. A mordaca.

O alien sorri.

— Gosto quando fazem barulho.

Ele estica a mão na minha direção e um dos mercenários me puxa para trás. Só não caio porque eles estão segurando meus braços, mas puta merda, isso doeu.

— O pagamento — o mercenário fala.

O alien abaixa a mão e balança a cabeça.

— Tão desconfiados...

Um dos aliens com escamas tira uma coisa do seu braço e passa para o alien que parece terráqueo. Ele levanta o objeto. Parece ser um chip, mas não tenho certeza. O mercenário que estava falando toma o chip da mão dele e o enfia em uma parte da sua luva. Me preparo para eles me soltarem de uma vez ou me empurrem para a frente, mas o mercenário espera alguns segundos antes de assentir e se virar para sair.

Respiro fundo quando o último mercenário passa por mim. Seja o que Deus quiser.

— Vai dar certo — Isathra murmura e aperta meu ombro.

Certo. Me lembro muito bem do que aconteceu da última vez que pensei que alguma coisa fosse dar certo. Mas pelo menos não estou sozinha.

Fico parada encarando o chão. Tenho certeza que pelo menos um dos aliens está me encarando, mas não vou levantar a cabeça. Não posso, se quiser fazer isso dar certo. Escuto a porta se fechando e faço um esforço para não respirar fundo. Somos só nós duas aqui agora.

— Não se esqueça, temos duas horas até a nave voltar — Isathra murmura.

Como se eu fosse me esquecer. E não vou pensar em como isso pode dar errado de várias formas diferentes. Mas os mercenários precisam se afastar, porque se continuarem parados no mesmo lugar o pessoal na base *vai* suspeitar. Então eles vão se afastar um pouco, tentar entrar em contato com a irmã de Dravos, e voltar em duas horas. Eu questionei o que fariam se a base não ficasse no mesmo lugar, mas Isathra garantiu que isso não ia ser um problema. Ela ia trazer alguns localizadores. Como ela podia ficar praticamente invisível para qualquer sensor, não iam detectar. Espero que ela esteja certa.

E, em duas horas, temos que estar saindo da base em algum dos *módulos de evacuação*. A nave dos mercenários vai nos encontrar e nos pegar antes dos aliens na base perceberem. Pelo menos, essa é a ideia. No fim das contas, isso não me soa nada bem, mas ninguém teve nenhuma ideia melhor.

— Quero uma verificação completa dela antes que chegue perto do chefe — o alien que parece terráqueo fala.

— Capitão...? — Um dos outros pergunta.

— Levem a terráquea para ser escaneada. Quero saber se esses mercenários estão tentando plantar um localizador ou coisa pior na minha nave.

Ele se afasta sem falar mais nada. Respiro fundo quando um dos outros aliens se aproxima, mas ele só se abaixa e solta a corda estranha que está prendendo minhas pernas. Continuo olhando para o chão enquanto ele se levanta e segura meu braço.

— Venha conosco. Sem gracinhas.

Sem gracinhas. Certo. Não que fosse adiantar se eu tentasse fazer alguma coisa. O outro alien está vindo atrás de nós e consigo ver a sua arma de relance. Não quero morrer aqui. A ideia é nós três conseguirmos sair sem nenhum problema.

Quem é que eu estou tentando enganar? *É claro* que vamos ter problemas.

O alien vira no primeiro corredor. É estranho ver uma nave com paredes escuras assim. Todas por onde passei têm paredes claras. No máximo, cor de

areia. Esse cinza escuro meio sujo não é nem um pouco animador. A impressão que eu tenho é que a cor está gritando “não estamos fazendo coisa que preste nem estamos tentando esconder isso”.

Escuto o barulho da porta de um elevador abrindo e então passos vindo na nossa direção, mas continuo sem levantar a cabeça.

— Estou indo — Isathra fala. — Tome cuidado. Não perca a cabeça. Vou achar Dravos e depois volto atrás de você.

Ela aperta meu ombro e me solta quando a pessoa que saiu do elevador passa do nosso lado. Não vou me lembrar que precisamos tirar Isathra de uma base não muito diferente dessa. Ela é uma agente de Pryinala, está acostumada a fazer coisas assim. Vai dar certo. Ela não vai me deixar aqui.

E agora eu estou sozinha.

Respiro fundo quando entramos no elevador. Os dois aliens que estão me “escoltando” continuam sem falar nada enquanto descemos – pelo menos acho que estamos descendo. Saímos para outro corredor e eles me empurram para dentro de uma sala às escuras. A porta se fecha atrás de nós e só então a luz acende. Ufa. Pelo menos isso.

A sala é pequena, com um computador na parede da direita e um cubículo de alguma coisa escura do outro lado. Mais nada. E eu não devia ter levantado a cabeça, mas já é tarde demais. O alien que está me segurando me leva na direção do cubículo. Paro quando ele tenta me apertar contra a parede escura, mas ele me puxa de uma vez e cambaleio para dentro dele. Espera. Dentro dele? Encosto o ombro na parede. Parece uma gelatina escura, mas aqui dentro está tão iluminado quanto lá fora, mesmo que eu não consiga ver nada.

— Fique parada.

Obedeço. Não faço a menor ideia do que é isso, mas o outro alien falou que era para eu ser escaneada, não foi? Então não deve ser nada demais... E uma terráquea propriedade de um mercenário não ficaria discutindo ordens. Dravos me explicou bem demais o que seria esperado de mim como propriedade dele, quando entramos na outra base. Tenho que me lembrar disso. Só precisamos ganhar tempo, até Isathra achar Dravos e montar uma rota para sairmos daqui. Então vou obedecer.

— Ela está limpa.

Suspiro. Ainda bem que pensamos que era melhor eu não estar com nenhum localizador.

— Certo.

E pelo visto eles estavam falando em um comunicador. Com o alien que parece terráqueo? Provável.

— Terráquea? Saia.

Respiro fundo e passo pela parede estranha que parece gelatina. Quero passar a mão no cabelo e conferir se não ficou nada grudado, mas minhas mãos ainda estão presas. O alien segura meu braço e prega um círculo de metal logo acima do meu cotovelo. Faço um esforço para não tentar me soltar quando sinto um choque leve. O alien me empurra para frente e vou antes de mexer os pés. O quê...? Estou flutuando.

Droga. Não quero achar isso legal agora. Não quero.

Escuto os passos do outro alien atrás de nós enquanto atravessamos mais uns tantos corredores, comigo sendo empurrada na direção certa. Espero que Isathra tenha um ótimo senso de direção, porque eu não faço mais a menor ideia de por onde passamos. Quer dizer, ela deve ter senso de direção se é uma agente, não é?

O alien abre uma porta e me empurra para dentro. Achei que ia ser mais uma sala, mas estamos em outro corredor. Um corredor fechado. Isso não pode ser bom. Engulo em seco. O corredor não está muito bem iluminado e tenho certeza de que isso é de propósito. Passamos por algumas portas, mas os aliens continuam no mesmo passo. Já estou achando que vamos atravessar a base toda assim quando eles param na frente de uma porta e a abrem.

Agora é uma sala. Quase um cubículo, na verdade, de tão pequena. E completamente vazia. A única coisa nela é uma porta na parede na minha frente. Estreito os olhos. A parede parece ser feita de vidro.

— Podem deixar a terráquea aqui — um homem fala, e não é nenhum dos dois aliens que estavam me acompanhando.

O alien que está me segurando me empurra mais para a frente. Quase caio quando paro de flutuar de repente, mas me endireito e me viro a tempo de ver a porta se fechar. Estou sozinha aqui. Empurro a porta com o ombro. Nada, obviamente. E não tem nenhum painel aqui dentro. Como é que as pessoas saem daqui?

Respiro fundo. Não saem.

Certo. Sem pirar. Sem perder a cabeça. Eu sabia onde estava me enfiando quando me ofereci como isca. Quer dizer, tinha uma boa ideia.

Paro no meio da sala, olhando de um lado para o outro. Talvez tenha alguma marca na parede, daquelas que abrem painéis escondidos. Talvez...

Me viro de uma vez quando escuto a outra porta sendo aberta. Tem outro alien parado ali, me encarando. Ele não é dos mais estranhos que já vi. Na verdade, acho que é da mesma espécie que os outros que parecem terráqueos. Ou de alguma espécie muito parecida. Mas ele é todo coberto por marcas avermelhadas que parecem cicatrizes. Ou isso, ou é a pele normal dele. Na verdade, acho que é de outra espécie mesmo, porque as mãos dele são meio vermelhas.

O alien me encara dos pés à cabeça.

— Só isso? Pensei que quando Dravos resolvesse comprar uma terráquea teria mais bom gosto.

Respiro fundo. Não vou reagir.

E eu deveria estar encarando o chão.

Abaixo a cabeça e o alien faz um ruído estranho.

— Não importa. Venha.

Obedeço. Não vai acontecer nada demais. Vai dar tudo certo. Só preciso ganhar tempo...

O alien coloca uma mão nas minhas costas e me empurra para dentro de outra sala, bem maior que o cubículo onde eu estava. Vou, andando devagar. Não vou pensar no que ele pode estar querendo fazer. Não vou. Não mesmo.

— Ah, eu sabia que encontraria um bom argumento — o alien fala.

Ele não está falando comigo. Levanto a cabeça e paro, engolindo e seco.

Não. Não.

— Sabe, depois de ter passado anos me caçando, é estranho que tenha comprado uma terráquea — o alien continua falando. — Ou seria, a menos que existisse outro motivo.

Dravos tenta se levantar. Vejo o sangue escorrendo de onde as correntes estão prendendo ele. Se ele continuar assim... Engulo em seco.

Não pire, não pire, não pire. Não posso perder a cabeça agora. Não posso.

— Você não quer me dizer nada? Tudo bem. Mas a partir de agora, para cada pergunta que não responder, vai ser ela quem vai ser punida.

Nós nunca pensamos que pudessem querer torturar Dravos. Usá-lo como prêmio ou algo assim? Com certeza. Mas não torturar. Não o que eu estou vendo.

VINTE E OITO

Dravos estica uma mão na minha direção. Ou melhor, tenta, porque as correntes ou o que quer que sejam não deixam ele se mover quase nada sem cortar fundo.

— Para, só para — peço.

Não tenho nem coragem de chegar mais perto dele. Se me aproximar, vou querer fazer alguma coisa para ajudar, e já percebi que qualquer coisa que *tentar* fazer vai piorar a situação. *Qualquer* movimento faz as lâminas das correntes irem mais fundo. E as correntes ficam mais apertadas sempre que Dravos se mexe, então...

Engulo em seco e balanço a cabeça. Meus olhos estão ardendo, mas eu não vou chorar. Não vou. Vou dar um jeito de tirar Dravos daqui e só depois penso em chorar. Mas eu vou tirar ele daqui, de uma forma ou outra.

O outro alien – ele se apresentou, mas não parei para prestar atenção no nome – disse que ia nos deixar a sós por algumas horas, enquanto resolvia seus negócios. Ele falou que podíamos ficar juntos pela última vez, antes que voltasse e continuasse com suas perguntas para Dravos.

Não preciso ser um gênio para entender o que ele está fazendo, mas não vai funcionar.

— Nós vamos sair daqui — murmuro.

Dravos tenta falar alguma coisa e força as correntes de novo, tentando levantar o braço. O sangue escorre e eu fecho os olhos. Ele está pálido. Não é impressão minha. Ele está muito pálido.

— Para com isso! — Abro os olhos e Dravos está me encarando, ainda forçando as correntes. — Só pare. Por favor...

Ele para, mas continua me encarando. Não consigo nem ter certeza da sua expressão, porque o rosto de Dravos inchado e cheio de hematomas.

Se eu pudesse, mataria aquele alien.

Respiro fundo, tentando ignorar o cheiro de sangue. Certo. Temos que sair daqui, mas como?

— Descanse. Por favor. Só... Tente se recuperar um pouco — falo.

Ele não responde nem assente. Não tem como fazer nada. Mas vejo quando relaxa na cadeira – se é que tem como relaxar com as lâminas que estão enfiadas no seu corpo.

Formas de sair daqui. Certo. As paredes da sala são completamente lisas. A mesma coisa que o cubículo ali fora. Não tem nem uma mancha ou qualquer marcação para mostrar onde abrir algum painel escondido. Mas *tem* que ter alguma coisa aqui, porque nem todos os ferimentos de Dravos foram culpa da cadeira. E o alien não estava carregando nada quando abriu a porta para mim.

Queria que Draco estivesse aqui. Ele conseguiu arranhar aquele metal mega resistente da cama. Aposto que conseguiria fazer um estrago aqui.

Não. Pensando melhor, queria só uma faca feita do mesmo material que as garras dele. Deixa Draco em paz no meu quarto na nave de Dravos.

Tá. Facas. O alien estava usando alguma coisa aqui dentro... O que quer dizer que, mesmo que eu não esteja vendo, tem alguma coisa nas paredes. Uma porta, armário, painel... Não é possível que não tenha nada.

Respiro fundo de novo e me aproximo da cadeira. A primeira coisa que eu tenho que fazer é dar um jeito de me soltar, e só estou vendo um jeito de fazer isso. Tento não olhar para Dravos enquanto dou a volta por trás da cadeira e procuro algum lugar onde encostar nas correntes não vai fazer as lâminas afundarem ainda mais nele.

— Não se mexa — repito.

Parece que a corrente é feita *de* lâminas. Quem tem uma ideia dessas? Meu Deus... Acho uma lâmina para cima bem onde uma das correntes está presa no encosto da cadeira. Ótimo. Acho que aqui não vou piorar a situação. Levanto as mãos e passo a corda estranha que está me prendendo pela lâmina. Ela nem mexeu, mas parece que não cortou nada também. Certo. Respiro fundo e passo a corda com mais força. Dravos grunhe alguma coisa e paro. Por favor, espero muito que eu não tenha machucado ele ainda mais.

Ele grunhe de novo, encarando alguma coisa. Não foi comigo, então. Me viro na direção que ele está olhando. A porta. Isso quer dizer que tem alguém

no cubículo do outro lado? Começo a andar para trás. Não tenho para onde ir, nem o que fazer.

E Dravos não vai poder fazer nada se alguém entrar aqui.

Não, não vou andar para trás. Paro entre Dravos e a porta. Sei que estou sendo idiota, mas não vou deixar ninguém continuar fazendo isso com ele sem ao menos *tentar* ajudar.

Ele fala alguma coisa e escuto as correntes.

— Fica quieto, oxe!

A porta se abre. Respiro fundo, esperando para ver quem está entrando e quase desabo de puro alívio quando uma coluna de sombra passa pela fresta, antes de virar Isathra.

— Ótimo, você também está aqui. — Ela respira fundo e solta o ar com força. — Mandei mensagem para a nave. Estão por perto. Não quero ficar mais nem um minuto aqui.

E eu não quero saber o que ela viu para falar isso.

Me afasto para o lado. Isathra puxa o ar com força de novo.

— Puta merda, o que fizeram com você? — Ela murmura e vai para perto da cadeira.

Paro ao lado dela. Alguns dos cortes de Dravos parecem estar fechando ao redor das lâminas. Quer dizer, pelo menos não estão sangrando mais. Acho que isso é bom, não é?

— Deixem — Dravos murmura.

Deixar? Deixar ele aqui? Ótima hora para fazer drama de herói. Excelente hora. Não podia ter escolhido melhor.

Pelo menos ele está conseguindo falar.

— Nem pense nisso — resmungo.

— Se tirarmos as correntes, ele vai sangrar demais — Isathra fala. — Alguns cortes estão muito fundos.

Ai meu Deus, e agora?

— A cadeira... — começo.

Isathra balança a cabeça.

— Não consigo carregar Dravos, muito menos ele e a cadeira com as correntes. E duvido que você consiga, vamos ter que...

Viro o braço e mostro a coisa de metal que pregaram em mim.

— Isso me fez flutuar quando me trouxeram para cá.

Ela tira uma faca de algum lugar da roupa e segura meu braço. Ela vai tirar isso na faca? Não mesmo! Puxo o braço de volta, mas é a mesma coisa que não fazer nada. Isathra balança a cabeça e corta a corda que estava me prendendo, antes de virar meu braço de novo e puxar o círculo de metal de uma vez.

— Eu adoro quando os mercadores são arrogantes — ela fala, encarando a coisinha e girando. Eu nem tinha notado que não era só uma peça de metal. São várias. — Isso está configurado para um peso bem mais baixo, mas deve aguentar até chegarmos nos módulos de evacuação.

Isathra se abaixa perto da cadeira, ignorando completamente o sangue que está ali. Dravos resmunga alguma coisa, mas acho que dessa vez nem tentou falar nada de verdade.

— A cadeira é fixa. Vamos ter que cortar. — Ela tira outra coisa de algum lugar na sua roupa. — Sabe usar isso?

Não sei nem o que “isso” é.

Balanço a cabeça. Ela suspira.

— Lição rápida: aperte aqui e aponte para onde quer cortar. Só para onde quer cortar. E fique o mais longe possível.

Pego o que ela está me oferecendo. Parece um cabo de faca, daquelas bem grandes, mas tem alguns botões. Ela aponta para um deles de novo e assinto.

— Ótimo. Corte a cadeira, enquanto eu tento configurar isso aqui.

Cortar a....

Certo. Engulo em seco e me abaixo atrás da cadeira. Não tem sangue aqui. Não é nada. Aperto o botão que Isathra indicou, apontando o cabo de faca vazio para um dos pés da cadeira. Quase caio para trás quando as faíscas começam a voar, mas continua não tendo nada saindo do cabo de faca. Quer dizer, nada que eu consigo ver. Respiro fundo e me afasto mais um pouco. Acho que agora não vai voar nada em mim.

Eu não faço a menor ideia do que é isso que Isathra me passou, mas está cortando a cadeira de *metal* como se não fosse nada demais. De tempos em tempos algumas faíscas voam e eu tirei alguns pedaços do metal do chão,

mas acho que não fiz muito estrago. Quer dizer, do jeito que essa coisa corta, não seria difícil abrir um buraco mesmo no chão e cair no nível de baixo e...

Preciso parar de pensar nessas coisas.

— Pronto — aviso, me levantando.

Isathra toma o cabo de faca da minha mão e prega o círculo de metal no encosto da cadeira. Solto um suspiro aliviado quando ela começa a flutuar. Está vacilando um pouco, mas está no ar.

— Eu empurro, você cuida dos aliens — falo.

Isathra sorri e assente, tirando uma pistola da roupa. Quantas armas ela tem escondidas?

— Não é muito longe até os módulos de evacuação — ela avisa.

Não falo nada enquanto ela abre a porta que dá para o cubículo. Vou atrás dela, empurrando a cadeira com Dravos na minha frente e tentando ignorar o sangue pingando pelo chão. Pelo menos o momento dramático de pedir para deixar ele aqui passou rapidinho. Acho que ele entendeu que não ia adiantar falar nada.

Isathra abre a porta que dá para o corredor. Escuto um ruído abafado e Isathra desaparece por um instante. Mais ruídos abafados, e ela gesticula para eu sair. Nem me surpreendo quando vejo um alien no chão. É óbvio que iam deixar guardas aqui.

— Depressa — ela murmura.

Assinto, empurrando a cadeira. Está acabando. Vamos sair daqui.

VINTE E NOVE

Isa precisa pensar melhor no que quer dizer com “não é muito longe”. Pensei que íamos virar em uns dois corredores, no máximo, e já íamos estar lá. O que faz sentido, levando em conta que são *módulos de evacuação*. Eles deviam estar perto, não?

Não sei como ainda não dispararam nenhum alarme, porque tem uma trilha de corpos atrás de nós. Isa está indo na frente, abrindo todas as portas e derrubando os aliens, enquanto eu vou empurrando a cadeira de Dravos atrás e torcendo para ninguém nos seguir.

O plano original era que Isa acharia um jeito de chegarmos até os módulos de evacuação sem sermos vistos. Sem chamar atenção, sem disparar alarmes, sem começar um ataque, porque a base não pode ter motivos para ir atrás da nave de Dravos. Não enquanto estivermos sem nenhum tipo de ajuda por perto. Acho que agora a única opção vai ser fugir o mais depressa possível, porque não tem *como* não notarem o que fizemos. Nem como terem alguma dúvida de que fomos nós – ou pelo menos eu.

Meu Deus, isso vai dar *tão* errado. Mas não me arrependo. Não ia deixar Dravos aqui.

O alarme começa a tocar.

Sabia. Sabia que isso ia dar errado.

— Depressa! — Isa grita.

Já estou indo depressa. O mais depressa que consigo, levando em conta que estou empurrando uma cadeira flutuante que vai parar de flutuar a qualquer momento e que, mesmo no ar, *é pesada*. Isso sem mencionar que cada vez que tenho que empurrar a cadeira por cima de algum alien que Isa derrubou, ela fica tremendo como se fosse desabar *e as lâminas cortam Dravos ainda mais*. Não esqueci do que ela falou sobre alguns cortes estarem fundos demais.

Viramos em outro corredor. Isa atira depressa e não tenho tempo nem de ver quantos aliens estavam ali. Não que eu queira mesmo saber. Ela gesticula para eu passar na sua frente. Empurro a cadeira de Dravos, levantando as sobancelhas.

— Os módulos estão no fim do corredor. Tem alguém vindo, vai na frente que dou cobertura — ela avisa, olhando para o corredor de onde viemos.

Obedeço. Como ela consegue estar tão calma? Se tem aliens vindo atrás de nós...

A cadeira dá um solavanco. Paro e me abaixo para puxar o alien que está no chão para o lado. Não vou arriscar. Se a coisinha que está fazendo a cadeira levitar falhar agora, não vamos conseguir chegar nos módulos antes dos aliens nos alcançarem.

Vai dar certo. Estamos quase lá. Só mais alguns metros até o fim do corredor. Vai dar certo.

O corredor termina em uma porta. Espero que Isa esteja certa e não seja uma saída para a área de treinamento dos aliens ou coisa assim. Coloco a mão no painel ao lado da porta e ela se abre. O módulo de evacuação é circular e pequeno. Enfio a cabeça para dentro, procurando o melhor lugar para colocar a cadeira, e paro quando vejo um painel que reconheço na nave de Dravos. Isso aqui tem que ser pilotado. Anta. É claro que tem que ser pilotado.

Eu não sei pilotar isso.

Só tem um jeito.

Saio do módulo, passo pela cadeira de Dravos e puxo Isathra.

— Vai na frente.

— Eu...

— Coloca ele lá dentro e faz o que tiver que fazer antes de sairmos daqui. Você sabe pilotar essa coisa, eu não. Vai na frente. Eu dou cobertura.

Ela me encara por um instante antes de ir para o módulo.

Respiro fundo. Agora só preciso conseguir fazer o que disse. Dar cobertura. Isso quer dizer não deixar os aliens chegarem perto de nós.

Me abaixo e pego a pistola de um dos aliens que está no chão. Pensando melhor... Volto um pouco no corredor e pego mais uma pistola. Não sei se essas coisas ficam sem balas ou seja lá o que usam.

E agora eu também já consigo ouvir os passos vindo na nossa direção. Não é só uma pessoa, mas acho que não são vários. Consigo fazer isso.

— O visor do lado das pistolas diz se estão armadas ou não — Isa fala quando chego perto do módulo de novo. A cadeira já está lá dentro e, pelo barulho, ela está mexendo nos controles. — Se estiver amarelo, não vai atirar. Você quer usar eles no azul.

Viro as pistolas. As duas estão com visor amarelo. Enfio uma no cós da minha calça e seguro a outra. É só apontar e atirar, não é? Não deve ser tão difícil.

Passo um dedo pelo visor. Ele fica laranja. Passo o dedo de novo. Verde. De novo. Azul. Isso!

Levanto a pistola e fico encarando onde o corredor vira. Só tem um jeito de chegarem aqui, e é pelo mesmo caminho que fizemos.

Dois aliens cobertos de escamas entram no corredor. Atiro. O primeiro tiro acerta na parede. Droga. Os aliens começam a correr na minha direção. É só apontar... Respiro fundo. Só apontar e atirar. Atiro. O alien da direita grita e cai. Acho que acertei sua perna. É melhor que nada. Agora o outro. Respiro fundo de novo e aponto a pistola.

Outro alien entra no corredor. *Ele*. O que estava torturando Dravos. Que queria me usar para torturá-lo.

— Não atirem, idiotas! Essa área tem o casco fino! Deixem ela comigo.

E eu nem vi que o alien que derrubei estava com uma arma na mão e que o outro também estava tirando uma pistola. Engulo em seco. Eu consigo fazer isso. Claro que consigo. É só me lembrar do que ele fez com Dravos.

O alien continua andando enquanto o das escamas que ainda está de pé para. Ótimo. Eu falei que se pudesse ia matá-lo, não falei? Dou um passo atrás e mais outro, sem abaixar minha pistola. Não importa se meu braço está começando a doer. Só quero chegar mais perto do módulo.

— Acha que vão escapar? Vamos capturá-los de novo em questão de minutos, no máximo. Abaixei a arma agora, venha sem resistir, e não vou matar seu companheiro.

Eu posso ser terráquea, mas não sou idiota.

Respiro fundo. Só apontar e atirar. E dessa vez não posso errar.

Atiro.

O alien cai. Dessa vez eu tenho certeza de que acertei. Vi o buraco no seu peito.

Ótimo.

— Jéssica! Entra!

Pulo para dentro do módulo e a porta se fecha logo atrás de mim. Escuto o barulho de uma explosão. Acho que um dos aliens atirou.

— Desacoplando em três, dois, um. Jéssica, sente-se!

O módulo treme e me seguro no encosto da cadeira de Dravos. Por pouco não encosto em uma das correntes. E...

— Dravos? Dravos?

Ele está de olhos fechados e parece que não me ouviu.

— Jéssica, sente-se! Ele desmaiou. Depressa, não posso manobrar com você de pé.

Dou a volta na cadeira e me sento ao lado de Isa. O monitor na frente dela está mostrando um monte de números que não faço ideia do que sejam. Metade deles está vermelho. Isso não é bom.

Olho para o monitor de cima. Ele está mostrando base. Ou melhor, o casco da base, enquanto nos afastamos.

Por favor, dê tempo, dê tempo...

— Está vendo esse botão? — Isa aponta.

Assinto.

— Assim que eu avisar, aperte. Vai transmitir nossa localização para a nave de Dravos.

— Por que...?

— O projetor do módulo é fraco. Precisamos estar mais perto da nave para eles conseguirem nos captar. E não quero deixar claro que estamos dentro desse módulo, caso alguém dentro da base ainda tenha dúvidas.

Tem como alguém ter dúvidas? Mas entendo o raciocínio dela. Qualquer coisa para conseguirmos sair sem sermos atacadas.

A base continua diminuindo, no monitor. Quero fechar os olhos e torcer para tudo dar certo, mas não consigo parar de encarar os monitores. Precisamos sair daqui. Isso tem que dar certo. Por favor.

Os alarmes do módulo disparam todos de uma vez.

— Eles estão nos rastreando!!!

O que quer que isso seja, é ruim. Muito ruim.

— Se eles atirarem, não vamos ter nem meia chance de sobreviver!

Ótimo. Eu precisava mesmo saber disso. Vai fazer toda diferença.

Respiro fundo.

Como é que acontecia nos filmes que me colocavam para assistir na Terra? Alguém ficava pilotando e outra pessoa ia atirar, não é isso?

— Eu posso atirar!

Não vai ser mais difícil que usar uma pistola. Eu acho.

Isa faz um ruído estranho.

— Isso aqui é um módulo de evacuação, não uma nave de ataque. E, mesmo que tivesse armas, elas não iam nem fazer cócegas nos escudos de uma base dessas.

Putá merda.

Isa vira o módulo de uma vez e me seguro com força na cadeira. Eu não quero morrer aqui.

O tiro passa por nós e desaparece. Suspiro.

— Caralho! — Isa bate a mão no painel.

O módulo vira de novo. Eu estava enganada. Tem mais alarmes do que os que já estavam tocando. E até eu consigo entender o que esse quer dizer: o tiro passou de raspão e danificou a nave. Danificou *os controles* da nave.

— Foi bom te conhecer, Jéssica — Isa murmura.

O quê...?

Olho para o monitor a tempo de ver a base atirar de novo. Não temos como escapar dessa vez.

Uma mancha escura aparece na nossa frente. O tiro desaparece. Como...?

Isa se inclina para a frente e mexe em alguma coisa no painel. A imagem do monitor se afasta. A mancha escura é outra nave, enorme. E ela está atirando na base.

TRINTA

Abraço Draco com força e enfio o rosto no travesseiro. Não consigo parar de pensar no que aconteceu. Já faz quatro dias desde que tiramos Dravos da base e as naves da força-tarefa apareceram bem na hora. Quatro dias desde que trouxemos Dravos para a maior nave deles, que dizem que tem equipamento médico melhor do que acharíamos em qualquer planeta. E quatro dias sem ter a menor notícia do que está acontecendo com ele.

Fecho os olhos. Chorar não vai adiantar nada e eu já chorei demais. Só posso esperar.

Draco mia e eu levanto meu braço, me virando na cama. Ele voa para a cômoda comprida que está encostada em uma parede. Não estamos no meu quarto na nave de Dravos. Ela está pousada no hangar da nave enorme da força-tarefa, mas assim que chegamos me perguntaram se eu preferia ficar em um quarto aqui. Óbvio que aceitei. Estou mais perto de Dravos. Vou ficar sabendo de qualquer coisa mais depressa... Eu acho. Então vim para cá com meu gato e as coisas dele, e estou esperando. Esperando e esperando, e tentando não pensar no pior.

A luz ao lado da porta pisca. Suspiro. Não quero ver ninguém. *A menos que seja alguém com notícias de Dravos.*

— Quem é?

— Gabi. Trouxe pizza.

Gabi? Isso quer dizer que é uma terráquea? Acho que me lembro de Dravos falando que uma terráquea tinha organizado a força-tarefa. Ou seja, deve ter terráqueas nessa nave mesmo.

Me levanto e abro a porta.

Uma mulher de cabelo cacheado e vestindo short e camiseta me entrega uma caixa de pizza e se vira para pegar copos e uma garrafa de Coca-Cola com o alien cinza com pintinhas vermelhas do lado dela.

— Eu falei que pizza sempre resolve — ela fala enquanto me empurra para dentro do quarto.

— Conte isso para Tati — o alien responde.

— Ela é louca, já falei!

A mulher fecha a porta enquanto ainda estou tentando entender o que estavam falando e se vira para mim.

— Vamos. Sei que você não comeu quase nada nos últimos dias.

Engulo em seco e olho para a caixa de pizza na minha mão. Não sei nem se consigo comer.

Aliás, como é que tem *pizza* aqui?

Gabi vai até única parede vazia do quarto e aperta uma das manchas quase invisíveis na parede. Uma mesa se desdobra para fora e ela puxa dois bancos altos do armário que se abre. Por que ainda me surpreendo com isso?

E espera. Eu tenho certeza que já vi ela antes. Estreito os olhos enquanto Gabi coloca a Coca e os copos em cima da mesa e se vira para pegar a pizza. Mas o único lugar que eu poderia ter visto ela é...

— Você estava presa junto comigo!

É ela, tenho certeza. A mulher que foi jogada na cela pouco antes dos piratas atacarem a nave. A que foi vendida para um alien assustador. Primeiro Suelen, e agora ela...

Gabi sorri.

— Não sabia se ia me reconhecer. Suelen avisou que você estava com Dravos.

Coloco a pizza na mesa e encaro Gabi. Como ela consegue estar tão calma? Tudo bem que já faz anos desde que ela foi vendida, mas ela está agindo como se estivesse em casa. Na verdade... Acho que ela é sempre assim. Lembro que ela nem piscou quando viu os aliens pela primeira vez. Nem quando o alien que parecia um capeta apareceu querendo comprá-la.

Gabi destampa a pizza e se senta.

— É de carne seca com catupiry. Aproveite que não é sempre que consigo trazer dessa pizza — ela fala.

Me sento. A pizza parece boa e está cheirando bem demais, mas ainda acho que não vai descer se eu tentar comer.

— Dravos vai ficar bem — ela solta de uma vez. — Tiveram alguns

problemas por causa dos cortes mais fundos, ele tinha alguns ossos quebrados também, mas já conseguiram reconstituir tudo. Ele deve ser liberado hoje ainda. E não, você não pode ir visitar.

Solto o ar com força e me encosto na parede. Graças a Deus. Valeu a pena. Eu sabia que ia valer a pena. Posso esperar até liberarem Dravos. Pelo menos já sei que ele vai ficar bem.

Gabi abre a Coca e enche os dois copos.

— Ninguém falou nada com você antes porque o pessoal da nave tenta manter distância das terráqueas que estão chegando aqui pela primeira vez. Na maioria das vezes, as mulheres estão mais do que assustadas. Conversar com elas é trabalho da Tati ou da Rose, mas as duas ficaram em casa. — Ela dá de ombros. — Saímos depressa demais, sem tempo para organizar nada.

Pego um pedaço de pizza e dou uma mordida. É boa mesmo.

E aliás, pensando em como ela arrumou uma pizza *aqui*, tem outra coisa que não entendi.

— Como nos achou?

Gabi dá de ombros e toma um gole de Coca.

— Eu estava usando a rede do Acordo pra localizar os aliens de espécies não registradas... — Ela para e olha para mim. — Tá. Qual parte você não entendeu?

Alguém que explica as coisas. Posso comemorar?

— A rede. Acho que isso de espécies não registradas é o que Dravos me falou, não é?

Ela assente.

— Sobre os mercadores aproveitando que o governo oficialmente nem sabe que essas espécies existem? Sim. E o Acordo tem tipo uma internet interplanetária que funciona para um monte de coisas diferentes. Ela interliga tudo. Como eles usam muitos sensores para reconhecer o tipo de atmosfera, de alimentação e sei lá mais o quê das pessoas, consigo usar essas informações como uma forma de rastreamento.

Tá, eu acho que eu entendi mais ou menos o que ela quer dizer. Bem mais ou menos. Assinto.

— Eu estava rastreando as pessoas de espécie não registrada que estão no Acordo quando encontrei a nave de Dravos, logo depois de Suelen mandar

uma mensagem contando o que tinham descoberto. — Gabi dá de ombros. — Quando os mercenários entraram na base e voltaram em número menor do que tinham ido, imaginei que tivessem problemas. Os mercenários nos repassaram o plano de vocês bem a tempo de entrarmos no meio e destruirmos a base.

Ou seja, foi pura sorte. Se Gabi não estivesse rastreando as outras espécies, se Suelen não tivesse mandado mensagem antes de chegar onde Gabi estava...

Espera. Gabi estava rastreando as outras espécies.

— Dravos me falou que uma terráquea montou essa força-tarefa — começo.

Gabi sorri.

— Achei mais interessante do que ficar sentada em casa esperando alguém vir atrás de mim de novo.

Ela é louca. É a única explicação.

E eu acho que foi isso que pensei dela quando estava na cela comigo.

— Então o alien que te comprou...

Ela ri e pega um pedaço de pizza.

— É uma longa história. Bem longa. Resumindo, ele já estava atrás dos mercadores há uns tantos anos. Ele que nos deu o apoio militar para fazer a força-tarefa.

Tento me lembrar do alien que a comprou. Só lembro da pele vermelha e preta. E de como ele era grande. Acho que consigo imaginar ele mexendo com alguma coisa militar.

— Mas a questão é que quando isso tudo começou, eu fiquei na mesma situação que você: com Kernos na enfermaria e ninguém querendo me dar notícias. Acho que ter comida e companhia é melhor que nada. — Ela dá de ombros de novo.

Draco voa de cima da cômoda para o meu colo e Gabi dá um pulo. Levanto o pedaço de pizza automaticamente e ele mia.

— Puta que pariu, isso é um gato? Um gato alien?

Levanto as sobrancelhas. Algum problema com meu gatinho?

— Eu jurava que era um bicho de pelúcia!

Draco olha para Gabi e mia. Ah não. Seguro meu gato antes que ele suba

na mesa e pegue a pizza.

— Nada de roubar a comida, Draco.

Ele olha para mim e mia, triste.

— Ele te entende? — Gabi pergunta.

— Não faço a menor ideia.

Ela ri.

— E você chamou seu gato alien de Draco. Acho que isso quer dizer que vamos ter assunto. Por favor, me diz que você *não* é da Grifinória.

Rio alto.

— Não. Não mesmo.

E acho que comida e companhia realmente não são uma má ideia.

TRINTA E UM

Jogo a bolinha que Gabi arrumou para Draco e tento não olhar para o painel ao lado da cama. Tem um relógio nele e eu não preciso lembrar que já tem quase duas horas que Gabi mandou um recado dizendo que tinham liberado Dravos. Ele está bem, é o que importa. E não tinha nenhuma obrigação de vir atrás de mim. Não tenho nenhum motivo para estar chateada por causa disso. Nenhum.

E se eu ficar repetindo isso mentalmente, talvez comece a acreditar.

Não estou querendo nada demais. Juro. Mas custava mandar ao menos uma mensagem falando que está bem? Tudo bem que Gabi já me avisou, mas quero ouvir isso dele. É pedir demais? Acho que não.

Ou então eu estava vendo coisas onde não tinha nada.

Respiro fundo e me abaixo para pegar a bolinha que Draco chutou para perto de mim de novo. Ele pula para a cama e vem para o meu colo. Sem bolinha então. Passo a mão pelas suas costas e ele começa a ronronar. Gatinho fofo.

Droga. Se eu voltar para casa não vou poder levar ele comigo. E só de pensar que eu já estava levando a possibilidade de ficar aqui a sério... Ainda bem que recusei a oferta de trabalho de Gabi. Apesar de achar que talvez fosse interessante ficar aqui, não consigo me imaginar trabalhando na força-tarefa, como ela contou que algumas terráqueas além de Suelen já fazem. Isso não é para mim, mesmo.

Draco mia, encarando a porta. Olho para ela. A luz da “campainha” está brilhando.

— Quem é?

— Sou eu.

Ótimo. Agora ele aparece.

Coloco Draco na cama, me levanto, abro a porta e volto para a cama.

Estico a mão para Draco, mas ele voa na direção de Dravos e tenta pousar no ombro dele. Dravos faz uma careta quando ele escorrega.

Droga. Ele deve estar arranhando Dravos.

— Draco, volta aqui.

Dravos ri e segura o gatinho uma mão, se virando para fechar a porta.

— Deixe ele.

Deixo, então. Eu só estava preocupada, mas já que ele não se incomoda com isso mesmo...

Dravos suspira e olha para mim.

— Eles me contaram o que você fez. Eu saí da enfermaria e fui direto para o hangar, porque queria saber quem tinha sido o autor desse plano estúpido de te vender. Não te tirei de Nassi para que te usassem assim que acontecesse algum imprevisto. Já estava preparando as punições, porque *ninguém* deveria ser usado desse jeito.

Balanço a cabeça. Aonde ele está querendo chegar com isso?

— O plano foi meu. Quer dizer, a ideia foi.

— Eles me contaram. Você não deixou ir para Nassi e se ofereceu como isca para colocar Isathra dentro da base... Com um plano tão frágil que não sei se *eu* teria coragem de executar.

Dou de ombros. Essa seria uma ótima hora para Dravos ler minhas emoções. Se ele veio aqui só para criticar o que fizemos...

Ele tira Draco do ombro e o coloca em cima da cômoda antes de vir na minha direção.

— Era eu quem devia ter tirado você de lá, não o contrário.

Levanto as sobrancelhas. Ah não.

— Por que sou mulher? Por que sou terráquea?

Dravos balança a cabeça.

— Porque você não é daqui. Você não passou sua vida toda fazendo coisas do tipo. E, mesmo assim, você foi.

Dou de ombros.

— Era a única coisa que eu podia fazer.

Ele se ajoelha na minha frente.

— Não. Você podia não ter feito nada. Podia ter deixado os mercenários

decidirem o que fazer, sem se envolver, porque você ia voltar para casa de qualquer forma. Um deles teria te levado para a força-tarefa.

Engulo em seco. Não quero pensar nisso.

— Você estaria morto se eu tivesse feito isso.

Dravos assente.

— Provavelmente.

Olho para a porta. Não quero continuar essa conversa. Não faço a menor ideia de onde Dravos está querendo chegar, só sei que... Não quero.

Ele coloca uma mão no meu rosto.

— E eu estava pronto para morrer ali, porque conheço meu pessoal. Eles não teriam pensando no que você pensou. Se tivessem entrado em contato com Pryin, talvez ela falasse algo assim, mas já seria tarde demais.

Olho para Dravos. Por que ele está insistindo em falar isso? Tenho certeza que ele já percebeu que não quero ficar pensando nisso.

— O que eu quero é que você entenda o que fez. Não foi um “era a única coisa que eu podia fazer” ou um “não foi nada demais”. Foi sua escolha, desde o começo. Foi algo que eu nunca esperaria que alguém fizesse por mim. Você colocou sua vida em risco para tentar salvar a minha, sabendo disso tudo.

Meus olhos estão ardendo, mas eu não vou chorar. Não vou.

— Eu conversei com Gabi. Ela me contou que você recusou a oferta dela para ficar aqui. Então, quando for, só queria que soubesse que vai levar um pedaço de mim.

Engulo em seco. Ele não falou isso. Não falou.

Falou.

Fecho os olhos e respiro fundo. Dravos começa a se levantar e seguro seu braço. Eu recusei a oferta de Gabi, sim. Mas porque eu realmente não consigo me imaginar trabalhando para a força-tarefa, não como ela me sugeriu.

Abro os olhos e encaro Dravos.

— E trabalhar para ela é o único jeito de ficar aqui?

Ele abre a boca para responder e para. Acho que deixei Dravos sem palavras. Ele tenta começar a falar de novo e para, antes de balançar a cabeça.

— Não. Não, não é.

Sorrio. Então posso pensar em ficar.

Dravos se levanta de uma vez e me empurra para trás. Caio na cama com ele em cima de mim, me beijando como se eu fosse a coisa mais importante da vida dele. E, pelo menos agora, acho que sou.

Passo os braços ao redor da sua cintura e o puxo mais para perto. Quero sentir Dravos sobre mim e lembrar que tudo deu certo. Valeu a pena. Ele está bem. A confusão toda acabou.

— Eu devia ter vindo para cá primeiro — Dravos fala, levantando a cabeça. — Antes de qualquer outra coisa, antes de...

Devia. *Devia*. Mas ele está aqui agora.

— Tira a blusa — peço.

Enfio as mãos por baixo da blusa dele e puxo. Dravos rola para o lado e termina de tirar a blusa. Coloco uma mão no seu peito e me sento na cama. Não. Já que ele está assim...

Nenhuma marca. Não sobrou nenhuma marca do que fizeram com ele. As linhas de bolinhas coloridas estão nos mesmos lugares de sempre, como se nada tivesse acontecido. Não ficou nenhuma cicatriz. Nada. Passo uma mão pelo seu braço. Nada também, mesmo que eu ainda me lembre do sangue pingando toda vez que ele tentava se mover.

— Conseguiram regenerar tudo — ele murmura.

Assinto. Quero pedir para ele me prometer que isso nunca mais vai acontecer, mas sei com quem estou falando. Ele é *Dravos*. Isso é um risco da vida dele. E eu não pediria para ele mudar. É o *meu* Dravos, com riscos e tudo mais.

Ele me puxa para baixo.

— Isso não vai acontecer de novo — ele fala, e isso parece demais com uma promessa.

Balanço a cabeça.

— Você não tem como prometer isso.

Dravos sorri.

— Tenho, porque você vai estar comigo. Minha Jéssica não vai deixar isso acontecer de novo.

Dou um tapa no seu peito e ele me puxa de novo. Caio em cima dele, que termina de me puxar para cima do seu corpo. Sinto sua ereção, mas

Dravos não faz mais nada: só me segura no lugar, passando uma mão nas minhas costas. Não era isso que eu esperava depois daquele beijo, mas acho que é o que nós dois precisamos. Calma. Só isso. Só saber que tudo deu certo.

Draco mia alto. Suspiro e escondo o rosto no pescoço de Dravos. Não quero sair daqui. Draco mia de novo, mais alto dessa vez. Droga.

— Vamos voltar para a minha nave — Dravos resmunga. — Ao menos lá temos alguma coisa para o seu gato se distrair.

TRINTA E DOIS

Se eu já pensava que a nave de Dravos era enorme, a de Gabi é maior ainda, porque a nave dele está aqui *dentro*. Não tinha caído a ficha disso antes. Passo a mão na cabeça de Draco, que está querendo pular para o ombro de Dravos. Acho que ele tem uma mania nova. Mas Dravos está carregando as coisas do meu gatinho, então não posso deixar ele pular.

— Aonde vocês pensam que estão indo? — Gabi pergunta.

Olho para trás. Ela está parada no meio do corredor, com os braços cruzados.

Dravos suspira.

— Para minha nave.

— E depois que vocês forem para lá, vou demorar quase um dia inteiro pra conseguir fazer vocês dois voltarem. Melhor não. Reunião, agora.

— Mas... — começo.

Ela fica séria.

— Agora, e depois vocês podem se trancar num quarto e passar a semana inteira transando.

Ai meu Deus, ela falou isso. Eu não acredito que ela falou isso.

— Vamos — Gabi insiste.

Olho para Dravos. Ele dá de ombros. Bom, se vamos ter uma reunião ou coisa assim, melhor fazer isso de uma vez.

Ela nos leva direto para um elevador.

— Se segurem.

Segurar para quê? É só um elevador. Mas obedeço. Quase caio assim que o elevador sai do lugar. Ele está fazendo qualquer tipo de caminho, *menos* uma linha reta. Certo. Certinho. Super normal.

Assim que a porta do elevador abre, Draco pula. Ainda tento alcançá-lo,

mas ele já está no meio do corredor. Gabi ri e não demora muito para ouvirmos um grito de susto. Um alarme começa a tocar quase na mesma hora.

— Atenção. Ser vivo não identificado dentro da nave. Atenção. Ser vivo...

Gabi suspira.

— Aliens. — Ela coloca uma mão perto da orelha e parece que aperta alguma coisa. Comunicador? — Gabi para Controle. O ser vivo não identificado é um gato dos nossos convidados. Um gato. Isso. Sim, é inofensivo. — Ela abaixa a mão e olha para mim. — Eu acho.

Dou de ombros. Para mim ele é inofensivo.

O tom do alarme muda.

— Atenção. Animal amigável solto dentro da nave. Atenção. As ordens são para deixá-lo em paz. Atenção. Animal...

Assim é melhor.

— Vamos — Gabi chama. — Deixa seu gato ter espaço para voar. Depois a gente procura ele.

Só espero que os aliens da nave de Gabi reajam melhor a um gatinho voador do que os da nave de Dravos. Pensando bem... Espero que não. Vai ser divertido.

— Tem certeza que não vão fazer nada com ele? — Pergunto.

— Tenho.

— Você sabe que esse gato é uma espécie selvagem, não sabe? — Dravos encara Gabi.

Ela sorri e dá de ombros.

— É só um gatinho. Vocês aliens precisam conhecer coisas novas.

Gabi não espera para ver a resposta dele e começa a andar. Seguro minha risada e vou atrás.

Entramos em uma sala pequena, com dois sofás cinza-escuro, uma mesinha de centro e um monitor que ocupa mais da metade da parede. Gabi vai direto para uma das paredes “vazias”, abre uma portinha e tira uma garrafa de Coca-Cola.

— Querem? — Ela levanta a garrafa na nossa direção.

— Quero!

Gabi tira outra garrafa de lá e fecha a porta. Me sento em um dos sofás antes que ela fale alguma coisa e estico a mão para pegar a garrafa. Dravos coloca as coisas do meu gatinho no chão e se senta ao meu lado, balançando a cabeça.

— O que foi?

— Pryin me contou sobre essa bebida. Vocês usam ela para desentupir canos, mas continuam bebendo como se não fosse tóxico. — Ele balança a cabeça de novo.

Gabi ri, se sentando no sofá na nossa frente.

— Eu nunca usei Coca para desentupir pia — falo.

— Eu já — Gabi conta. — Funciona que é uma beleza.

Olho para ela.

— O que foi? Era o que tinha em casa!

A porta se abre. Olho para trás. Outra mulher está entrando na sala, sozinha. O que uma pessoa está fazendo dentro de uma nave usando um top justo e uma saia que vai até os pés? Ou melhor, cascos. Certo. Não é terráquea. Mas mesmo assim bate aquela invejinha. Ela é linda.

— Jéssica, essa é Isla, dona dessa nave. Dravos, acho que vocês já se conhecem.

Eu pensei que a nave fosse de Gabi. Mas, na verdade, faz mais sentido ser de um alien. Uma alien.

Isla estreita os olhos e encara Dravos.

— De passagem. — Ela se vira para mim. — Soube que fez um estrago na base.

Dou de ombros. Não me arrependo no que fiz, mas não quero ficar me lembrando disso.

— E o seu companheiro? — Dravos pergunta. — Não vai vir?

— Kernos? Ah, ele ficou em Nehyna.

Dravos dá *aquele olhar* para Gabi, que ri. Bom que sempre tive certeza que ela era louca. E espera. Kernos não era o alien que comprou ela? O que ela falou que já estava indo atrás dos mercadores? Então eles são companheiros?

— Ele estava arrastando a árvore de natal para dentro do complexo quando percebi o problema na sua nave. Não dava tempo de esperar ele

terminar e subir. — Ela dá de ombros. — Ele está furioso comigo, o que não é necessariamente uma coisa ruim, e deve nos alcançar daqui a pouco.

Ela é louca. Não, espera.

— Árvore de natal? — Dravos e eu perguntamos juntos.

Isla balança a cabeça.

— Não pergunte, Dravos.

Gabi dá de ombros de novo.

— Eu gosto das luzes. Me deixa.

Tudo bem, eu também gosto das luzinhas, mas... Ela está arrumando uma árvore de natal aqui? No espaço?

— Espera, é natal?

Ela sorri e Isla revira os olhos.

— Não faço a menor ideia.

Louca.

— E vamos ao que interessa — Isla corta.

Gabi assente, séria. Quando ela fica assim nem parece a terráquea louca.

— Já estamos trabalhando nas informações que Pryinala repassou, mas precisamos ter uma rede de suporte para as pessoas que resgatarmos. Quando estamos lidando com terráqueas, temos tudo organizado aqui e a APLA para nos ajudar com quem quer voltar para a Terra. Com essa nova informação, temos pessoas de várias espécies sobre as quais não sabemos nada, tendo que localizar os planetas de origem e encontrar uma forma de permitir que voltem sem causar choques na sociedade — Gabi fala.

— Pryin pode...

— Pryinala pode cuidar de parte desse processo, localizar os planetas e em alguns casos trabalhar a questão do choque — ela interrompe. — O que, pelo que entendi, já vai ser complicado porque vai envolver muitas viagens, o que seria arriscado. Mesmo assim, ela não pode manter as pessoas que resgatarmos em Nassi. Isso é simplesmente impossível.

Dravos assente.

— Pryin é um alvo para pessoas demais, por causa da sua rede de informações. Não é à toa que ela nunca fica muito tempo no mesmo lugar. Sair para intermediar o retorno das pessoas *vai* ser complicado. E sobre onde manter quem resgatarmos... Posso dar um jeito nisso.

Gabi assente e olha para Isla de relance.

— Estava contando com isso. Se precisar de recursos da força-tarefa, entre em contato. Não tenho a menor dúvida de que a essa altura você sabe exatamente o que temos disponível.

Dravos sorri. É, ele sabe. Ou melhor, sua irmã sabe, com certeza. Pelo que Gabi me contou mais cedo, Pryinala é uma lenda quando o assunto é comércio de informações e espionagem. Ela literalmente sabe de tudo.

Um painel do teto se solta. Dou um pulo o olho para cima em tempo de ver Draco descer. Tinha que ser meu gatinho. Rio enquanto ele voa pela sala. Dravos suspira. Não adianta tentar pegar Draco quando ele está assim, tenho que esperar ele querer descer. Mas pelo menos agora eu sei *onde* ele está.

Isla levanta um braço e pega Draco no ar. Com uma mão. Ele mia e bate as asas, mas ela continua olhando para ele.

— Então esse é o tal ser vivo não identificado.

Draco mia de novo e abaixa as asas. Isla passa ele para mim. Meu gatinho se enrola no meu colo, encarando Isla. Acho que ele não foi com a cara dela.

— É só um gatinho, Isla.

— Toda vez que você fala “é só” alguma coisa, tenho motivos para me preocupar.

Gabi ri alto e balança a cabeça.

Acho que estou perdendo alguma piada, mas tudo bem.

— Dravos, sobre a proposta de alterações de leis — Isla fala. — Imagino que você sabe exatamente o que estão fazendo, não é?

Dravos assente.

— Já temos certeza de que o projeto vai passar — Gabi continua, séria de novo. — É só uma questão de tempo até a aprovação inicial, para irmos para os testes de implementação. Tenho meus planos para as coisas darem certo até lá e não escolherem alguém que vai foder com tudo o que fizemos, mas só estou pensando pelo lado das terráqueas.

— É melhor assim — Dravos fala. — Se pensarem que não existe mais nenhuma espécie além dos terráqueos, ninguém vai procurar por nós, nem colocar restrições que não deveriam existir. É melhor ninguém saber sobre as outras espécies que estão sendo trazidas para cá antes dessas novas leis já

estarem firmes, senão vão achar formas de bloqueá-las.

Gabi assente.

— Isso é quase a mesma coisa que Pryinala falou. Só não entendo por que têm tanta certeza de que bloqueariam o projeto ou colocariam restrições.

Ah, eu entendo. Me lembro de Isa com uma mão no meu ombro, ficando invisível a todos os sensores enquanto isso. Se já estão vendendo terráqueas, sendo que nós não conseguimos fazer nada nem perto disso, o que fariam com a espécie de Isa?

Dravos sorri e não responde. Gabi estreita os olhos.

— Certo. Guarde seus segredos por enquanto. Não vai demorar para eu descobrir.

— Se descobrir, vai ter direito às informações — ele responde.

Isla estreita os olhos, encarando Dravos, e então assente. Acho que ela também entendeu alguma coisa. E não tenho a menor dúvida de que hoje ainda Gabi já vai ter descoberto o suficiente para entender isso.

TRINTA E TRÊS

DOIS ANOS DEPOIS

Gabi

“O projeto de alteração das leis do Acordo de número 47-88-04-9 foi aprovado.”

Encaro as palavras no monitor pregado na parede. Sêrio? É pra valer? Conseguimos? Ou eu estou vendo coisas? Olho para a long neck na minha mão. Posso ter bebido demais, até porque perdi o costume de beber nos últimos dois anos.

— Isso! — Suelen grita.

Okay, acho que isso quer dizer que não estou vendo coisas.

— PUTA MERDA, DEU CERTO!

Me levanto de uma vez e puxo Suelen.

— Deu certo, deu certo, deu certoooooooo!!!

Isla toma a garrafa que está na minha mão e cruza os braços. Fodas. Isso *merece* ser comemorado. Abro a geladeira embutida na parede e tiro mais uma Stella. Não acredito que conseguimos. Quatro anos de trabalho desde que cheguei aqui, mais não sei quantos antes, quando Kernos estava fazendo as coisas por conta própria, e finalmente deu certo.

— Onde está todo mundo nessas horas? — Suelen pergunta. — Já não basta Ithori ter que trabalhar, mas achei que fosse ser só ele.

Abro a garrafa e viro um gole grande.

— Tati e Darius estão na Terra. Aniversário de alguém da família dela — Isla conta. — Kernos e Kratos estão em Rhergai.

— É um tipo de festival tradicional deles que acontece sempre que tem um tipo de conjunção de fases das luas e mudança de estações — explico,

dando de ombros. Nunca prestei atenção em fases da lua na vida. Quer dizer, no máximo para olhar quando ir cortar o cabelo. — Tem algum tipo de ritual de passagem ou coisa assim envolvida que é pais cuidando de filhos e mães cuidando de filhas, então eu não ia nem poder chegar perto. Melhor ficar aqui e trabalhar.

Suelen está me encarando como se eu fosse um alien. O que foi agora?

— Kratos?

Reviro os olhos.

— Meu filho. Você pode ter passado os últimos dois anos pulando de uma missão pra outra, mas tenho certeza que não é tão lerda assim.

— Você batizou seu filho de Kratos?

Ah, isso. Dou de ombros de novo.

— Eu queria um nome que parecesse rhergari, até porque esse pirralho vai passar mais tempo aqui no Acordo que na Terra.

Suelen respira fundo e solta o ar lentamente.

— Gabi... Kratos?

Levanto as mãos.

— Ele tem pele humana com linhas vermelhas. De que você queria que eu chamasse?

E ela tem sorte que ele não é vermelho com linhas pretas que nem o pai. Senão eu ia ficar tentada a chamar de Wade. Mesmo assim, já mandei fazer uma fantasia de Deadpool tamanho infantil.

Suelen balança a cabeça.

— Imagino que esse nome queira dizer outra coisa para vocês, então — Isla comenta e toma um gole da cerveja que pegou da minha mão. Sorrio quando ela faz uma careta. Mais para mim.

— Com certeza! — Suelen responde.

— Mais um costume terráqueo estranho. — Isla balança a cabeça e olha para a árvore de natal no canto da sala.

Ignoro o comentário silencioso e tomo mais um gole da minha cerveja. Sim, tem uma árvore de natal na minha sala. Sim, faz dois anos que ela está aqui. Algum problema? Quando pedi Kernos para cortar uma árvore de natal, ele não achou nada pequeno o suficiente, então Darius e ele derrubaram uma das árvores grandes, a colocaram no pátio interno do complexo, e cortaram

um galho para colocar aqui dentro. E como as folhas continuam como se a árvore tivesse sido cortada ontem, não tirei o galho daqui. Para quê? É uma ótima decoração.

— Gabi... Kratos, sério? — Suelen insiste.

— Não me olha com essa cara. Tinha que ver Kernos insistindo que queria dar uma faca de presente de aniversário de dois anos para ele. Eu tive que *brigar* para ele não fazer isso.

E essa foi a única briga que tivemos para valer por causa de Kratos. Admito que estava preocupada com como as coisas iam ser depois que ele nascesse, mas Kernos cumpriu o que combinados da primeira vez que ele mencionou filhos: trabalho dividido. E muito bem dividido. Para ser bem honesta, para quem nunca tinha pensado tanto na coisa de ter filhos – na verdade, tinha pensado que nunca ia ter coragem de fazer isso – eu até estou sentindo falta de Kratos aqui. Não foi uma mudança tão grande na minha vida quanto eu pensei que seria, especialmente porque Kernos fez a sua parte.

— Não, para. — Suelen balança uma mão. — Kernos queria dar uma faca de presente para um bebê? É sério isso?

Reviro os olhos e assinto.

— Obrigada por concordar comigo, porque Kernos achou um absurdo eu não concordar, ainda mais levando em conta que ele anda o tempo todo com facas.

Suelen passa uma mão pelo rosto.

— Ele é adulto. Não uma criança que mal aprendeu a andar.

— Exatamente! E ele vem de uma espécie de guerreiros fodões. É diferente. Não vai enfiar uma faca na mão de um bebê!

Isla ri.

— E como você acha que eles se tornam “guerreiros fodões”, como disse? Dois anos é a idade que uma criança rhergari começa a aprender a lutar. Ao mesmo tempo em que está aprendendo todas as outras coisas que são a base para a vida adulta.

Olho para ela, de boca aberta. Ah, não. Não vou aceitar Isla ajudando Kernos nessa loucura.

— Meu filho é só *meio* rhergari — resmungo.

Ela assente.

— É por isso que vou esperar até o aniversário de três anos para dar uma faca de presente.

Abro a boca para responder e paro. Puta que pariu, fodeu. Já estou até imaginando Kratos correndo pela casa com uma faca na mão. Quais as chances de dar merda? Ou melhor, quais as chances de *não* dar merda? Eu estou *tão* fodida.

O celular que deixei em cima da mesa apita. Com certeza não é Kernos. Ele avisou que estaria incomunicável até amanhã, por causa do tal ritual. E levando em conta as horas, aposto que é minha prima.

Gesticulo para Suelen, que pega o celular e o joga para mim. Abro a mensagem.

Carol: *A menos que eu esteja calculando o horário errado, já saiu o resultado daquele treco. E aí?*

Respiro fundo. É. Minha parte deu certo, o projeto foi aprovado. Agora vêm os testes de implementação, e isso vai ser com Carol. E ela vai ter que trabalhar com um drilliano, não me esqueci desse detalhe.

Gabi: *Foi aprovado. Não deve demorar para repassarem as informações para a APLA.*

E aí as coisas vão estar completamente fora do meu controle. Merda.

PRÓXIMO LIVRO: VERTAN



Descobrir que aliens existem não foi grande coisa para Carol. Aquilo pelo menos queria dizer que ela não estava louca nem tinha imaginado tudo o que aconteceu quando terminou seu último namoro. Não que ela tivesse como duvidar do que se lembrava, levando em conta as escamas super resistentes que podem cobrir todo o seu corpo com um simples pensamento.

Agora, ter que trabalhar com seu ex no projeto mais importante da sua vida? De forma alguma. Especialmente porque esta é a única chance que Carol tem de fazer o Conselho do Acordo aceitar as leis que vão proteger as mulheres terráqueas. Não que ela tenha muita escolha: mesmo depois de

mandar outra pessoa como consultor, o Conselho ainda quer a presença de Lucas.

Para piorar, o Conselho decide que não tem certeza de que uma terráquea pode trabalhar de igual para igual com eles. A solução é propor um desafio – uma forma de repassar o trabalho que eles não querem fazer. Carol precisa descobrir a origem do comércio de terráqueas e fazer isso sem um escândalo – coisa bem complicada, considerando que dois membros do Conselho já foram presos por isso. E onde ela vai precisar ir, talvez não seja uma má ideia ter os dois aliens por perto.

Para informações exclusivas e antecipadas sobre a série e outros lançamentos, assine a [lista de emails aqui](#). A newsletter é enviada mensalmente e prometo não fazer spam ;)

AGRADECIMENTOS

Esse livro foi uma coisa inesperada... Ou melhor, mais complicada que inesperada, na verdade. Eu só não esperava que fosse me dar *tanto* trabalho. A Jéssica é a protagonista mais difícil de escrever que já fiz, porque ela é basicamente o meu oposto. Entrar na cabeça dela foi um tantinho complicado.

Para começar, como sempre, Gaby Fraga. Mais uma vez, além do crédito por ter feito essa série começar, ela leva os créditos pela farofa. Eu nunca ia ter pensado em Kratos, mas pelo visto não é só o pós carnaval que faz as ideias loucas surgirem.

Jéssica Gomes, que acho que não imaginava a ferrada que isso ia ser quando pediu para virar personagem. Toma sua personagem, agora me deixa voltar pras personagens porra loucas. Escrever esse livro foi uma experiência e tanto, e quem mais ouviu meus resmungos foi ela. Ok, os resmungos foram culpa dela, então acho que estamos quites.

Renata Barbosa e Virna Lopes, que aguentaram meus momentos de “agora vai” antes de sumir por mais de um mês e “eu juro que agora vai de uma vez” que obviamente não renderam tanto assim.

As loucas do whatsapp, como sempre, que acabam rendendo ideias para a farofa sem nem saber. E as loucas do wattpad também, pelos comentários e pela santa paciência com a minha lerdeza para terminar esse livro.

E, claro, todo mundo que leu, avaliou, comentou, indicou, o que quer que seja, e que continua me acompanhando na loucura que é essa série. Muitíssimo obrigada a todos vocês!

OUTROS TÍTULOS DA AUTORA

CRÔNICAS DE TÁIRAN

Os Guardiões

[Sentinela](#)

[Vigilante](#)

[Protetora](#)

[Guardiã](#)

[Os Guardiões \(Box\)](#)

Terceira Era

[Pagamento](#)

FILHOS DO ACORDO

[Kernos](#)

[Darius](#)

[Sobre Rhergai \(conto\)](#)

[Ithori](#)

Dravos

AYMERIA

[Nilue](#)

CIDADES LIVRES

[Tempestade](#)